



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS**



ELAINE CRISTINA DOS SANTOS

**LABAFERO: a diversidade cultural de Maruim no processo de leitura e escrita
através do cordel**

**São Cristóvão
2021**

ELAINE CRISTINA DOS SANTOS

LABAFERO: a diversidade cultural de Maruim no processo de leituração e escrituração
através do cordel

Relatório apresentado ao Mestrado Profissional
em Letras da Universidade Federal de Sergipe,
como requisito parcial para obtenção do título
de mestre.

Orientadora: Prof.^a Dra. Laura Camila Braz de
Almeida

São Cristóvão
2021

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

ELAINE CRISTINA DOS SANTOS

LABAFERO: a diversidade cultural de Maruim no processo de leitura e escrita através do cordel

Relatório de pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras (PROFLETRAS), da Universidade Federal de Sergipe – núcleo São Cristóvão, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Laura Camila Braz de Almeida (Orientadora)

São Cristóvão

2021

A minha amada família, pelo imensurável e incondicional apoio.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Criador, primeiramente, por ter me guiado à entrada no curso Profletras. Pela energia e perseverança em mim cultivada para concluir este trabalho.

A minha família, em especial, a meus filhos, Alan e Aimée, que muitas vezes, durante esta jornada, trocaram amorosamente nossos papéis de mãe e filho (a).

Aos meus professores, que se esforçam para fazer de nossa profissão um ato social cada vez maior e melhor de todos. Em particular, ao professor Alberto Roiphe, por me reaperentarmos à Literatura de uma forma tão bonita; por gostar de se importar com o outro. Quantos ensinamentos!

Aos queridos e queridas colegas de curso pela troca de aprendizados, pelas constantes formas de carinho, pela união e amizade nos momentos de conquistas e de angústias também.

À Amélia, pelos incansáveis convites para que eu adentrasse no curso de Mestrado; pela minha inscrição nas provas do Profletras e incentivo durante esta caminhada.

Agradeço imensamente a minha orientadora Doutora Laura. Sua atenção, paciência e generosidade são infinitas. Fui agraciada por conhecê-la. A sua fala foi sempre acompanhada de muita sabedoria, compromisso com o conhecimento e com seu trabalho em todo processo de orientação. Foi um encontro feliz.

Por fim, agradeço a todos do Colégio onde trabalho que me apoiaram. E aos alunos do 9º ano que disseram 'Sim' para a realização desta pesquisa, especialmente ao ex aluno Hefraim A. Israelí, por dispensar sua arte e sua atenção a esta pesquisa.

Que o amor seja presente,
que sempre lhe fortaleça,
que a vida lhe dê amigos,
que você sempre agradeça,
que a cada sofrimento
esse belo sentimento
nasça, cresça e permaneça.
Braúlio Bessa

RESUMO

A ação escolar com vistas ao letramento tem sido objeto de muitas pesquisas. Ainda assim, o fracasso escolar tem prevalecido nesse quesito. Ou seja, a aquisição de competência leitora e escritora por parte dos educandos mostra-se um desafio a ser superado pela escola. Isto posto, propõe-se, neste relatório, trabalhar com o letramento ancorado na diversidade cultural da comunidade dos alunos e no gênero literário folheto de cordel. O objetivo deste trabalho é produzir um caderno pedagógico que procura subsidiar os (as) professores (as) nas suas ações pedagógicas no que tange o letramento pautado no contexto cultural com alunos do 9º do ensino fundamental. As práticas aqui sugeridas estão apoiadas no folheto de cordel “As aventuras de Otto Sharamm – as cobras do gabinete de leitura de Maroim”, do escritor sergipano Hefraim Andrade com o qual se pretende auxiliar os professores em estratégias de leitura, compreensão e escrita de texto – poesia popular. Acredita-se que, providos dessas habilidades, os alunos serão capazes de obter melhorias no rendimento escolar e, trabalhando com o gênero cordel, com reconhecimento de sua identidade cultural. Nesta pesquisa foi adotado o modelo da pesquisa-ação de Tripp (2005). As contribuições de Solé (1998), Ferrarezi Jr. e Carvalho (2017) foram essenciais para abordagem de leitura e escrita; sobre folheto de cordel Roiphe (2011) e Abreu (1999) e sobre a linguística aplicada, há colaboração de Antunes (2012) e Bortoni-Ricardo (2004). Com respeito à metodologia, este projeto está estruturado nos moldes da pesquisa qualitativa defendida por Lüdke e André (1986) e Almeida (2009) para aprofundamento das abordagens do tema exposto. Por intermédio da teoria e sugestão de atividades propostas neste trabalho, pode-se concluir que o diálogo entre a cultura local e práticas de letramento possibilitam ensino de qualidade.

Palavras-chave: Cultura. Folheto de Cordel. Letramento.

ABSTRACT

The school action toward literacy has been the object of much research. Even so, school failure has prevailed in this regard. In other words, the acquisition of reading and writing skills by students is a challenge to be overcome by the school. Therefore, this report proposes to work with literacy anchored in the cultural diversity of the students' community and in the literary genre "folheto de cordel" (cordel booklet). The objective of this work is to produce a pedagogical notebook that seeks to subsidize teachers in their pedagogical actions regarding literacy based on the cultural context with 9th grade students. The practices suggested here will be based on the cordel booklet "As aventuras de Otto Sharamm - as cobras do gabinete de leitura de Maroim, by the writer Hefraim Andrade, from Sergipe, with which we intend to help teachers in reading strategies, comprehension and writing of text - popular poetry. It is believed that, provided with these skills, students will be able to obtain improvements in school performance and, working with the cordel genre, with recognition of their cultural identity. In this research the action research model of Tripp (2005) was adopted. The contributions of Solé (1998), Ferrarezi Jr. and Carvalho (2017) were essential to approach reading and writing; about cordel leaflet Roiphe (2011) and Abreu (1999) and about applied linguistics, there is collaboration of Antunes (2012) and Bortoni-Ricardo (2004). With respect to methodology, this project was structured along the lines of the qualitative research advocated by Lüdke and André (1986) and Almeida (2009) to deepen the approaches to the exposed theme. Through the theory and suggestion of activities proposed in this work, it can be concluded that the dialogue between local culture and literacy practices enables quality teaching.

Keywords: Culture. Cordel Booklet. Literacy.

FIGURAS

Figura 1 - Folheto do cordel	38
Figura 2 - Mapa de localização Maruim / SE.....	43
Figura 3 - Esquema da sequência didática	50
Figura 4 - Capa do folheto de cordel.	56
Figura 5 - Gabinete de leitura de Maruim-SE	60
Figura 6 - Foto do gabinete no início do século XX	60
Figura 7 - Capa do folheto.....	94
Figura 8 - Esquema da sequência didática	96

GRÁFICO

Gráfico 1 - Procedência dos alunos do CEFTG	46
--	----

QUADROS

Quadro 1 - Apresentação da situação	53
Quadro 2 - 1º módulo da sequência	55
Quadro 3 - 2º Módulo da sequência	58
Quadro 4 - 3º Módulo da sequência	62
Quadro 5 - 4º Módulo da sequência	65
Quadro 6 - 5º Módulo da sequência	688
Quadro 7 - 6º Módulo da sequência didática	70
Quadro 8 - 6º Módulo da sequência	73
Quadro 9 - Módulo da sequência	75
Quadro 10 - 9º Módulo da sequência didática	79

TABELAS

Tabela 1 - Indicadores Saeb para a escola.....	22
Tabela 2 - Indicadores Saeb para o Brasil	22
Tabela 3 - Quantitativos de alunos do CEFTG.....	44
Tabela 4 - Mapa avaliativo 1	56
Tabela 5 - Mapa avaliativo 2	59
Tabela 6 - Mapa avaliativo 3	64
Tabela 7 - Mapa avaliativo 4	66
Tabela 8 - Mapa avaliativo 5	68
Tabela 9 - Mapa avaliativo 6	72
Tabela 10 - Mapa avaliativo 7	74
Tabela 11 - Mapa avaliativo 8	77
Tabela 12 - Mapa avaliativo 9	80

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
2.1 Sobre leitura.....	19
2.2 Mapeamento do fracasso escolar	22
2.3 As estratégias de letramento	24
2.3.1 Letramento com cordel.....	29
2.3.2 Letramento e interação	34
2.3.3 O léxico na diversidade cultural de Maruim	38
3 METODOLOGIA	43
3.1 Contexto da pesquisa	43
3.2 A coleta de dados.....	46
3.3 Sobre a metodologia	47
3.4 Organização da Sequência Didática	50
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS	83
APÊNDICE A - CADERNO PEDAGÓGICO	86
APÊNDICE B - SUGESTÕES DE PERGUNTAS PARA CAPA E NARRATIVA DO FOLHETO DE CORDEL	111
APÊNDICE C	113

INTRODUÇÃO

Estudos sobre leitura e escrita são pontos discutidos de longa data por professores e estudiosos dessa área de conhecimento. No Brasil, tais discussões estão pautadas na representação de fracassos escolares vinculados ao aprendizado da língua, sobretudo, o baixo nível de proficiência em leitura e escrita por parte dos educandos nas mais diversas modalidades de ensino historicamente registrados nos índices de aprendizagem.

Nesse quadro de tensão educacional, a escola, infelizmente, interage com o conformismo da realidade fracassada das escolas brasileiras, pois, à medida que a educação se encontra cada vez mais democratizada, a qualidade do ensino não tem acompanhado esses avanços. Nesse sentido, a escola é contraditória no que concerne a seus objetivos de formar alunos proficientes em leitura e em escrita porque a realidade da maioria das escolas não condiz com sua finalidade.

Enquanto a educação ruma por esses caminhos confusos na busca da qualidade de ensino, os professores procuram

sobreviver a esse fato, pois eles também são componentes do sistema educacional e, como a escola, perpassam por constantes fracassos no que diz respeito ao sucesso escolar dos educandos. A diferença entre a escola e o professor é que aquela tem se acomodado com as evidências negativas presentes em seu contexto (desde os indicadores nacionais de desempenho até sua estrutura insuficiente) e este tende a buscar o caminho da qualidade do ensino, ainda que falhe na sua busca.

Os professores, particularmente os de Língua Portuguesa, padecem com mais intensidade em relação aos demais professores de outros componentes curriculares, pois os docentes de Língua Portuguesa são rotulados como os responsáveis pelo cenário de improficiência em leitura e escrita e, conseqüentemente, os mesmos são apontados como responsáveis pelo insucesso dos alunos nas demais disciplinas porque não sabem compreender o que leem. Entretanto, Kleiman e Moraes (1999, p. 16-17) categorizam:

O exemplo de todos os professores da escola engajados no ensino e valorização de leitura é mais efetivo para a formação de novos leitores do que aquilo que pode ser alcançado por apenas um professor, o de língua; esse tem que lutar muitas vezes sozinho contra as representações de que as aulas de leitura é perda de tempo. [...] sendo a escola a mais importante instituição na introdução do aluno nas práticas de uso da escrita na sociedade, não faz sentido atribuir a responsabilidade pelo ensino de leitura ao professor de apenas uma matéria.

Há, na verdade, críticas dessa natureza oriundas dos próprios colegas de trabalho e das autoridades das redes de ensino. Fato inconcebível, posto que todos que fazem a escola/educação são corresponsáveis pelo bom aprendizado de leitura e escrita dos alunos. Além disso, todos os professores, sem exceção, fatalmente trabalham com a língua. Assim, é, conforme Kleiman e Moraes (2007), injusto e contraditório atribuir o fracasso escolar unicamente ao professor de Língua Portuguesa (LP).

Além de levar consigo a carga da responsabilidade do insucesso dos alunos, o professor de LP ainda tem que enfrentar o maior dos seus desafios: muitas vezes o professor, consciente das dificuldades de aprendizagem dos seus alunos, não consegue perceber o cerne do problema e, se soubesse disso, ainda não saberia como resolvê-lo. Isso se dá, entre outros fatores, porque essa problemática não é trabalhada na graduação. Tais professores não possuem uma formação inicial ajustada naquilo que eles vão enfrentar ao longo de sua carreira.

A teórica Maria Teresa Esteban (2013) corrobora com as afirmações mencionadas em relação ao fracasso escolar e formação de professor quando diz que:

Os (as) professores (as) se encontram em suas atividades cotidianas com a necessidade de instrumentos para responder ao fracasso escolar. É preciso, portanto, indagar também a formação docente que deve atender às demandas próprias da realidade da qual está imersa. Formar professores e professoras não é uma tarefa exclusivamente técnica, é sobretudo uma tarefa ética. (ESTEBAN, 2013, p. 26).

A questão da boa formação docente é crucial para o bom trabalho do professor e, como resultado, o bom desempenho dos alunos. Visto que o foco dos problemas de aprendizagem gira em torno do trabalho com leitura e escrita, o professor carrega consigo outro impasse que é o baixo nível de compreensão de leitura e, muitas vezes, aversão à leitura e ao uso da escrita por parte dos seus alunos. Ou seja, pode-se deparar com alunos de anos finais do ensino fundamental sem ter experiências significativas de leitura e de escrita, comparando a sua faixa etária e tempo de estudo formalizado na escola.

Problema

Por tudo isso, esta pesquisa apresenta uma proposta de trabalho pedagógico ao problema de leitura e escrita nos anos finais do ensino fundamental II, 9º ano, a fim de favorecer uma reflexão acerca de defasagem de leitura e escrita atrelada à valorização da cultura linguística, regulada no contexto histórico-social da região onde as unidades de pesquisa estão inseridas. Para tanto, esta pesquisa delineará estratégias específicas de ensino.

Hipóteses

Elucidada a problemática de aprendizagem, procura-se esclarecer as seguintes hipóteses com base na observação do desenvolvimento das aprendizagens da turma durante as aulas antes da Pandemia:

- i. A falta de hábito de leitura e escrita pode ser vinculada à ineficácia das ações pedagógicas nas aulas de leitura e produção de texto.
- ii. O trabalho pedagógico com o gênero literário cordel pode favorecer as atividades de leitura e escrita e, conseqüentemente, contribuir para o aumento das taxas de rendimento dos alunos.
- iii. Através das práticas de leitura e da escrita relacionadas às atividades com o léxico e cultura de Maruim-SE, é possível melhorar o reconhecimento da identidade sociocultural dos alunos.

As hipóteses elencadas não foram confirmadas através do desenvolvimento de estratégias de ensino voltado para esses questionamentos como fora planejado, posto que houve interrupção das aulas de março a junho de 2020 por conta da Pandemia (Covid-19). Em meados de junho ocorreu a modalidade de ensino remoto com pouca adesão dos alunos pesquisados. Por tudo isto, a autora optou por não aplicar a pesquisa como havia sido pensada inicialmente, uma vez que foi necessário reformulá-la devido ao novo contexto das aulas, provocado pelo período pandêmico.

Trata-se aqui, portanto, de uma pesquisa qualitativa que está inserida no campo da Linguística Aplicada, de cunho descritivo e explicativo, constante na área de Linguagens e Letramentos.

Objetivo geral

Esta pesquisa tem como objetivo geral desenvolver habilidades de leitura e compreensão de texto literário e de escrita proficiente com cordel nos alunos do 9º ano, contextualizando com a realidade sociocultural dos mesmos.

Objetivos específicos

Com relação às especificidades do objetivo desta pesquisa, espera-se que os alunos em referência conseguissem ler, compreender e escrever texto usando seu protagonismo para tanto; também objetiva-se reconhecer o cordel enquanto texto literário e motivador para o alcance da

finalidade mencionada; reconhecer o léxico local como fenômeno sociocultural e, conseqüentemente, valorizar a sua cultura e a si mesmo.

Justificativa

Pode-se justificar este trabalho pelo fato de os alunos, especificamente do 9º ano de uma escola localizada no município de Maruim-SE, estarem inseridos em situação de improficiência em leitura e escrita. Sobre esse espaço que precisa ser preenchido na educação dos alunos em referência, alguns colegas de profissão não só confirmam esse fracasso como também pressupõem que o baixo rendimento do alunado em geral – da escola - é causado por essa defasagem de leitura e de escrita. Esses professores alegam que os alunos, na sua maioria, não sabem interpretar o que leem nos textos de livro didático, por exemplo. Também declaram que muitos ficam impossibilitados de responder questões de atividades de sala de aula ou mesmo de provas pela falta da leitura. Do mesmo modo consideram que os alunos dos últimos anos do ensino fundamental escrevem como se estivessem ainda na modalidade do ensino fundamental menor. Afirmam que essas lacunas resultam, assim, em baixo rendimento escolar.

Além da necessidade de preencher esses espaços citados, este trabalho ainda se justifica pelo fato de haver uma desvalorização no reconhecimento do gênero cordel enquanto literatura nas escolas, especialmente em Maruim-SE, local da referida escola e onde há cordelistas atuantes. Dito isto, esta proposta optou por esse gênero que faz parte da cultura local, possibilitando o trabalho de letramento mais significativo para o alunado. Importa também salientar que os alunos em questão apresentam resistência em assumir o local onde vivem – periferia, povoado ou locais com nomenclatura de caráter pejorativo ou ainda espaços onde a violência é mais latente. Em vista desse contexto social, este trabalho procura valorizar o ambiente onde vivem os alunos nas atividades propostas na sequência didática. Ou seja, com vistas ao contexto intelectual e sociocultural dos educandos, sugere-se atividade com cordel oriundo de Maruim, a saber, *As aventuras de Otto Schramm – as cobras do porão do gabinete¹ de leitura de Maruim*, do cordelista maruinense Hefarim A. Israelí, a fim de promover práticas de letramento mais envolventes e que valorizem a diversidade cultural da região em referência.

Assim, acredita-se que esta proposta de trabalho é de grande relevância para melhoria da qualidade do ensino dessa turma, pois a sugestão de trabalho em forma de sequência didática possui caráter motivador por estar próxima da realidade dos educandos, já que a turma se mostra

¹ O chamado Gabinete de Leitura, fundado em 1877 em Maruim, foi outrora uma antiga sociedade literária. Atualmente é o prédio da biblioteca municipal, embora os munícipes ainda a identifiquem simplesmente como ‘gabinete’, conforme identificação na sua fachada. (SILVA, 2006, p. 104).

indiferente, na maioria das vezes, por leitura de textos literários e ainda apresentam apatia ao uso da escrita em sala de aula. Acredita-se também que a inserção da cultura local nesse processo contribuirá positivamente para o sucesso da proposta.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A construção da base teórica corresponde a estudos cruciais para serem dialogados nesta pesquisa. Dessa forma, este fundamento é constituinte de alguns pontos que merecem discussão: questão sobre leitura, estratégias de letramento; o letramento com o cordel e questão do léxico na diversidade cultural de Maruim-SE.

2.1 Sobre leitura

Mostrou-se anteriormente que a leitura proficiente é o grande desafio dos professores de Língua Portuguesa, de forma particular. Fazer com que os alunos consigam entender o que leem e ainda, notar o (s) sentido (s), compreender e escrever sobre o que se lê é ainda um impasse antigo na carreira desses docentes. Se faz necessário, então, saber as causas dessa improficiência leitora e escritora. Algumas delas serão explicadas neste trabalho.

Pode-se considerar primeiro que o ensino de leitura nunca foi uma questão simples. Ainda que os professores se esforcem para esse fim, os dados oficiais do Ministério da Educação do Brasil informam, através do IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), que os alunos brasileiros não dominam o que é esperado para sua faixa etária em relação ao desempenho em Língua Portuguesa, cujo foco é leitura e compreensão de texto.

Os testes de Língua Portuguesa do Saeb, cujo foco é a leitura, têm por objetivo verificar se os alunos são capazes de apreender o texto como construção de conhecimento em diferentes níveis de compreensão, análise e interpretação. A alternativa por esse foco parte da proposição de que, e “ser competente no uso da língua significa saber interagir, por meio de textos, em qualquer situação de comunicação” (BRASIL, 1997, p. 17).

Vista antes como um simples ato de decodificação, a leitura precisa ser vista agora como ato de comunicação e interação. Por isso há constante preocupação não mais com a leitura enquanto conteúdo de componente curricular apenas. Há a necessidade de formar leitor competente para fazer uso da linguagem de acordo com as exigências da vida moderna.

Apesar do grau de importância que a leitura exerce na vida dos indivíduos, observa-se que a maioria do alunado brasileiro não domina essa prática. Kleiman (1999, p 47) não só admite que as escolas têm fracassado na sua missão de formar sujeitos competentes no que concerne à situação de comunicação escrita, como também adverte que a verdadeira apropriação da leitura e da escrita representa o resgate da cidadania desses sujeitos.

Nesse sentido, o Ministério da Educação (MEC), por intermédio da Base Nacional Curricular Comum (BNCC), vem contribuir para algumas inovações em relação à competência do ato de ler escrever, especificamente. A exemplo disso, são apresentadas três das dez competências específicas de Língua Portuguesa para o ensino fundamental registradas na Base:

3. Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.

7. Reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias.

9. Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura (BRASIL, 2018, p 85).

Percebe-se que o trabalho pedagógico com a leitura requer nova visão por parte dos profissionais da área. Hoje a leitura é vista pelo documento oficial supracitado como elemento transformador de realidades, humanizador, meio pelo qual os educandos podem continuar aprendendo. O leitor não é mais mero leitor/decodificador – ele é leitor e também ouvinte; é espectador, locutor e escritor, produtor de sentidos junto ao texto. Tudo isso remete a melhor compreensão de leitura sob essa nova ótica.

Fazendo eco ao registro da BNCC, Ferrarezi e Carvalho (2017, p. 23) declaram:

Ler, escrever. Ouvir e falar. São os objetivos principais do ensino de Língua Portuguesa na educação básica. E ler não é {apenas} ser capaz de decifrar as letrinhas de um alfabeto qualquer; é principalmente, ser capaz de compreender o que um texto traz, interage com ele de forma inteligente, retirar dele o que interessa para nossa vida cotidiana, ser capaz de interferir criticamente nele e na realidade a partir dele, enfim, fazer uso pleno do texto parte da vida social de uma sociedade letrada.

É imprescindível, conforme o depoimento dos autores supraditos, o domínio da leitura para se ler a realidade e, a partir dessa evolução desses saberes, ter poder de transformá-la. Por isso que Freire (1982, p. 8) reforça esse raciocínio ao dizer que a leitura aprendida na escola antecede a leitura ou compreensão e análise do mundo. Um aluno que domina a leitura certamente é capaz de ler sua realidade, seu contexto. Mas tal conhecimento dar-se, segundo Freire (Ibid), no trabalho dinâmico que englobe linguagem e realidade.

Além disso, os autores Ferrarezi Jr. e Carvalho (2017), na citação apresentada chamam a atenção para o assunto do conhecimento apenas do código linguístico por parte dos discentes: este saber não é suficiente para obtenção da verdadeira compreensão do texto. Nesse aspecto:

A leitura passa primeiro, a ser enfocada não apenas como um ato de decodificação, de transposição de um código (escrito) a outro (oral), mas como um ato de cognição de compreensão, que envolve conhecimento de mundo, conhecimento de práticas sociais e conhecimentos linguísticos, muito além dos fonemas e grafemas (ROJO, 2009 p. 77).

Rojo (2009) condiz com a declaração de Freire (1982) e dos autores Ferrarezi Jr. e Carvalho (2017) concernente ao trabalho pedagógico de leitura focado, sobretudo, na compreensão leitora, não na simples decodificação de palavras ou frases. A autora ainda elenca fatores que permitem essa compreensão cognitiva. Infelizmente, é perceptível que muitos professores não se dão conta da importância de todos os elementos que podem fazer parte do trabalho eficaz com a leitura. Alguns exemplos: o conhecimento de mundo, práticas sociais e a própria realidade sociocultural dos seus alunos.

Silva (2009, p. 23-25) apresenta sua visão de leituras para professor. A autora aponta que há necessidade de ver a leitura sob três perspectivas: a leitura mecânica, a leitura de mundo e a leitura crítica.

A leitura mecânica caracteriza-se pela decodificação. O interessante é que a autora ressalta que não enxerga essa habilidade como leitura, mas deixa claro que se trata de uma etapa elementar para o alcance do letramento. A leitura de mundo, “parafraseando Paulo Freire, é um procedimento persistido, que começa no berço e se encerra no leito de morte” (SILVA, 2009, p. 23). Essa habilidade permite compreender vários códigos e sinais, como entender mensagens de uma notícia de jornal, uma imagem, uma canção etc.

A terceira forma de leitura, ainda sob a ótica de Silva (Ibid), é a leitura crítica. Esta consiste na ativação das leituras mecânicas e de mundo e numa visão avaliativa do mesmo. Nesta modalidade de leitura, o leitor questiona, tenta encontrar as intenções do texto, compara-o com outros já lidos, contextualiza, tira suas próprias conclusões. Trata-se de um nível de leitura que não se alcança de imediato. A boa notícia é “que a leitura crítica não é um dom, é um aprendizado” (SILVA, 2009, p.23).

Outro elemento importante no trato com a leitura é a interação. Para Solé (1998, p. 22) a leitura é “um processo de interação entre o leitor e o texto; neste processo trata-se satisfazer [obter uma informação pertinente para] os objetivos que guiam sua leitura”. Para que aconteça essa interação entre texto e leitor se faz necessário, conforme a autora alerta, que haja um leitor ativo, aquele que processa e examina o texto. Informa também que o ato de ler envolve a existência de uma finalidade perceptível para professor e, especialmente, para o aluno.

Diante dessas declarações, pode-se concluir que há muito a conhecer e reconhecer dentro da escola em relação não só à leitura em si, mas também aos demais fatores que a permeiam. É necessário vê-la como um dos processos do letramento, como uma mediadora de outras inúmeras competências que exigem proficiência leitora.

2.2 Mapeamento do fracasso escolar

Sem dúvida, os professores de Língua Portuguesa têm ciência de que a maioria de seus alunos são analfabetos funcionais, ainda que estejam cursando os anos finais da modalidade ensino fundamental. Essa problemática brasileira que envolve mormente a leitura, é realidade na maioria das escolas. Com o *locus* desta pesquisa não é diferente: está representada nos indicadores oficiais do governo federal, muito distante das metas, conforme os dados a seguir:

Tabela 1 - Indicadores Saeb para a escola

Edição	2015	2017	Meta 2019
Média de Proficiência LP	187,54	-----	250
Nível Escala Saeb LP	Nível 3	-----	Nível 6
Fluxo	0,68	-----	0,8
IDEA	1,5	-----	4,2

Fonte: BRASIL/INEP.²

Tabela 2 - Indicadores Saeb para o Brasil

Edição	2015	2017	Meta 2019
Média de Proficiência LP	247,33	253,74	-----
Nível Escala Saeb LP	Nível 5	Nível 6	-----
Fluxo	0,84	0,86	-----

² Disponível em: <http://idebescola.inep.gov.br/ideb/escola/dadosEscola/28029275>.

IDEB	4,2	4,4	4,7
------	-----	-----	-----

Fonte: BRASIL/MEC/INEP.³

Ao fazer uma breve análise dos quadros informativos apresentados, pode-se detectar o quanto as escolas brasileiras estão aquém das expectativas governamentais. Pior ainda é a situação decadente do *locus* desta pesquisa. Trata-se de uma das escolas com menos desempenho de Sergipe, conforme os dados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB).

Embora muitos fatores internos e externos à escola a empurram para esses números não expressivos, pouco se tem feito para melhorar a qualidade do ensino. Haver um diagnóstico do desempenho dos alunos de uma escola é uma coisa. Precisa-se, com esses dados em mãos, tomar decisões urgentes e eficazes para que as metas sejam alcançadas. E essas tomadas de decisões deveriam partir primeiramente das autoridades competentes da educação no país, do estado e da escola.

Enquanto isso, as escolas perpetuam com seus problemas que as impedem de avançar no que diz respeito a oferecer educação de qualidade. A título de exemplo, as escolas públicas, em particular o colégio que se faz referência, sofrem constantemente com a falta de professores no decorrer de anos letivos, dentre eles os de Língua Portuguesa. Na escola onde acontecerá esta pesquisa, ocorreu demasiada substituições de diretores anos a fio (diversas vezes a escola ficou sem equipe diretiva ou com apenas parte dela); ocorreram constantes furtos de materiais didáticos (impressos e tecnológicos), de modo que hoje o colégio não usufrui de nenhum material eletrônico. Aulas com as tecnologias da informação como orienta a BNCC ficam inviáveis. Além disso, o professorado não é agraciado com formação continuada. Esses e outros são fatores comuns que compõem as escolas da rede pública.

Dadas essas informações sobre escolas públicas e o contexto no qual está inserido o colégio em questão, é forçoso haver um trabalho de intervenção que se possa contribuir para amenizar esses problemas, levando em consideração que a escola pode possibilitar aos seus alunos o acesso à cultura letrada para que eles sejam contemplados com a cidadania e equidade. Um bom trabalho com leitura e escrita seria o começo.

Os baixos índices de leitura no Brasil explicam grande parte de nossa incivilidade [...]. Estamos querendo dizer com todas as letras que a civilidade é fruto de uma boa educação geral e que, no âmbito de uma boa educação

³ Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/saeb/resultados>.

geral, a parte mais importante, mais significativa, mais transformadora, mais poderosa é a leitura bem-feita de bons livros. (FERRAREZI JR; CARVALHO, 2017, p.20).

Os autores veem o efetivo trabalho de leitura como atividade com poder transformação que tanto as escolas precisam. Ainda com respeito das necessidades escolares, as autoras Kleiman e Moraes (1999) se debruçam nas escassezes de materiais e de profissional qualificado das escolas brasileiras quando denunciam:

Partimos da premissa de que a maioria das escolas não têm condições materiais para desenvolver projetos que precisem de muitas horas de planejamento, de acessórios que facilitem o acesso a diferentes documentos e fontes, de bibliotecas com bons acervos, de acesso ao computador pelos alunos. (KLEIMAN; MORAES, 1999, p. 17).

Quando um colégio não é valorizado pelas autoridades competentes com estrutura e materiais básicos, adequados à geração do nosso alunado, é quase impossível haver o mínimo de dignidade nas escolas e, como resultado, também fica quase impossível ter poder para transformá-la e transformar a realidade que lhes são forçados a sobreviverem. Ainda assim, precisa-se, dada as circunstâncias, de profissionais conscientes do grande desafio e preparados para o seu fazer pedagógico com as escolas que apresentam essas deficiências para poder propiciar o mínimo de ensino com qualidade.

Assim, grande é o trabalho dos professores. A luta por melhor desempenho de seus alunos é árdua. Os dados informados pelo IDEB tendem a desanimá-los. Ainda passam por pressão por parte das autarquias da educação para que esses números - não a qualidade do ensino - subam a saltos largos e rápidos. Entretanto, sabe-se que não se deve ter boa nota de desempenho sem uma boa qualidade de ensino.

Inclinado a esses expostos e ao contexto do fracasso escolar alarmante, este trabalho procura contribuir para a diminuição do cenário aqui apresentado. Através de ações pedagógicas que valorize o protagonismo estudantil, a interação, a cultura local e que, principalmente, fomente o letramento nos educandos, acredita-se na contribuição para a formação de leitores e escritores cômnicos de seu papel na sociedade e preparados para desempenhá-lo.

2.3 As estratégias de letramento

Elucidado o problema de letramento, convém conceituá-lo à luz de estudiosos para dar a conhecer do que se trata o fenômeno antes de discutirmos as possibilidades de sua efetivação

numa turma, numa escola. É fato que muitos dicionários modernos que circulam no nosso país ainda não contemplam o significado de letramento na sua vasta gama de vocábulos. Nesse sentido, o dicionário Aulete (2011, p. 851) é uma das exceções e entende como letramento:

Letramento *sm.* A condição que se tem, uma vez alfabetizado, de usar a leitura e a escrita como meios de adquirir conhecimentos, cultura, etc. e estes como instrumentos de aperfeiçoamento social e cultural. [...] o termo ‘letramento’, de uso recente no campo da pedagogia e da educação, deriva do inglês *literacy* em sua acepção de ‘condição de quem sabe ler e escrever’. Na verdade, não se refere a condição técnica de saber ler e escrever (ao que corresponde o termo ‘alfabetismo’ ou ‘alfabetização’), mas à condição, capacidade de e disposição para, uma vez dominada a técnica de ler e escrever, usá-la para assimilar e transmitir informação, conhecimento etc. Assim, o letramento é uma continuação possível e desejável da alfabetização, e é através dele que o potencial do alfabetismo pode se transformar em conhecimento e cultura.

O letramento pode ser assim encarado como uma continuidade da alfabetização, pois é somente depois de adquirir os conhecimentos de leitura e escrita, que o indivíduo está preparado para avançar nos seus conhecimentos linguísticos e, conseqüentemente, para viver e aplicar a competência leitora e escrita na vida pessoal e social.

Sobre isso, Kleiman (1999, p. 90) deixa claro que as escolas têm por missão formar sujeitos competentes no que concerne à situação de letramento “no sentido mais amplo da palavra”, como também adverte que a verdadeira apropriação da leitura e da escrita representa o resgate da cidadania desses sujeitos.

Soares (1998, p. 72) também tem uma visão de letramento semelhante à de Kleiman (1999) relacionado à prática social e não à habilidade individual: “Letramento é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em contextos sociais” (SOARES, 1998, p. 72). A autora acrescenta que o letramento, denominado ‘forte’, de cunho ideológico, faz referência ao letramento sob um viés mais crítico, que resulta em mudanças da realidade porque fortalece o eu-crítico e assim, a própria autoestima e as identidades socioculturais, visto que o letramento serve às práticas de linguagem proficiente no meio social ao mesmo tempo que não se separa do contexto social dos envolvidos no processo de letramento, abrindo, assim, seus horizontes e possibilidades dentro de uma sociedade.

Pode-se notar com as elucidações já citadas que o letramento é abrangente. Rojo e Moura (2012), por exemplo, declaram que há vários tipos de letramentos. As autoras expõem, à luz da linguística aplicada, que o letramento é uma teoria ainda recente. Acrescentam que a contemporaneidade exige novas ponderações sobre letramento devido às novas relações multiculturais, às novas formas de textos e de circulações destes novos gêneros e novas situações de produção de textos.

É a pedagogia dos multiletramentos que procura atender as necessidades elencadas há pouco. O termo ‘multiletramentos’ refere-se às novas práticas de letramentos que envolvem a multiplicidade de linguagens. Diante dessa multiplicidade, o termo letramento não pode mais ser entendido no singular, mas na pluralidade, já que as práticas de leitura e escrita são múltiplas e se misturam, relacionam, hibridizam, assim como as práticas culturais (ROJO; MOURA, 2012, p.168-169).

Reportando à realidade dos alunos e da escola em referência, decerto que os questionamentos comuns aos professores de LP estão ligados a como fazer com que seus alunos estejam inseridos no processo de letramento, como aproximá-los dos textos, em particular, os literários, sem marcas de obrigatoriedade, de repulsa ou enfado. Ou seja, mesmo que o professor seja conhecedor do conceito de letramento, há indagações de como chegar até os alunos e fazer com que eles busquem se debruçar no universo da leitura, serem capazes de relacionar-se a ela, conhecê-la, aprender e sentir o quanto ela é rica de conhecimentos e como pode abrir seus horizontes e, dominando-a, podem estar preparados para trilhar o caminho de outras competências, como a expressar seus conhecimentos sob vários vieses verbais que demanda o processo de letramento.

Tais inquietações sugerem um trabalho pedagógico voltado à formação de leitor e escritor na escola na tentativa de tornar os alunos letrados. Nesse sentido, é papel do professor oferecer as estratégias que resultará nessas aprendizagens. Sobre esse tratamento de adesão à prática de leitura, a BNCC orienta o professorado sobre isso. A seguir, apresenta-se alguns norteamentos mais direcionados ao professor:

- Selecionar procedimentos de leitura adequados a diferentes objetivos e interesses, levando em conta características do gênero e suporte do texto, de forma a poder proceder a uma leitura autônoma em relação a temas familiares.
- Estabelecer/considerar os objetivos de leitura.
- Estabelecer relações entre o texto e conhecimentos prévios, vivências, valores e crenças.
- Localizar/recuperar informação.
- Inferir ou deduzir informações implícitas.
- Apreender os sentidos globais do texto.
- Articular o verbal com outras linguagens – diagramas, ilustrações, fotografias, vídeos, arquivos sonoros etc. – reconhecendo relações de reiteração, complementaridade ou contradição entre o verbal e as outras linguagens (BRASIL, 2017, p. 70).

Com vistas a essa parte das orientações para o fazer pedagógico, com respeito a procedimentos de leitura, nota-se que a proposta desta pesquisa, que será representada em forma de uma sequência didática (SD), deverá ser bem planejada para criar situações de leitura que levem à compreensão leitora, conforme objetivos descritos na BNCC.

Há vários estudiosos que discutem estratégias de práticas leitora para alunos. Silva (2009, p. 25) apresenta proposta de trabalho para a primeira etapa de letramento: a prática de leitura em sala de aula.

Para falar sobre a formação do leitor é preciso [...] discutir como seduzir a criança para leitura e como orientá-la, fornecendo-lhe meios para fazer sua própria trajetória de leitor. A família e a escola têm papel fundamental nesse processo, e a maneira mais eficaz de formar novos leitores é pela via de contágio. O professor consegue convencer o iniciante de que ler é mais que um entretenimento, é uma necessidade, tão imprescindível como o ar que se respira (SILVA, 2009, p. 25-26).

Solé (1998) corrobora com a autora predita ao dizer que, para um professor conseguir contagiar seu aluno, ele também precisa entender que “ler é muito mais que possuir um rico cabedal de estratégias e técnicas. Ler é sobretudo uma atividade voluntária e prazerosa, e quando ensinamos a ler devemos levar isso em conta. As crianças e os professores devem estar motivados para aprender e ensinar a ler” e acrescenta que “é muito difícil que alguém que não sinta prazer com a leitura consiga transmiti-la aos demais” (SOLÉ, 1998, p. 90).

Fica evidente que o (a) professor (a) de Língua Portuguesa precisa de algumas prerrogativas para formar leitores: ele (a) deve ser, antes de tudo, um leitor no mínimo proficiente; precisa gostar de ler, evidenciar, pela própria experiência o quanto é deleitoso ler; contar sobre novidades literárias que leu, indicar leituras (preferencialmente as que já leu), que presume que seus alunos vão gostar assim como fazemos quando assistimos a um bom filme e contamos e indicamos para alguém com entusiasmo, dizendo como foi intrigante o tema, como o enredo foi emocionante e quanto aprendeu e se divertiu com ele de tal modo que acaba por motivar seu ouvinte a assistir ao filme também. É disso que Isabel Solé (1998) fala. O professor só contagia seus alunos se tiver imerso no mundo da leitura.

Com essas vantagens listadas anteriormente, é possível que o processo de leitura aconteça numa sala de aula - se houver um professor capacitado para esse fim. Dessa forma, é viável uma prática significativa de leitura, de interpretação e de produção de texto, ou seja, a efetivação do letramento.

A autora Silva (2009), nesse sentido, propõe na sua afirmação que a primeira etapa de um letramento seria pensar como envolver e orientar seu aluno para leitura competente; também ela deixa claro que, nesse início do processo, deve haver um professor já leitor para que possa ser formador de novos leitores e também ter condições de conscientizar seu alunado da importância da leitura para a vida deles.

Outro fator importante para o trabalho estratégico do professor é a verificação do tipo (s) de leitor (es) ele tem na sua turma. Aqui a autora apresenta uma progressão de leitores que deve ser formado no decorrer do ensino fundamental:

- Pré-leitor (apenas ouve uma narrativa ser lida ou contada ou ler uma narrativa guiado pela sequência de imagens, ou ainda com a ajuda de um adulto);
- Leitor iniciante (lê sem ajuda textos breves e facilitados);
- Leitor em processo (lê textos com dificuldade média, seja em relação ao vocabulário, à construção narrativa ou ao uso da linguagem);
- Leitor fluente (lê textos mais extensos e complexos);
- Leitor competente (lê textos mais complexos e é capaz de reconhecer artifícios de construção, bem como estabelecer, conexões entre diversas leituras);
- Leitor crítico (lê com total autonomia textos de qualquer extensão, identificando alusões e subtendidos, assim como estabelecendo relações entre o texto lido e a realidade[...] (SILVA, 2009, p. 25).

De posse dessas informações, o professor pode iniciar sua ação pedagógica. Sabe-se que o aluno do ensino fundamental, lembrando os dados de fracasso escolar vigente no Brasil, não consegue chegar ao patamar de leitor competente ou crítico, ainda que esteja no último ano do ensino fundamental. Entretanto, letrar um aluno é trabalho complexo, mas necessário. A BNCC reza sobre o letramento:

Ao componente Língua Portuguesa cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens” (Brasil, 2017, p. 63).

Isabel Solé (1998, p. 90) muito contribui com estratégias de letramento:

Como podemos fazer diferentes coisas com a leitura, é necessário articular diferentes situações – oral, coletiva, individual e silenciosa, compartilhada – e encontrar os textos mais adequados para alcançar os objetivos propostos em cada momento. A única condição é conseguir que a atividade de leitura seja significativa para as crianças, corresponda a uma finalidade que elas possam compreender e compartilhar.

A teórica sintetiza o trabalho pedagógico que dialoga com as orientações da BNCC (2018) acerca das práticas pedagógicas que levam ao letramento. Ela ainda alerta que a prática de leitura significativa é pertinente, pois é a partir do sucesso desta que se pode alcançar os objetivos, que começa na leitura e pode culminar numa escrita competente.

Partindo do que fora exposto, conclui-se que pensar em ensino de linguagem e letramento é refletir sobre o papel da educação sem deixar de contextualizar a prática

pedagógica. Cabe à escola, professor e aluno fazer uso de estratégias de letramentos. O ensino da língua no espaço escolar e na corresponsabilidade de todos os professores e autoridades da educação deve fazer com que o aprendiz, seja capaz de ler, interpretar e produzir textos de forma competente.

2.3.1 Letramento com cordel

O universo da leitura e da escrita encontram-se no contexto da história da humanidade desde os tempos mais remotos. Mesmo em meio à era contemporânea, tendo como um de seus caracteres a predominância da tecnologia, essas práticas ainda são imprescindíveis para se viver em sociedade, dada a força de seu poder de comunicação. A literatura vem a ser, nesse sentido, um potencializador das práticas linguísticas tão fundamentais para a vida do cidadão.

Em defesa dessa reflexão, Lajolo (1993) justifica um trabalho escolar pautado na Literatura ao assegurar que "o cidadão para exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos" (LAJOLO, 1993, p. 106). A pesquisadora Roza (2018) acrescenta:

Apresentando diferentes formas de vida social, a literatura põe-se a serviço do letramento e da libertação de todo homem. Isso porque a leitura do texto literário possibilita, de forma ímpar, deparar-se com 'a grandeza e a fragilidade do ser humano; a história e a singularidade, entre outros contrastes, indicando-nos que podemos ser diferentes, que nossos espaços e relações podem ser outros'. (GOULART, 2007, p. 64 apud ROZA, 2018, p. 22).

Apesar do grau de importância do letramento literário na vida dos indivíduos, observa-se que a maioria do alunado, conforme dados já elucidados, não domina essa competência. O sistema curricular brasileiro também não colabora para esse fim, pois, o ensino fundamental não tem a Literatura no seu constituinte enquanto componente curricular, dificultando dessa forma ainda mais o trabalho do professor no ensino de letramento.

Assim, este trabalho propõe prática de letramento com folheto de cordel enquanto gênero literário na perspectiva de uma sequência didática. A escolha do gênero é pertinente, pois trata-se de um gênero literário fortemente marcado pela cultura nordestina, que muitas vezes é excluída das escolas de maneira consciente ou inconsciente por parte dos professores de língua materna. Segundo Ferrarezzi Jr. e Carvalho (2017, p. 51), "Enquanto, em certas localidades do Nordeste brasileiro, a literatura de cordel é muito forte e importante, em outras

ela inexistente”. Infelizmente, até mesmo em alguns lugares do Nordeste e no âmbito escolar, o cordel não é considerado literatura importante.

Não obstante, a literatura ou folheto de cordel, dita também como literatura popular, faz parte dos gêneros da literatura brasileira, merecedora de apreciação como qualquer manifesto literário, nunca de preconceito, conforme denuncia Teixeira (2008):

Porém, ainda há a insistência de pessoas no preconceito contra a poesia popular. Há a ignorância em relação a sua história, à sua importância da mescla de culturas, de informações, de conhecimento de novas formas de expressão dos mais diversos povos. Não há literatura de maior ou menor valor. As expressões culturais não podem ser rotuladas dessa forma [...]. Essa cultura, aparentemente tão simples apresenta riqueza de informações históricas e sociais (TEIXEIRA, 2008, p. 10).

A pesquisadora Teixeira (2008) apresenta algumas causas do distanciamento das pessoas pela literatura de cordel deposto por Ferrarezi e Carvalho (2017). Ela vai mais longe e aponta que há preconceito com respeito ao cordel em outras regiões por falta de verdadeiras informações acerca dessa literatura avaliada como simplória e menor, diminuindo assim, seu valor artístico, cultural e até social. Por isso não observamos em livros didáticos, em um sarau, numa prateleira de livraria um espaço expressivo destinado à literatura de cordel.

Desta feita, são os professores de língua materna o segmento da escola que poderá elevar o cordel ao nível literário que ele merece, assim como as demais manifestações artísticas literárias. E quem ganhará será seu alunado e sua comunidade, pois o cordel tem muito a dizer sobre o retrato sociocultural, historicidade e a arte de uma região (que pode ser qualquer uma região brasileira), dentre outros elementos que aumentam o repertório intelectual de quem o lê.

Felizmente, alguns avanços já são notórios advindos do trabalho de alguns teóricos: a Base Nacional Curricular Comum prega enquanto umas das habilidades que requer para o ensino de Língua Portuguesa no ensino fundamental:

(EF12LP05) Planejar e produzir, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor, (re)contagens de histórias, poemas e outros textos versificados (letras de canção, quadrinhas, cordel), poemas visuais, tiras e histórias em quadrinhos, dentre outros gêneros do campo artístico-literário, considerando a situação comunicativa e a finalidade do texto.

(EF04LP27) Recitar cordel e cantar repentes e emboladas, observando as rimas e obedecendo ao ritmo e à melodia (BRASIL, 2017, p. 99, 129).

Apesar de a BNCC sugerir que o cordel esteja dentro do currículo dos anos iniciais do ensino fundamental, a mesma sustenta que, mesmo que os gêneros estejam propostos para determinada faixa etária de alunos, não significa que o professor não possa trabalhar com eles nos anos finais dessa modalidade: “Outros gêneros, além daqueles cuja abordagem é sugerida

na BNCC, podem e devem ser incorporados aos currículos das escolas e, assim como já salientado, os gêneros podem ser contemplados em anos diferentes dos indicados” (BRASIL, 2017, p. 135).

Além disso, Resende (2005, p.102) defende o uso desse gênero não só na fase de alfabetização. Ela esclarece que, junto com a expansão do sistema formal de ensino e com a ‘despopularização’ do cordel no Brasil, a função da literatura em questão não está relacionada apenas como pretexto para alfabetização ou como ferramenta para os primeiros contatos com a cultura letrada. Alves (2008, p. 107-108) explica:

O contato com a Literatura de Cordel pode ser capaz de proporcionar aos alunos uma ampliação de sua capacidade de enxergar as diversidades sociais, políticas, econômicas e culturais de nosso país, principalmente na região Nordeste, palco de tantas disparidades.

Importa é procurar resgatar o uso do cordel nas práticas pedagógicas não só como auxílio nas primeiras letras, mas como atividade de compreensão leitora e valorização da cultura nacional.

Cabe, então, conhecer, ainda que sinteticamente, o folheto de cordel. A literatura de cordel é uma manifestação literária tradicional da cultura popular brasileira, mais precisamente da Região Nordeste. Infelizmente, poucos dicionários apresentam informações a respeito do cordel enquanto literatura. O Aulete é diferencial nesse sentido, pois traz definição, ainda que acanhada dessa manifestação literária:

Cordel (cor.del) *sm.* **1** Corda fina; barbante; guita; cordão[...] **4** livreto ou folheto, ou a história nele impressa, produzidos com as técnicas gráficas e narrativas da *literatura de cordel* [...] **De ~ Liter.** Que é da literatura popular, e impresso em folhetos baratos; que é do próprio gênero literário conhecido como *literatura de cordel*.

Literatura (li.te.ra.tu.ra) *sf* [...] ~ **de cordel** Tipo de literatura popular do Brasil, apresentada em folhetos simples, ger. expostos para venda pendurado num cordel, em feiras ou logradouros públicos do Nordeste (AULETE, 2011, p. 401, 862).

Na sua origem terminológica, eram folhetos contendo poemas populares, expostos para venda pendurados em cordas ou cordéis em feira livre, em Portugal, o que deu origem ao nome (ROIPHE, 2011, p.117). No Nordeste, teve início no século XIX (Ibid), sendo essa literatura denominada apenas como “folhetos”. Sobre isso relata a pesquisadora Márcia Abreu:

Desde o início desta produção [no Nordeste], referia-se a ela como “literatura de folhetos” ou simplesmente “folhetos”. A expressão “literatura de cordel nordestina” passa a ser empregada pelos estudiosos a partir da década de 70, importando o termo português que, lá sim, é empregado popularmente. Na

mesma época, influenciado pelo contato com os críticos, os poetas começaram a usar tal denominação (ABREU, 1999, p. 19-20 apud ROIPHE, 2011, p.117).

O cordel, como se conhece na atualidade, enquanto gênero da literatura brasileira, teve suas origens na oralidade através das cantorias, isto é, os versos dos folhetos eram cantados por seus autores em festas populares, em grupos familiares, feiras livres, entre outros. Essa manifestação oral era caracterizada cantoria de desafio, parecidos com o que denomina hoje como 'repente', que são versos cantados de improviso. Os que fazem uso dessa arte são chamados repentistas, artistas comuns no Nordeste. Ou seja, "O estilo característico da literatura de folhetos parece ter iniciado seu processo de definição nesse espaço oral, muito antes que a impressão fosse possível." (ABREU, 1999, p. 73-74).

Ocorrido o processo de impressão, o folheto de cordel ainda perduraria por décadas, sendo apresentado no Nordeste acompanhado da cantoria por cordelista ou qualquer leitor que comprasse e quisesse cantá-lo. Quando não, era lido em voz alta para grupos familiares, feiras, dentre outros. O primeiro folheto de cordel foi publicado por Leandro Gomes de Barros¹, em 1893, seguido de Francisco das Chagas Batista, com publicações a partir de 1902. (ABREU, 1999).

Hoje o folheto cantado praticamente desapareceu. Contudo, sua marca de oralidade está presente na variante linguística regional que o caracteriza. Em Sergipe, o cordel sobreviveu a esses impasses. Há, inclusive uma Academia Sergipana de Cordel na capital e outras academias de letras situadas em vários municípios sergipanos, entre eles Maruim-SE, que amparam os cordelistas e divulgam a literatura de cordel enquanto arte e manifestação cultural desta região.

O folheto de cordel é um gênero literário que conquista a atenção e interesse do leitor por apresentar muitos elementos que facilitam a leitura e apreensão dela, desde as temáticas até sua proximidade com a cultura popular. Sobre suas temáticas, o cordel apresenta temas como avareza, esperteza, histórias com animais, tragédias, relatos históricos, o fantástico, temas de cunho social, lutas, sofrimentos, religiosidades, o cangaço, dentre outras temáticas típicas da região. As rimas e texto são simples, que facilitam a memorização e o entendimento da narração contida nos versos.

Um outro elemento característico do cordel é a ilustração das capas. Certo de que o mais comum no cordel contemporâneo é gravura ao estilo de desenhos manual ou computadorizado. Mas, nas suas origens, salvo alguns na atualidade, o cordel era ilustrado (na capa) com xilogravura. Temos então o cordel como gênero escrito e ao mesmo tempo visual. O teórico Roiphe (2011) explica essa fusão:

Para que se possa comprovar essa evidência, é preciso observar que, em sua constituição física, os folhetos de cordel, originalmente, passaram a ter gravadas em suas capas -, impressas em papel manilha branco, rosa, azul, verde etc -, além do título e do nome do seu autor, xilogravuras, isto é, gravuras em madeira diretamente relacionada à narrativa, muitas vezes produzidas pelo próprio poeta popular. Além das xilogravuras, desenhos e fotografias passaram então a constituir as capas dos folhetos, o que permite, assim, classificá-lo também gênero visual (ROIPHE, 2011, p. 118).

A ilustração, conforme a explanação de Roiphe (2011), não consta no cordel como adorno. Trata-se de elemento de informação e complemento de produção de sentidos da narrativa. Precisa-se ler o cordel da capa até seu último verso narrativo para compreendê-lo com mais eficácia. Ou seja, todas as constituintes do cordel (verbal e visual) emanam significados, sentidos do texto. O autor Arouca (2012) concorda com o estudo do cordel considerando o corpo verbal e visual que os compõe:

Texto e ilustração são parceiros na jornada do leitor. Reconhecer a potência e as especificidades da imagem em um livro é também reconhecer a importância da expressão artística na sociedade. O que seria da literatura de cordel se não ocorresse a união entre as imagens de xilogravura e os poemas escritos? (IBID, 2012, p. 41).

O próprio cordel se evidencia como gênero duplo. Essa literatura, conforme viu-se nos últimos fragmentos de teóricos, o visual não pode ser estudado sem estar atrelado ao escrito. Um complementa o outro. Se assim não fosse, não seria cordel, parafraseando Arouca (Ibid). Se os versos têm muito a dizer, as xilogravuras, desenhos e fotografias também esperam para dialogar com os professores e alunos.

Após esse breve histórico do cordel, vale lembrar que, apesar da gama de arte e cultura que o permeia, ele ainda não está no patamar de gênero de valor cultural pela classe mais erudita e, incoerentemente, pouco presente nas atividades de sala de aula. Rojo (2009) defende que:

Um dos objetivos principais da escola é possibilitar que os alunos participem das várias práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita (letramentos) na vida da cidade, de maneira ética, crítica e democrática. [...] Cabe à escola potencializar o diálogo multicultural, trazendo para dentro de seus muros não somente a cultura valorizada, dominante, canônica, mas também as culturas locais e populares e a cultura de massa, para torná-las vozes de um diálogo, objetos de estudo e de crítica (ROJO, 2009, p. 11-12).

É justamente esse diálogo entre diversas culturas que se pretende com a prática leitora e escritora do gênero literário cordel. É coerente trazer para a sala de aula a cultura, no caso o cordel, que está fortemente enraizado no município a qual a escola pesquisada está inserida. Há alguns cordelistas no município em referência. Ainda assim, os seus munícipes se distanciaram

das suas raízes. Cabe ao professor, dada a situação, promover atividades de letramento que valorize o bem cultural local, pois o letramento literário é fundamental em qualquer turma.

Sobre isso, Cosson (2014, p. 27) pondera que “Ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultados de compartilhamentos de visão de mundo entre homens no tempo e no espaço”. Seguindo essa linha de raciocínio de promoção de atividade para competência leitora e escritora, o cordel *As aventuras de Otto Schramm – as cobras do porão do gabinete de Maroim*, de Hefraim A. Israelí, vem a ser uma ferramenta importante no trato da prática de letramento e da cultura local a serem desenvolvidas na SD. O alunado pode *se ver* dentro desse texto. Ali está descrita sua cidade com sua história, marcas de seu linguajar. Ele saberá que foi um conterrâneo que o escreveu, fez ilustrações, construiu uma arte verbo-visual, pôs ali as marcas culturais de sua região. Assim, as ações pedagógicas de letramento com o cordel tendem a deixar as aulas mais significativas para os alunos.

Dessa forma, os educandos tendem a se sentir mais à vontade para ler, para se posicionar, porque tudo que será lido pode ganhar significado para eles. Assim, as interpretações vão acontecendo gradualmente e naturalmente, seguidas do processo de escrita, como deve ser. Desse modo, a literatura de cordel “serve tanto para ler e a escrever quanto para formar culturalmente o indivíduo” (COSSON, 2014, p. 20).

Pode-se, com isso, observar a vantagem que terão os docentes e seu alunado ao trabalhar com a literatura de cordel porque se trata de um gênero onde professor e alunos podem facilmente percorrer todas as etapas do processo de letramento – da leitura à escrita, perpassando pelo processo de escuta, oralidade e outras atividades proposta nessa pesquisa. Isso acontece porque, como se aborda o gênero verbo-visual - gênero escrito, marcado fortemente pela oralidade e recursos imagéticos - Rhoiphe (2011), o trabalho com leitura/escuta/oralidade/imagem/escrita é tendente a acontecer de maneira mais enérgica e dinâmica.

2.3.2 Letramento e interação

Em todos os meios sociais há a interação entre as pessoas. Seja no grupo social mais informal como o domínio da família, seja em um grupo de trabalho mais formal, como uma reunião de magistrados. Para se comunicarem, são necessárias ao menos duas condições: saberem o código linguístico e haver interação entre os falantes.

No que diz respeito ao letramento, não é muito diferente. Na escola, especialmente, a interação deve ser valorizada, pois é na escola que acontece a todo tempo o processo de sociabilização dos alunos. No que tange ao ato de ler e escrever, há uma estreita interação entre leitor e texto. Mais acentuada ainda se o texto possui familiaridades com o leitor. Ferrarezi Jr. e Carvalho (2017, p.35) defende que:

No momento que se põe diante do texto, é necessário que o leitor dialogue, entre em sintonia com o texto, para ali produzir sentidos. Não para “descobrir” o que o texto quer dizer, mas para perceber como o texto se enuncia ao leitor. Estabelece-se uma relação entre o sujeito leitor e o objeto de leitura. Somente isso poderá trazer o prazer estético. Quando sente prazer pela leitura e, por isso mesmo, torna-se sujeito dela, o leitor dar-se o direito de intuir e agir sobre o que lê.

A partir do momento em que há uma verdadeira interação entre o texto e o leitor, acontece a criação de sentido do que foi tecido intencionalmente, a significação fica mais clara e, então, ocorre de fato uma verdadeira comunicação entre o texto e o leitor e o leitor fica mais capacitado a inferir, discutir, contestar, concordar com o texto. Nesse sentido, pode-se afirmar que na interação, o diálogo entre leitor e autor ajuda na aquisição da competência leitora.

Pode-se dizer que o próprio texto fornece essas duas variações de interação: texto e leitor e leitor autor. Nessa perspectiva, o leitor é o agente que cria sentido e constrói compreensão de um pensamento verbalizado de um determinado autor. É nesse processo que o texto vem a ser um elo entre leitor - autor. Koch e Elias (2010) condizem com Ferrarezi e Carvalho (2017) sobre a interação entre leitor e texto:

O lugar de interação é o texto, onde os sentidos são construídos e reconstruídos com base em pistas textuais deixadas por seu autor e com base nos conhecimentos prévios do leitor. Ainda conforme essas autoras: A escrita não é compreendida em relação apenas à apropriação das regras da língua, nem tampouco ao pensamento e intenções do escritor, mas, sim, em relação à interação escritor-leitor, levando em conta, é verdade, as intenções daquele que faz uso da língua para atingir seu intento sem, contudo, ignorar que o leitor com seus conhecimentos é parte constitutiva desse processo (KOCH; ELIAS, 2010, p. 34).

Sob essas perspectivas, o leitor, sem dúvida, interage com a composição e com o escritor. E é através dessa interação que o leitor vai se aproximando cada vez mais do texto. Isto é, o leitor, à medida que o lê gradativamente, ele vai se familiarizando com tudo que o autor traz para ele, o estilo de escrita, o tipo de narrador, que muitas vezes conversa com o leitor literalmente; vai se familiarizando com o enredo, identificando-se com o espaço ou personagens etc. Tudo isso corrobora para a compreensão da obra. Ou seja, quando há essa intimidade entre

leitor e texto, há mais facilidade de o aluno fazer inferências sobre a leitura, interpretá-la e se for o caso, reconstruí-lo e até construir seu próprio texto. É nesse patamar de leitura internacionalista que se confirma o letramento em todas as suas etapas: leitura, compreensão e construção.

Pode-se, com isso, observar como o protagonismo estudantil está presente numa leitura onde a interação é intencionada. O aluno busca as informações; ele se permite gostar ou não de determinado personagem; ele pode pensar uma outra rima para aquela estrofe lida. Ele se sente no direito de expressar que o desfecho poderia ser de outro modo. Tudo isso e muitas outras ações e pensamentos do leitor só serão processados com a interação entre leitor e texto. Siqueira e Zimmer (2006) confirmam esse raciocínio ao expor seu ponto de vista diante da leitura internacionalista, mas acresce outros fatores para efetivação dessa interação:

A leitura é uma atividade que pode se dar através da interação entre o leitor e o texto, e\ou da integração de várias habilidades que são ativadas simultaneamente no processo da informação. A visão de leitura como interação entre leitor e texto e a abordagem da leitura como integração de habilidades são igualmente importantes, visto que a primeira destaca o fato de que o leitor usa o seu conhecimento de mundo para (re)construir o sentido do texto, enquanto a segunda visão enfatiza uma gama de habilidades cognitivas que se dão por meio da interação de estratégia de leitura ascendente (identificação e codificação de palavras) com a estratégia descendente, que ativa as habilidades de compreensão e raciocínio (SIQUEIRA; ZIMMER, 2006, p. 35).

Isabel Solé (1998, p. 24) já anunciava essa interação de leitura de forma ascendente e descendente, ressaltando que o exemplo de interação não visa somente a do leitor e texto. Ela afirma que o leitor, ao situar-se diante de um texto, ele experimenta primeiro os elementos descendentes que vão gerar expectativas do texto que podem ser o léxico, ortográfico, que leva o leitor para o nível seguinte, que é o ascendente, porque o texto também gera expectativas semânticas. Esses dois momentos ocorrem simultaneamente durante a leitura. Em outras palavras, o leitor, no ato de sua leitura, ativa seu conhecimento de mundo e seu conhecimento de texto para construir sua compreensão de texto. É nisso que consiste a interação de leitor e texto e seus elementos.

A interação, na visão das autoras Siqueira e Zimmer (2006), é operada através do leitor e texto, conforme já foi citado, mas também pela interação dessa dialogação entre leitor e texto com as habilidades que promovem a compreensão leitora, que vai desde a decodificação até a realização da interpretação e inferências, a qual é efetivada pela ativação das habilidades de compreensão linguística. Assim, é preciso que o leitor, no processo de leitura, interaja com os

ditos do autor, mas também com os elementos da língua como a semântica, ortografia, sintaxe etc. que vão também dar suporte à compreensão do texto.

Há ainda outras formas de interação no estudo de letramento. Uma delas diz respeito à socialização do conhecimento. Discute-se esse tipo interação no momento do processo de ensino e aprendizagem porque sabe-se que o compartilhamento e socialização, ainda que nessa era onde vigoram as tecnologias, são aspectos fortes na sala de aula. O silêncio absoluto durante a aula não é sinal de aula bem-sucedida. É a interação um forte aliado da aprendizagem. Esta pesquisa partirá para a efetivação da interação entre os segmentos de uma aula: aluno\aluno, professor\aluno.

Sobre a interação entre as pessoas através da língua, reza Bakhtin (1929, p. 30):

A enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. A palavra dirige-se a um interlocutor: ela é função da pessoa desse interlocutor (...). Não pode haver interlocutor abstrato; não teríamos linguagem comum com tal interlocutor, nem no sentido próprio nem no figurado (...) a enunciação enquanto tal é um puro produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade linguística.

Pelo texto precedente, pode-se afirmar que a interação faz parte da vida humana no que concerne ao ato de comunicar-se. Enquanto duas ou mais pessoas se comunicam, elas estão interagindo através da fala ou da escrita ou outras formas de linguagem. Dessa forma, é importante que haja interação entre os constituintes do processo ensino e aprendizagem, como a interação faz parte da ‘condição de vida’ de uma comunidade linguística, a escola, no que tange o ensino de língua materna, deve valorizar esse recurso.

Ninguém melhor do que um professor para saber o quanto os alunos gostam, ficam à vontade para conversar com seus pares. Essa dinâmica em sala de aula deve ser vista com um olhar reflexivo, pois os professores podem utilizar essa mesma dinâmica para promover aulas mais motivadoras. Prova disso pode ser notada quando um professor pede para os alunos fazerem uma tarefa individual. A reação não é animadora. Isso é compreensível, pois é natural do ser humano conviver, compartilhar, interagir.

Do ponto de vista de Isabel Solé (1998) acerca do letramento e interação, antes, durante e depois da leitura, deve haver o compartilhamento do conhecimento para que:

A proposta [...] esteja baseada em uma conceitualização das situações de ensino e aprendizagem como situações conjuntas, destinadas a compartilhar o conhecimento, em que se aprende a utilizar toda uma série de estratégias que

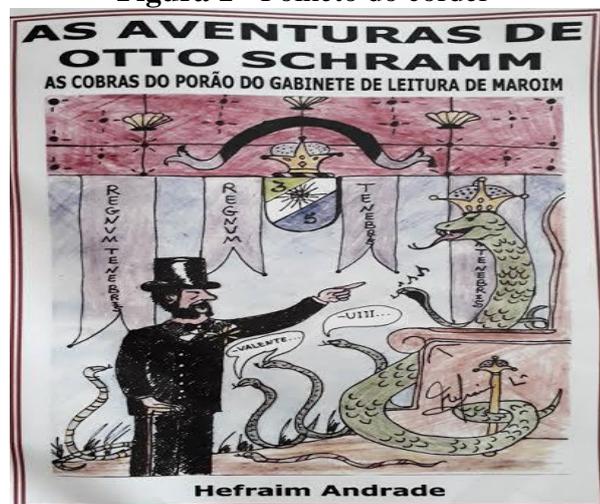
deverão fazer parte da bagagem do aluno, para que ele possa utilizá-las de maneira autônoma [...]. Nesse contexto, as tarefas de leitura compartilhada devem ser consideradas a melhor ocasião para os alunos compreenderem e usarem as estratégias úteis para compreender os textos (SOLÉ, 1998, p. 117).

Esta pesquisa, tendo em vista os pontos teóricos abordados sobre a interação no processo de letramento, voltou suas atividades de leitura, oralidade e escrita para uma troca de saberes, onde os alunos aprenderiam a fazer intercâmbio de elementos de leitura; partilhariam conhecimentos através de escuta e de atividades de cunho oral e escrito, na tentativa de obtenção de sucesso na prática de intervenção proposta neste trabalho.

2.3.3 O léxico na diversidade cultural de Maruim

Já cientes de que o desempenho de leitura e escrita é insatisfatório na escola pesquisada, em Maruim- SE, fenômeno comum na maioria das escolas brasileiras, será anunciado, nos precedentes, que haverá um trabalho de intervenção, o qual se apoiará no letramento com o cordel intitulado *As aventuras de Otto Schramm – as cobras do porão do gabinete de Maruim*, de Hefraim A. Israelí⁴.

Figura 1 - Folheto do cordel



Fonte: ISRAELÍ (2019).

Este traz uma rica carga de cultura local, retratando a historicidade e agraciando espaços geográficos identitários aos maurienses, como mostra o exemplo da página 8 do folheto, a quadra que segue sobre a ação do mestre de obras ao tentar abrir o porão misterioso da narrativa:

⁴ O autor mudou seu nome social em 2020: de Hefraim Andrade para Hefraim A. Israelí, por motivos religiosos, conforme consta na sua declaração na seção dos Anexos deste trabalho.

*Mandou logo ir alguém
Correr ao Porto velho
A trazer desse Armazém,
Boa pólvora do Império.*

Este trabalho também pretende trazer à tona, dentre outros caracteres próprios do cordel, o estudo do léxico enquanto cultura estabelecida e peculiar de uma região, conforme exemplo do referido cordel na página 9, momento em que o personagem ‘mestre de obras’ tenta abrir o porão do gabinete de leitura:

*No buraco, pôs canhão
E armou-o com esmero.
E ao acender o seu pavio
Só se ouvia o labafero:*

Há, nesse fragmento, uma palavra muito usada no repertório linguístico dos falantes da região onde está localizado o município de Maruim: **labafero**. Este vocábulo significa confusão, discussão exaltada, briga, desordem. Qualquer maruinense saberá seu significado, mas os alunos, em especial, precisam ter conhecimento que o lexema **labafero**, como outros, é próprio de sua cultura, algo ímpar que faz parte de sua identidade.

É certo que o cordel em questão vai apresentar aos alunos mais lexemas e expressões próprias não só pertinente ao gênero, mas também à comunidade local. Diante do exposto, pode-se fazer um trabalho com esse cordel de valorização da diversidade cultural, inclinada à cultura popular no que diz respeito, em especial, ao repertório linguístico nordestino. O próprio documento oficial, a BNCC, defende o trabalho com a cultura popular voltada para a linguagem na sua proposta de letramento:

Da mesma maneira, imbricada à questão dos multiletramentos, essa proposta considera, como uma de suas premissas, a diversidade cultural. Sem aderir a um raciocínio classificatório reducionista, que desconsidera as hibridizações, apropriações e mesclas, é importante contemplar o cânone, o marginal, o culto, o popular, a cultura de massa, a cultura das mídias, a cultura digital, as culturas infantis e juvenis, de forma a garantir uma ampliação de repertório e uma interação e trato com o diferente. Ainda em relação à diversidade cultural, cabe dizer que se estima que mais de 250 línguas são faladas no país – indígenas, de imigração, de sinais, crioulas e afro-brasileiras, além do português e de suas variedades. Esse patrimônio cultural e linguístico é desconhecido por grande parte da população brasileira. (BRASIL, 2017, p.68).

Tendo em vista os falares populares de uma região não só como uma parcela da língua portuguesa falada no Brasil, mas também como patrimônio cultural, conforme a menção da Base, faz-se necessário haver um trabalho de letramento que considere o bem cultural dos

próprios alunos e a comunidade escolar. Não importa se a linguagem característica do cordel seja ou não a prestigiada na sociedade denominada letrada. Como abordou o texto precedente, é importante também contemplar nas aulas de língua portuguesa o marginal, o popular. Dessa forma, esta pesquisa pode fazer com que a cultura linguística da região, onde Maruim está inserida, pode ser base de reconhecimento da própria cultura, assim como pode vir a ser instrumento de dar a conhecer essa cultura a outras comunidades de repertórios linguísticos diversos.

Ainda segundo o texto da BNCC, o professor de Língua Portuguesa também importar-se-á com a linguagem popular e com a culta. Sobre isso, o cordel escolhido vem sustentar um trabalho que assegure essas variedades a fim de aumentar o repertório vocabular do alunado.

Aproveitar-se-á ainda esse ambiente de aprendizagem também para valorizar os espaços comunitários menos favorecidos, lugar de moradia da maioria do alunado do referido colégio. O trabalho com a diversidade cultural oportuniza o preenchimento dessas lacunas.

Com respeito às atividades lexicais percebe-se que, no âmbito escolar, o trabalho com o léxico é destinado apenas, quando acontece, às atividades que constituem o uso de dicionário ou leitura de vocabulário que os livros didáticos trazem após a apresentação de determinado texto.

Ao contrário disso, Marcuschi (2004, p. 269) diz que atividades com o léxico são importantes. Há muito a se trabalhar além da procura de significados de palavras. Ele declara que “o léxico não pode ser pensado à margem da cognição social” e Antunes (2012, p. 28-29) completa dizendo que:

Todas as palavras remetem ao conhecimento que o homem constrói em sua experiência social com grupos e culturas de que participa. O léxico é aberto, é inesgotável porque surgem novas palavras, mas, também, pela dinâmica interna das palavras, elas vão e vêm, que desaparecem e reaparecem, que mantêm seus significados ou mudam, de um lugar para outro, de um tempo para outro.

A especialista Irandé Antunes (2012, p. 29) apresenta sua consideração sobre o léxico. E confere reflexões sobre ele dentro de um cordel, por exemplo. Lá, o léxico é ‘inesgotável’ e ‘dinâmico’. Está atrelado às experiências culturais de um povo, como bem se apresenta o cordel. Interessante é que a autora sinalizou que as palavras, em um espaço ou tempo, podem desaparecer e reaparecer, podem ter significados diferenciados de comunidade para comunidade, dada a sua instabilidade. O lexema *labafero*, que compõe o título deste trabalho, pode ter sido constituinte de muitas comunidades em outrora, mas na atualidade, vigora nos falares de Maruim e cidades adjacentes.

Trabalhar com léxico é reconhecer seus lexemas peculiares, mas também conhecer outros. Nesse sentido, pode-se dizer que o estudo do léxico alarga o repertório vocabular do alunado. E se o professor procura trabalhar o léxico oriundos da cultura dos seus próprios alunos, certamente as aulas tornar-se-ão mais significativas porque o aluno vai estudar algo que é seu por cultura, logo vai se identificar com ele e o objetivo da proposta tenderá a ser bem-sucedida.

É certo que algumas escolas trabalham com o uso do léxico sob o procedimento de verificação de significados em dicionários. Não se quer com isso diminuir a importância dessas práticas nas aulas de Língua portuguesa com respeito ao uso do dicionário, pois é indiscutível que essas atividades, ao mesmo tempo que são importantes para a compreensão de um texto, é também importante para alargar a bagagem vocabular do alunado. Contudo, essas práticas têm-se mostrado desinteressante para quem as praticam.

A boa notícia é que a Linguística tem buscado estudos sobre o léxico, vê que existe problemas no trabalho dessa natureza, percebe a marginalização dessa constituinte do ensino de língua, dando novas possibilidades de prática de letramento fazendo uso do léxico, por exemplo, o trato com sinonímia, efeitos de sentido, inferência, dentre outros.

A autora Irlandé Antunes (2012, p. 14) descreve a importância do ensino do léxico para o letramento:

Me parece de extrema urgência entender que, para conseguir a tão apregoada competência em falar, ler, compreender e escrever, é necessário conhecer, ampliar e explorar o território das palavras. [...] O que nunca deixa de estar sob exigências permanentes de atualização são as demandas sociais por um conhecimento lexical mais vasto, mais diversificado, mais específico, capaz de cobrir as particularidades de contextos em que acontecem nossas atuações verbais.

Trata-se de uma necessidade imperiosa de termos alunos letrados. De acordo com Antunes (2012), é preciso ‘conhecer’ e ampliar o léxico. Em outras palavras, não se pode ampliar o que não conhecemos ou reconhecemos. Por isso, o trabalho com exploração do léxico diversificado – do específico de uma região de falantes ao léxico próprio da linguagem culta se torna tão importante no contexto escolar. Nesse sentido, o trabalho com a variedade linguística enquanto cultura de um povo pode vir a ser a motivação esperada para ocorrer o letramento do alunado em questão.

Nesse sentido, o trabalho com o léxico coopera com o letramento e identidade de um povo, pois Antunes (2012, p. 46) defende que o léxico também pode ser considerado uma manifestação de identidade cultural:

Nos grupos em que atuamos, ou naqueles com que interagimos, somos identificados também pela linguagem que usamos. É a forma de pronunciar as palavras; é a curva melódica de nossas entonações; são os tipos de combinações sintáticas que fazemos (a ordem das palavras na sequência da sentença) e outros muitos itens, que indicam nossa procedência que revelam “a casa” onde fazemos morada. Mas, entre tais itens, o repertório lexical que manejamos, as escolhas lexicais que fazem nossas preferências constituem ‘pistas’ claras de nosso pertencimento aos grupos onde tecemos nossa identidade (ANTUNES, 2012, p. 46).

É com essa perspectiva que este trabalho fora pensado, valorizando as escolhas lexicais dos falantes (alunos e comunidade escolar), com sua carga de características peculiares à variante linguística popular no Nordeste. Dessa forma é que se vai trabalhar com a identidade cultural dos alunos, apoiando-se no gênero verbo-visual, isto é, o cordel, com as ferramentas de falares, costumes, tradições, historicidade, posturas, o lugar onde vive o próprio aluno. Todas as estratégias e propostas permeiam o que tange a identidade do aluno.

Para os pesquisadores Roxane Rojo e Eduardo Moura (2012), ao falarem sobre a diversidade cultural e de linguagens na escola, reconhecem que, por conta diversidade cultural, há, conseqüentemente, hibridismo nas produções culturais letradas. Isso significa que na escola moderna:

Supõe a divisão entre culto\inculto tão cara à escola da modernidade. Nem mesmo supõe o pensamento com base em pares antitéticos de culturas – cultura erudita\cultura popular, central/marginal, canônica\de massa – também esses tão caros ao currículo tradicional que se propõe a ensinar o cânone ao consumidor massivo, a erudição ao populacho, o central aos marginais (ROJO; MOURA, p. 2012, p.13).

No trabalho que se propõe com este estudo, o cordel e a diversidade cultural como suporte para o letramento considera esse hibridismo existente no gênero em referência e promoverá na sequência didática atividades que valorizem as variantes linguísticas, que elucidem os laços entre o cânone e o popular, aspectos tão expressivos no gênero cordel.

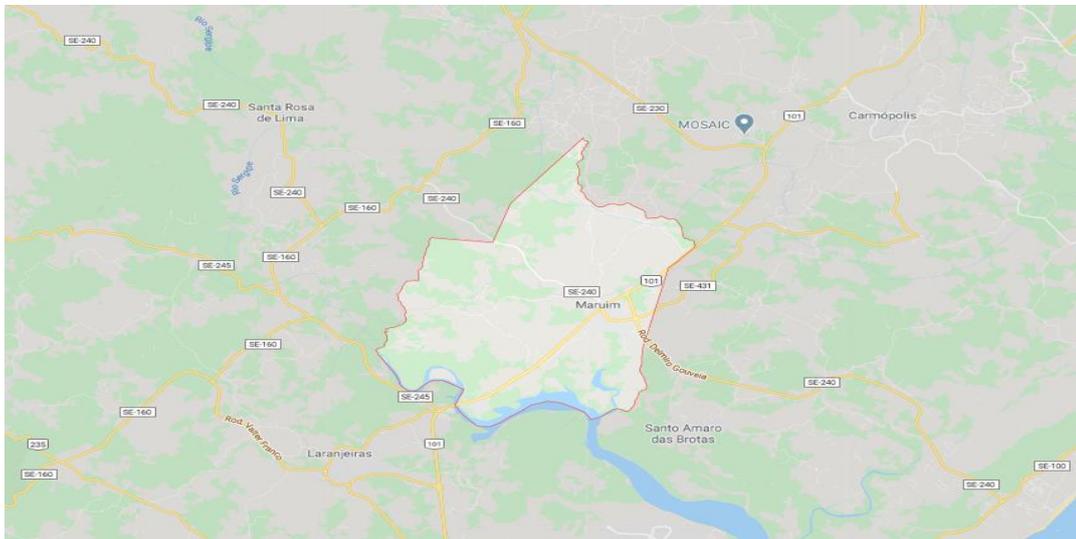
3 METODOLOGIA

3.1 Contexto da pesquisa

Através desta pesquisa organizou-se um produto (sequência didática) que será efetivado no Colégio Estadual Felipe Tiago Gomes (CEFTG), localizado no bairro São José, no município sergipano de Maruim.

Esta cidade histórica faz parte da Grande Aracaju, situada a 30 km da capital. O município de Maruim está situado na microrregião do Baixo Cotinguiba, que fica na mesorregião Leste Sergipano:

Figura 2 - Mapa de localização Maruim-SE



Fonte: site do Google Maps⁵.

Maruim é uma cidade com uma rica história. O primeiro povoamento se deu numa fazenda chamada Mombaça, sem data registrada. Sem demora, os primeiros moradores mudaram-se de lá para outra parte da região, às margens do rio Ganhamoroba. Hoje este local é chamado bairro Lachez. Gradualmente Maruim foi elevada às categorias de freguesia, vila, depois de cidade, em 1854 (AGUIAR, 2004). Nesse período, a cidade vivia o auge da sua economia por conta da produção e exportação da cana-de-açúcar para a Europa. Nesse tempo, muitos consulados, comerciantes estrangeiros como ingleses, alemães, franceses, espanhóis, suíços, italianos viveram nesta região. O termo Lachez indica presença de moradores franceses no lugar que leva o nome.

⁵ Disponível em: <https://www.google.com/maps/place/Maruim>.

As cartas da alemã Adolphine Scharamm para seus familiares em Hamburgo retratam a vida das comunidades estrangeiras em Maruim; a convivência com negros escravizados; a rotina econômica da cidade (NUCA, 1991). A Agenda de viagens do II Imperador do Brasil registra sua visita a Maruim no período citado e aliança política com o Barão de Maruim (SILVA, 2006). À época “a visita de D. Pedro II entusiasmou a população” (AGUIAR, 2004, p. 31). Em meio à expansão econômica, surgiram várias imprensas (produção de jornais e revistas) em Maruim, como também Gabinete de Leitura, isto é, o recanto intelectual para a elite daquele tempo – hoje a biblioteca pública municipal (SILVA, 2006).

Depois do declínio do açúcar, final do Século XIX, poucos imigrantes ficaram na cidade. Fecharam-se as imprensas e muitos comércios. E Maruim equiparou-se a muitas cidades do interior sergipano, com poucas perspectivas de avanços no campo econômico. (SILVA, 1994). Ficaram os vestígios daquele tempo, presenciado nas esculturas, arquiteturas, livros, enfim, na memória do povo.

Certamente, essa história influenciou a cultura maruinense. Esta pesquisa tem como uma de suas finalidades trabalhar a diversidade cultural atrelada ao processo de letramento.

O *locus* da pesquisa foi fundado em 07 de abril de 1998 e sua entidade mantenedora é o governo do estado de Sergipe. Hoje o colégio comporta 554 alunos. Sobre as modalidades de ensino, o colégio oferece ensino fundamental maior, ensino médio regular e o programa EJAEM (Ensino de Jovens e Adultos do Ensino Médio), conforme apresenta a seguinte tabela com a respectiva quantidade de aluno por modalidade e turno:

Tabela 3 - Quantitativos de alunos do CEFTG

Modalidade	Nº Turmas	Turno	Quantitativo de alunos
Ensino fundamental	4	Manhã	144
Ensino Médio	3	Manhã	112
	2	Tarde	70
	2	Noite	89
EJAEM	4	Noite	139
Total:			554 alunos

Fonte: Autoria própria, com base nos dados fornecidos pela escola (2020).

Dos 554 alunos matriculados, 146 são alunos moradores da zona rural, isto é, são residentes em povoados de Maruim. São eles: Caititu, Fazenda Pedras, Povoado Gentil/Capim Duro, Guiomar Dias, Mata do Cabaú/Mata São José, Oiteiros, Pau-Ferro (João Gomes de

Melo), Pedra Branquinha. Há também alunos de outro município, residentes de Pedra Branca, um povoado de Laranjeiras-SE, que faz fronteira geográfica com Maruim.

Embora a escola pareça estruturalmente apta para oferecer um bom ensino a sua clientela, em comparação a tantas outras que não contêm os cômodos e áreas supracitados, vale ressaltar que a mesma escola não tem equipamento algum em suas salas de laboratórios. No que diz respeito ao laboratório de informática, local que também abrigava os equipamentos de multimídias, hoje, o que a escola possui enquanto equipamento tecnológico é uma impressora, sem um computador. A internet só abrange a secretaria da escola.

A biblioteca é constituinte mais de livros didáticos e paradidáticos que literários. Ainda assim, o acervo é desorganizado pelo fato de não haver um profissional para esses fins.

Importa informar que a unidade de ensino desta pesquisa está localizada em uma área onde a criminalidade é expressiva no município. Dito isto, experiências negativas vivenciadas direta e indiretamente pela grande maioria do alunado, por conta dessa conjuntura presenciada de alguns bairros de Maruim, reflete que a grande maioria dos alunos não expressa perspectiva de um futuro bem-sucedido.

Diante do exposto, a escola apresenta-se com grandes opositores da aprendizagem:

- A indiferença de boa parte dos alunos pelos estudos;
- Professores, coordenadores e equipe diretiva gastam mais seu tempo de gestão de aprendizagens com controle disciplinar de muitos alunos marcados pela conjuntura aqui apresentada;
- Os riscos de rendimentos baixos ano após ano.
- Desvalorização do espaço e cultura local.

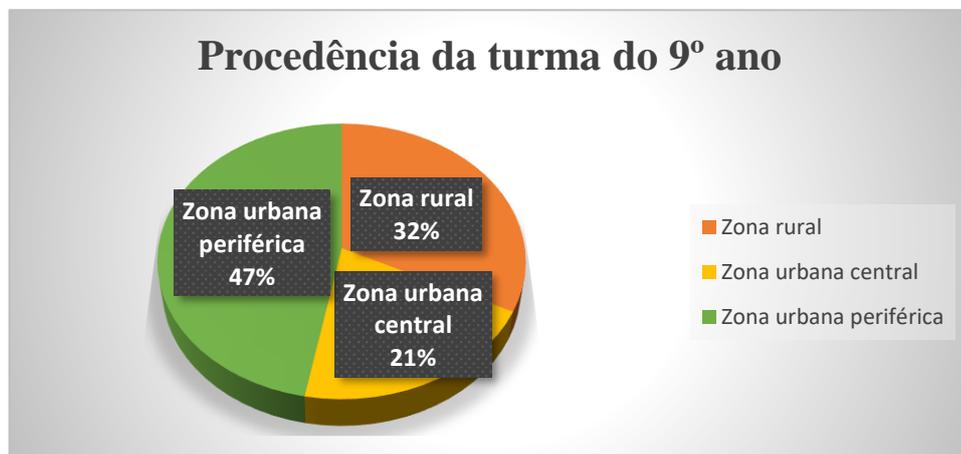
Embora esta realidade não seja a esperada, deve-se ter um olhar otimista sobre a escola.

Deve-se levar em conta que os alunos frequentam a escola e estão nas aulas. Apesar de todas as dificuldades por que passam, eles estão lá. Sendo assim, a escola pode vir a ser mais que um alento para esses alunos. Eles podem, na escola, vivenciar ‘algo mais’ dentro de uma proposta de trabalho diferenciado. Paulo Freire (2011) já dizia que toda proposta educativa passa pela problematização da realidade e, segundo o autor, é papel essencial do professor cuidar dessa tarefa, ou seja, o ato para agir melhor com os alunos e em resultado para a realidade.

3.2 A coleta de dados

Quanto à turma que esta pesquisa teria sido aplicada, a do 9º ano do ensino fundamental, é composta por 34 alunos matriculados no ano letivo de 2020. A classe é heterogênea em vários aspectos. Um deles diz respeito à procedência dos alunos. Aqui tratar-se-á de alunos procedentes de povoados (zona rural), zona urbana central e zona urbana periféricas de Maruim, haja vista a conjuntura concernente à questão de bairros estigmatizados como perigosos e povoados tidos pelos colegas e próprios moradores como locais menos importantes, conforme observações realizadas. Para melhor visualização, a turma está assim representada:

Gráfico 1 - Procedência dos alunos da escola



Fonte: Autoria própria (2020).

Com respeito aos alunos provenientes dos povoados, pode-se afirmar que eles estão nivelados em aprendizagem em comparação aos alunos moradores da sede municipal. Isso é uma característica positiva, posto que os mesmos, para se deslocarem de seus lares até o colégio, precisam acordar muito cedo e chegar muito tarde em casa. Além disso, eles estão sempre ansiosos no final da aula pelo receio de *‘perder o ônibus’*. Isso significa que a última aula é a menos produtiva pela falta de atenção da classe. Ainda assim, os alunos advindos dos povoados são os mais frequentes. Na turma em referência, o rendimento desses alunos não difere dos demais. Com vistas a esse contexto e emprestando as palavras de Euclides da Cunha, pode-se afirmar que um aluno de povoado “é, antes de tudo, um forte”.

Com relação aos alunos residentes na zona urbana periférica, eles, na maioria, preferem não se identificar enquanto morador de certas regiões periféricas tanto pelo estado de pobreza quanto pela má fama que o bairro ou parte dele tem de ter residentes vinculados ao tráfico ou a

outros crimes de cunho violento. É o grupo de alunos da turma que mais se mostra apático com os estudos e também indisciplinados.

Já os alunos da zona urbana central da sede, em maioria, apresentam também apatia com respeito aos estudos, porém de modo mais brando. Do mesmo modo ocorre com a questão da indisciplina: as ocorrências são amenas.

Outra faceta da heterogeneidade da turma do 9º ano é a distorção idade-série. A questão é gritante. Há distorção por dois motivos: repetidas retenções ao longo do curso do ensino fundamental e pelo fato de que os pais de alunos com idade igual ou superior a 15 anos não cogitam em deixar seus filhos cursarem o programa Ensino de Jovens e Adultos do Ensino Fundamental (EJAEF), oferecido pela rede municipal de ensino de Maruim.

Dessa forma, fica claro que os professores têm um árduo trabalho em preparar aulas para quem está começando a viver a adolescência, isto é, os alunos que estão na idade certa no 9º (apenas 7 alunos); os adolescentes propriamente ditos e para aqueles que já começaram a vida adulta.

Para dar sequência à caracterização da turma, pode-se elencar, referente ao ano letivo e 2020 que, de acordo com os dados coletados nas fichas individuais dos alunos:

- Apenas uma aluna veio transferida de outro município sergipano;
- 07 alunos são repetentes do 9º ano neste mesmo colégio;
- A turma constitui-se de 22 meninas e 12 meninos;
- A maioria tem acesso à *internet* utilizam mídias sociais como *WhatsApp*, *Facebook* etc. com celulares próprios ou dos pais;
- A turma apresenta alguns alunos com distúrbios comportamentais.

3.3 Sobre a metodologia

Este trabalho, em termo de metodologia, é caracterizado como uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo e pedagógico. Isso significa que o pesquisador reflete sobre a problematização, mas vai além do diagnóstico desse problema. Ele vai aprofundar-se teoricamente sobre seu objeto de estudo e, o mais importante, desenvolve estratégias de práticas que objetivam resolver ou amenizar a problemática, que aqui desenvolver-se-á no campo educacional enquanto proposta de ensino.

Para Lüdke e André (1986, p. 7), esse tipo de pesquisa, através de revisão de literatura e a observação das ocorrências permite “compreender a trama intrincada do que ocorre numa

situação microssocial”, no caso, todo o contexto que permeia um processo de aprendizagem na sala de aula. Em outras palavras, “é a partir da interrogação que ele [o pesquisador] faz aos dados, baseado em tudo que ele conhece do assunto – portanto em toda a teoria acumulada a respeito -, que vai se construir o conhecimento sobre o fato pesquisado.

Uma proposta pedagógica que pode nortear professores de Língua Portuguesa a melhorar o ensino de leitura e escrita do alunado, tendo como suporte a literatura de cordel, é o cerne desta pesquisa qualitativa de cunho pedagógico, pois visa a aprendizagem dos alunos. Para tanto, é necessária a observação participante, que cola o observador à realidade estudada, bem como a análise documental, que completa os dados obtidos e que aponta novos aspectos da realidade pesquisada (LÜDKE e ANDRE, 1986).

Nessa pesquisa qualitativa, a pesquisadora não só observou o problema, mas também levantou dados, aprofundou-se teoricamente, criou hipóteses e planejou um trabalho em forma de sequência didática que diminuísse ou erradicasse o problema, tudo em prol de propostas de prática pedagógica sobre leitura e escrita com folheto de cordel, com ênfase na aprendizagem dos alunos.

Em conformidade com esses aspectos, a pesquisadora Almeida (2009, p. 27), frisa que a pesquisa qualitativa “busca a interpretação em lugar da mensuração, procura a descoberta em vez da constatação e valoriza a indução”. Este trabalho procura interpretar o contexto que engloba o problema de leitura e escrita, o espaço e a cultura dos alunos, a fim de projetar uma sequência didática mais significativa para os alunos. A autora mencionada ainda esclarece:

A pesquisa qualitativa enfatiza o processo, enfoca o que está ocorrendo e não o produto ou os resultados finais. Segundo André (2007, p. 41), nessa pesquisa, “há o contato direto do pesquisador com a situação e a investigação da pesquisa”. Ela permite reconstruir os processos e as relações que configuram a experiência escolar diária. Nessa forma de pesquisa, é possível documentar o que não é documentado, ou seja, descrever as ações praticadas pelos seus atores sociais (ALMEIDA, 2009, p.29 apud ANDRÉ, 2007, p. 41).

Essa pesquisa, de caráter qualitativo, tem como pressuposto o fato de ser a aprendizagem construída interativamente, neste caso, na relação professor-aluno; texto-aluno-professor; aluno-texto-autor.

As ponderações acerca do planejamento e efetivação de aulas significantes foram de suma importância na fase das etapas da sequência didática básica. Esta teve como fundamento o folheto de cordel *As aventuras de Otto Schramm – as cobras do gabinete de leitura de Maroim*, que conta a proeza do cônsul alemão Otto, que residiu na cidade de Maroim, na segunda metade do século XIX, no tempo do Brasil Império. Aguiar (2004, p. 27) relata a

veracidade da existência do ilustre morador de ‘Maruim’, oriundo de Hamburgo. Consonante com Aguiar, é a coletânea ‘Cartas de Maruim’ que elenca cartas de uma integrante da família Schramm de Maruim para seus parentes na Alemanha. Nessas cartas, esposa do tio de Otto, relata o cotidiano comercial, político e doméstico de Maruim no período de sua estadia ali. (NUCA-UFS, 1991). Já a pesquisadora maruinense Silva (2006, p. 53) acresce com o seu trabalho acadêmico a presença da família Schramm em Maruim em meados do século XIX, enquanto comerciantes e diplomatas. No folheto, Adolphine e Otto Schramm são personagens de função crucial para o desfecho da história contida no cordel (ISRAELÍ, p. 14).

Os versos do folheto em questão tratam do bravo Otto Schramm como personagem principal que peleja contra as cobras e sua rainha que saíram do porão do gabinete de leitura (biblioteca pública de Maruim) para reinar a cidade. É quando acontece todo o “*labafero*” em Maruim, onde será desenrolado nos versos do cordel (ISRAELÍ, 2019 p. 9).

A obra é constituída de 20 páginas com 53 estrofes. Essas são quadras compostas de versos de sete sílabas, isto é, setilhas, e as rimas são intercaladas da seguinte forma: ABCB, lembrando as origens do folheto de cordel no que concerne às estrofes e rimas.

O escritor optou por retratar os espaços da cidade de Maruim na sua narrativa quando aborda vários pontos (atuais e antigos da cidade): o gabinete de leitura, a Rua da Cancela (hoje Rua General Siqueira), Igreja São Vicente (datada de 1742), a Igreja Matriz e praça principal, o Porto velho, o sobrado onde viveu a família alemã. Há várias possibilidades de trabalhar com esses espaços como, por exemplo, os nomes das localidades de outrora e na atualidade.

Pode-se notar ainda que o escritor poetizou sobre pessoas ilustres - do consulado e outros personagens importantes para a criação e preservação do Gabinete de leitura: Thomaz Rodrigues da Cruz e João Cruz. A história começa e tem seu desfecho no gabinete de leitura, dada a importância que teve o gabinete nos tempos de glória econômica, política e intelectual.

Para enaltecer um dos grandes benfeitores de Maruim, Otto Schramm, o escritor o coloca como herói do folheto, que enfrenta as cobras que saíram do porão do gabinete para dominar a cidade e até Hamburgo. Não foi por acaso a escolha das cobras como vilãs da narrativa: sempre permeou na cidade um mistério sobre o que haveria no porão místico: teriam cobras? Túnel que ia dar em outro lugar misterioso? São muitas as crendices que envolvem o porão do gabinete de leitura de Maruim.

Outro motivo para o autor, que professa o judaísmo se identificar com o cônsul, é que ele era proveniente de família de religião judaica. Tanto que a tia do cônsul, Adolphine, não foi enterrada em cemitério cristão (SILVA, 1994) em Maruim. É coerente colocar num patamar de super-homem uma pessoa de origem semita, uma minoria nas sociedades modernas. Como o

autor é adepto da religião judaica e do movimento que se preocupa com os direitos humanos; estuda museologia, fica mais fácil de entender o porquê de certas escolhas (personagens judeus, a igreja São Vicente, hoje em ruínas por falta de conservação).

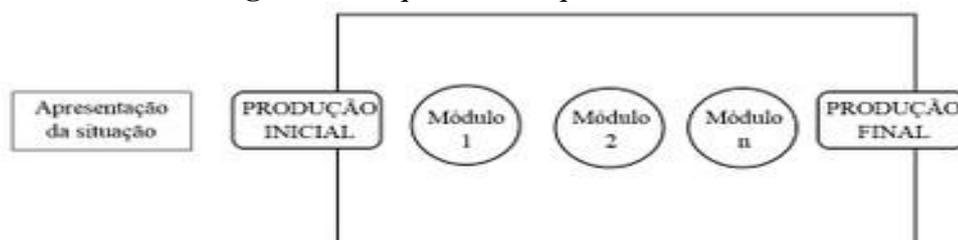
Resta aqui dizer que o autor foi meu aluno na 1ª série do ensino médio na mesma escola onde é o *locus* desse estudo. Participou desde a adolescência de vários concursos e feiras literárias ofertadas pela escola, galgando vários prêmios. Sempre foi dado aos estudos de línguas desde a tenra idade. O gabinete de leitura, hoje biblioteca pública, não poderia ser outra coisa senão sua segunda casa durante muito tempo, ajudando-o não só na sua carreira de escritor, mas também de pesquisador e ativista. Atualmente Hefraim A. Israelí continua residente em Maruim, fazendo o que mais gosta: estudar e escrever.

3.4. Organização da Sequência Didática

O trabalho docente é uma atividade consciente e sistemática. Além desses aspectos, o fazer pedagógico do professor deve estar atrelado às concepções sociais e conhecimento de mundo dos alunos. A sequência didática é composta por esses caracteres, pois trata-se uma organização de atividades didáticas pensadas e sistematizadas por etapas para promover a aprendizagem.

Para qualquer sugestão de trabalho escolar, o gerenciamento do tempo e das atividades são fatores fundamentais para que a ação pedagógica seja bem-sucedida. Na sequência didática, esse gerenciamento vai além da organização do tempo e das atividades. Segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2011), um trabalho pedagógico fundamentado em sequência didática engloba componentes cruciais para obtenção de aulas eficazes:

Figura 3 - Esquema da sequência didática



Fonte: (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2011, p 83).

Objetivos

- Recorrer ao folheto de cordel *As aventuras de Otto Schramm: as cobras do gabinete de leitura de Maruim*, de Hefraim Andrade para efetivação do processo de letramento;

- Participar efetivamente nas atividades e no jogo constituintes na sequência didática, possibilitando a compreensão leitora e habilidade escritora de forma gradativa e eficiente.

Conteúdos

- Leitura sequenciada do folheto de cordel *As aventuras de Otto Schramm: as cobras do gabinete de leitura de Maroim*, de Hefraim A. Israelí, com foco tanto na leitura visual quanto na verbal;
- Estudo do gênero cordel, da estrutura composicional do folheto;
- Abordagem sobre a cultura maruinense (cordéis locais, o léxico da região, os espaços de Maruim);
- Representação do folheto;
- Escrita de folheto de cordel.

Gênero textual

O gênero a ser utilizado como suporte do processo de letramento (competência leitora e escritora) é a literatura de cordel ou folheto de cordel.

Público-alvo

- A turma do 9º ano do ensino fundamental de uma escola de Maruim-SE, composta por 34 alunos, do turno matutino.

Tempo estimado

- 10 aulas.

Recursos materiais

- 34 folhetos de cordel *As aventuras de Otto Schramm: as cobras do gabinete de leitura de Maroim*, editado e publicado pela gráfica Datagraph.
- Lápis de cor;
- 5 caixas de papelão;
- 1 caixa de papelão grande;
- Canetas hidrocor;
- 200 folhas de papel sulfite A4 branco;
- 6 potes de tinta guache (250g cada), nas cores verde, amarelo, azul, vermelho, marrom e preto e rosa;

- 10 placas de isopor;
- 20 Cartolinas dupla face;
- Cola branca;
- Tesouras escolares;
- Revistas para recortar;
- 2m de Tecido tipo chita;
- Percevejo tipo grande;
- 2 carreteis de fita adesiva incolor;
- 4 folhas de papel madeira;
- Pincéis de tamanhos variados;
- Pincel para quadro branco;
- Quadro branco;
- Aparelho de celular;
- Computador;
- Impressora.

Apresentação da situação

Na primeira etapa, é apresentado aos alunos o que seria desenvolvido na sequência didática. É nesse momento em que os objetivos das aulas são externados de forma clara e objetiva, sendo apresentados os procedimentos que serão adotados para atingir uma meta. Baumann (1990 apud SOLÉ, 1998, p. 78) defende a caracterização de aula eficaz introduzida por objetivos: “Os professores conhecem os objetivos de suas aulas e são capazes de expô-los claramente aos alunos. [...] Explica-se aos alunos os objetivos daquilo que será trabalhado e a forma em que eles serão úteis”. Assim, fica evidente que se faz necessário a conscientização dos alunos perante as atividades que eles, juntos com os professores, serão os atores. Em outras palavras, os alunos serão informados acerca de todo o processo que constituirá o trabalho, desde os objetivos até cada programação de atividades das quais eles participarão.

Dessa forma, a turma é incentivada a participar com afinco, por meio de atividades mais dinâmicas como roda de conversa que privilegia a interação, a apresentação de obras, de músicas, rodas de leituras, leitura dramatizada, oficinas de textos e tipo exposição dos escritos deles, dentre outras atividades que fazem parte dos módulos do projeto. Há momento para ouvir comentários e sugestões dos alunos no que concerne à sequência didática apresentada.

Quadro 1 - Apresentação da situação

APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO		
OBJETIVOS	ATIVIDADES	TEMPO ESTIMADO
<ul style="list-style-type: none"> ▪ (Re)conhecer o gênero folheto de cordel; ▪ Refletir sobre a importância do letramento; ▪ Valorizar a cultura local enquanto identidade cultural. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Roda de conversa sobre os conhecimentos dos alunos acerca do gênero folheto de cordel, se já leram ou viram algum de autores maruinenses ou não, de que temas tratam, se se parece com outro gênero e por quê, dentre outras abordagens; ▪ Apresentação da SD (objetivos, gênero cordel, organização das atividades, tempo, etc.); ▪ Simulações de situações do cotidiano social de alunos e adultos que exijam a competência leitora e escritora; ▪ Conversa sobre a importância de fortalecer a cultura local para revelação da própria identidade cultural. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 01 aula
AVALIAÇÃO: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Através de conversa informal e de sugestões nos procedimentos das atividades, os alunos serão avaliados por meio da observação formativa. 		

Fonte: Autoria própria (2020).

Para cada quadro da sequência didática, será apresentada a avaliação formativa que direciona tanto o trabalho docente, como também o discente. Significa que, para cada atividade, o professor e seus alunos refletem sobre as experiências em vivência (quando está acontecendo o processo de ensino) e aquelas já vivenciadas para tomar decisões que intencionem o bom andamento da aprendizagem. Para Perrenoud (1999, p. 116), essa avaliação se dá na “comunicação contínua entre professores e alunos”. Em outras palavras, a avaliação formativa engloba a constante interação nas aulas. Dessa forma, o professor obterá informações cruciais do sucesso ou insucesso da aula, permitindo ao professor e aluno compreender como, quando e de que forma os alunos aprendem com mais eficiência.

Apresentação do gênero folheto de cordel e antecipação de leitura

O folheto de cordel fora o gênero de suporte de todas as atividades desenvolvidas nesta SD. Há também outros aspectos que fundamentam as atividades: o letramento e a concepção

de interação no processo de aprendizagem são alguns deles. Após conhecer as experiências da turma sobre o folheto de cordel, promove-se a abertura de espaço para trabalhar o letramento com este gênero, elucidando a importância da valorização da cultura regional no qual o aluno está no contexto.

É fundamental abrir espaço, dentro do contexto escolar, para que diferentes formas de expressão e aprendizagens sejam respeitadas e valorizadas por seu significado no processo de assimilação cultural e de construção do indivíduo na sociedade (AROUCA, 2012, p.19).

Por isso o trabalho com o folheto de cordel satisfaz essas possíveis lacunas na escola. Cenário, léxico, personagens estão tão próximos dos alunos que o trabalho docente tende a ser facilitado. Reforçando o contexto intelectual e sociocultural, Silva (2009) revela as contribuições positivas da ação pedagógica pautada no texto literário:

A linguagem artística, especialmente a literária, dá voz ao coletivo, ao universal. Na ficção, vemos retratado o drama de todos os homens, o que inclui o nosso próprio. Em outras palavras, ela contribui para tornar o leitor mentalmente mais ativo diante do texto e, por extensão, diante da vida (SILVA, 2009, p. 71,72).

Ainda na segunda etapa, trabalha-se o dialogismo entre o texto e leitor e ainda entre leitor e autor. A princípio, os alunos têm em mãos um exemplar do folheto escolhido. Os alunos fazem os primeiros contatos com o texto para conhecer melhor o gênero. Depois há uma interatividade expressiva na aula onde o próprio autor apresenta uma palestra sobre a historicidade da literatura de cordel, pontuando inspirações e contextos que ajudaram na criação da obra. Os alunos terão a oportunidade de conversar com o autor sobre curiosidades, questionamentos a respeito da sua obra. Teresa Cristina Wachowicz (2012, p. 30) já postula que “o gênero é um instrumento de interação”. Também reforça, à luz do dialogismo bakhtiniano, que as atividades interativas (o autor aqui em relevo) têm fundamento:

O enunciado é um fenômeno complexo, poliformo, desde que o analisemos não mais isoladamente, mas em sua relação com o **autor** (o locutor) e enquanto elo na cadeia de comunicação verbal, em sua relação com os outros enunciados [...] O enunciado reflete o processo verbal, os enunciados dos outros, [...] os elos nas áreas da comunicação cultural (BAKTIN, 1992, p. 319-319 apud WACHOWICZ, 2012, p. 30).

Ainda sobre a relação autor e leitor, Silva (2009) é consonante com Wachowicz (2012): “Ninguém melhor do que o próprio autor do próprio poema para desvelar as intenções que se escondem nas entrelinhas do texto (SILVA, 2009, 110).” Assim, a atividade de reconhecimento do gênero, apresentação do folheto a ser trabalhado na sequência e uma palestra interativa que

contemple o contexto de criação do folheto podem ser vistos como atividades que facilitam a mostra de conhecimentos prévios dos alunos. Por conta desses conhecimentos, Solé (1998) explica que atribuímos significados ao texto: “Realizamos essa atribuição a partir dos nossos conhecimentos prévios, a partir daquilo que já sabemos, do que já fazia parte da nossa bagagem experimental [...]” (SOLÉ, 1998, p. 40).

Quadro 2 - 1º módulo da sequência

1º MÓDULO DA SEQUÊNCIA: Apresentação do gênero folheto de cordel como antecipação da leitura			
OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ATIVIDADES	TEMPO ESTIMADO
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Identificar o gênero folheto de cordel. ▪ Conhecer o histórico do cordel no Brasil. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Distinção entre folheto de cordel e outros gêneros literários; ▪ História do folheto de cordel no Brasil; ▪ Contexto da criação do folheto escolhido para SD; 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Após a junção das mesas redondas da biblioteca, os alunos estarão acomodados em uma grande mesa redonda, que conterá o cordel escolhido, outros cordéis e diversos gêneros como HQs, novelas, romances etc. postos nas mesas. A professora pedirá para que eles identifiquem os cordéis e expressem oralmente porque acreditam que aquelas obras são folhetos de cordel, frisando todas as características possíveis (verbal e visual). ▪ Palestra interativa com o autor da obra <i>As aventuras de Otto Schramm...</i> sobre breve histórico do cordel (criação, circulação, leitura etc) e contexto da criação do folheto em questão (motivações) conversa sobre curiosidades dos alunos referentes à obra. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 01 aula
AVALIAÇÃO: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Os alunos serão avaliados por meio de acompanhamento do desempenho sobre os conhecimentos acerca do gênero folheto de cordel, embasado na observação do professor, na desenvoltura da classe na identificação do folheto e nas expressões orais após a palestra. 			

Fonte: Autoria própria (2020).

Por intermédio da observação atenta do professor é que se pode “coletar dados para interpretá-los com o intuito de compreender a qualidade da avaliação. (LUCKESI, 2011, p.278). Assim o professor obterá as informações necessárias para fazer a autoavaliação com respeito à execução do seu plano, se a avaliação também foi efetivada a contento. Nesse sentido, colher os conhecimentos construídos faz parte do processo de conhecimento contínuo. Assim, apresenta-se um modelo de mapa avaliativo para cada atividade desta SD atrelada aos objetivos

de cada aula. Nesse mapa, onde está registrado A1, A2, A3, trata-se do espaço onde o (a) professor (a) vai anotar os nomes dos seus alunos.

Tabela 4 - Mapa avaliativo 1

Alunos / Desempenho	▪ Conseguiu identificar o gênero folheto de cordel.	▪ Atentou para e participou da palestra sobre cordel.	▪ Demonstrou conhecimentos sobre o histórico do cordel no Brasil.
<u>A1</u>			
<u>A2</u>			
<u>A3 ...</u>			

Fonte: Autoria própria (2020).

Legenda:

E	EXCELENTE
S	SATISFATÓRIO
I	INSATISFATÓRIO

Antecipação específica da leitura - Leitura da capa do folheto de cordel

Nesta atividade os alunos serão convidados a ler a apresentação do folheto. Isso significa que haverá o estudo da capa do folheto do cordel *As aventuras de Otto Schramm – as cobras do porão do gabinete de leitura de Maroim*.

Figura 4 - Capa do folheto de cordel.



Fonte: ISRAELÍ, Hefraim A. (2019).

É bem verdade de que, na história do cordel, a xilogravura estava presente nesse gênero para ilustrar sua capa. Hoje, encontra-se capa de cordel sob novas formas de criação.

Alguns cordelistas fazem sua própria ilustração de seus próprios folhetos e essa cultura é passada de geração em geração por eles. [Outros] usam uma forma mais moderna para ilustração. Há desenhos feitos à mão ou no computador. Também há ilustrações com fotografia. Prova que o cordel mantém suas raízes, mas também se adapta às novas tecnologias da informação (TEIXEIRA, 2008, p. 23-24).

A imagem de um cordel tem muito a dizer para o leitor. Na verdade, a leitura de um folheto de cordel inicia-se pela capa. Ela é a antecipadora da leitura verbal do folheto. É através da leitura dos desenhos, cores, títulos, símbolos que o aluno começa a se debruçar na leitura por meio dessa ‘provocação’. Daí a importância de os professores envolverem os alunos na atividade de leitura da capa do cordel. É Arouca (2012, p. 39) quem sintetiza: “ensinar a ler imagens é ensinar a ler o mundo”.

Esse primeiro contato com o texto, esse tipo de antecipação de leitura sob viés da leitura visual, a capa do cordel fornece elementos que introduzem a narrativa poética. Roiphe (2011) considera fundamental também o estudo da leitura visual da capa do folheto. Ele acrescenta que até o título do cordel é elemento de produção de sentidos. A BNCC é clara quando trata da questão de leitura visual nas aulas de Língua Portuguesa:

Leitura no contexto da BNCC é tomada em um sentido mais amplo, dizendo respeito não somente ao texto escrito, mas também a imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em movimento (filmes, vídeos etc.) e ao som (música), que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais (BRASIL, 2017, p. 68).

O folheto de cordel que será analisado nesta sequência não é provido de xilogravura, nem de elaboração de desenho amparado na tecnologia digital. O desenho foi criado pelo próprio autor, de forma bem simples: utilizou lápis grafite, caneta para desenho lápis de cor, mas é rico em elementos visuais que dão suporte à realização da antecipação da leitura: os desenhos de personagens, símbolos como as flâmulas, brasão, o cetro, as expressões faciais, a disposição do título, vestimenta do personagem, das palavras em latim e das palavras ironizadas nas falas dentro dos balões, não somente esboçam um prenúncio da narrativa - todos esses elementos impelem o leitor a buscar no seguimento do poema narrativo a trama da história. Em outras palavras, a capa de um folheto de cordel é um convite a ler o texto na íntegra.

Quadro 3 - 2º Módulo da sequência.

2º MÓDULO DA SEQUÊNCIA Antecipação específica da leitura: leitura da capa do folheto de cordel			
OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ATIVIDADES	TEMPO ESTIMADO
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Ler verbo-visualmente a capa do cordel. ▪ Deduzir personagens e temática da narrativa pela leitura da ilustração e do título; ▪ Mostrar interesse pela leitura integral do folheto. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Estudo da capa do cordel As Aventuras de Otto Schramm – as cobras do gabinete de leitura de Maroim. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Leitura compartilhada da capa do cordel contemplado mediada pela professora. ▪ Em grupos pequenos, utilizam o cordel (foco apenas na capa) e um caça-palavra elaborado pela professora para encontrar elementos contidos na capa do cordel. Exemplos: cobras, cartola, cetro, rainha, trono, bengala, Otto, regnum, emblema, valente etc. ▪ Atividade com perguntas para dedução de quem seria as personagens, suas supostas personalidades através da análise do título, dos demais elementos verbais e visuais; ▪ Com base nas atividades anteriores, o aluno escreve em papel A4 qual seria o assunto do texto, época e espaço da narrativa, se acha que se trata de uma história cômica ou trágica etc. A professora combina um tempo entre 15 a 20 minutos para entrega desta última atividade. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 01 aula
AVALIAÇÃO			
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Mapa de observação formativa será registrado do conhecimento prévio dos alunos, formulação de hipóteses sobre a narrativa do folheto de cordel: envolvimento nas atividades de leitura; respostas às perguntas e o jogo caça-palavra. 			

Fonte: Autoria própria (2020).

Houve, posteriormente à aplicação da SD, um gráfico com os resultados percentuais das respostas dos alunos no que se refere às perguntas estratégicas. As informações contidas no gráfico e na tabela de observação da aprendizagem foram meios de conhecer o desempenho de cada aluno e, se necessário, intervir nas próximas aulas (LUCKESI, 2011, p. 291).



CAÇA-PALAVRA DOS ELEMENTOS VERBO-VISUAIS DA CAPA DO FOLHETO DE CORDEL AS AVENTURAS DE OTTO SCHARAMM – AS COBRAS DO PORÃO DO GABINETE DE LEITURA DE MAROIM

Y	M	T	R	H	Y	E	I	D	L	G	T	S	E	E	L	H	A	G	I	I	G
M	T	U	H	I	H	G	M	L	H	A	L	A	E	S	P	W	A	R	S	F	V
T	T	O	N	I	N	A	T	C	A	B	R	R	Y	F	A	S	I	H	E	O	M
S	V	P	R	G	R	S	H	U	N	I	I	V	T	L	N	N	H	G	H	L	E
T	T	I	F	U	E	A	E	L	N	N	H	A	U	Â	N	I	L	E	M	H	E
E	R	N	I	O	E	R	G	T	E	E	E	L	C	M	R	O	E	O	E	E	N
C	O	M	T	A	R	U	O	U	N	T	C	A	R	U	T	I	E	L	A	T	E
T	M	I	S	H	W	T	C	R	A	E	R	P	J	L	T	V	O	R	S	O	D
H	T	N	O	U	S	N	F	A	N	T	L	H	O	A	R	H	S	L	E	D	T
C	H	F	I	E	L	E	O	A	O	E	D	A	R	D	N	A	S	I	R	E	E
E	T	D	G	O	N	V	E	L	T	G	A	R	V	T	R	W	S	D	E	C	H
I	W	N	I	K	D	A	A	S	R	E	N	E	C	S	L	I	O	H	O	O	R
E	A	R	U	V	A	R	G	O	L	I	X	H	D	I	H	O	Y	T	T	R	P
G	N	Y	L	H	I	B	H	I	E	E	A	I	I	O	G	N	N	S	H	D	F
D	E	I	U	S	S	O	I	M	M	A	R	H	C	S	O	T	T	O	I	E	T
T	D	N	R	P	S	C	O	R	O	A	A	T	N	T	P	O	R	Ã	O	L	H

AVENTURAS - CARTOLA - COBRA - COROA - CULTURA - FLÂMULA FOLHETO DE CORDEL - GABINETE - LEITURA - MARUIM - NAJA - OTTO SCHRAMM - PALAVRAS - PORÃO - REGNUM - VALENTE - XILOGRAVURA

Fonte: Autoria própria (2020).

Tabela 5 - Mapa avaliativo 2

Alunos / Desempenho	▪ Participou da leitura compartilhada verbo-visualmente da capa do cordel.	▪ Deduziu herói, vilão, temática etc. com a leitura da capa, jogo e perguntas.	▪ Demonstrou motivação pela leitura integral do texto.
<u>A1</u>			
<u>A2</u>			
<u>A3</u> ...			

Fonte: Autoria própria (2020).

Legenda:

E	EXCELENTE
S	SATISFATÓRIO
I	INSATISFATÓRIO

Primeiras leituras da narrativa do folheto de cordel

Nesta fase, dar-se-á continuidade à leitura do folheto *As cobras do porão do Gabinete de leitura de Maroim*, de Hefraim A. Israelí. Em visita ao gabinete de leitura de Maruim, atualmente a biblioteca pública centenária da cidade, haverá a atividade de leitura das cinco primeiras estrofes do folheto, com o objetivo de os alunos vivenciarem a história em um dos espaços principais descritos na obra. Especificamente, na ala quase infrequente do gabinete, onde se pode observar o porão misterioso que permeia o início e o fim da narrativa.

Figura 5 - Gabinete de leitura de Maruim-SE

Fonte: Acervo particular (2020).

Figura 6 - Foto do gabinete no início do século XX

Fonte: Acervo particular (2020).

A professora, antes de tudo, explicará que a leitura de uma obra literária, especialmente a de poemas, como é o caso do folheto de cordel, difere de leitura de outros gêneros textuais.

O texto literário exige um modo próprio de leitura, um modo próprio de interpretação. Ninguém pode ler um poema, por exemplo, do mesmo modo que ler uma notícia, um aviso, um anúncio publicitário. Muito menos ninguém pode ler em voz alta, do mesmo jeito, o poema e a notícia. O poema não se lê; o poema se recita, se declama; com a emoção escapando pela voz, e a admiração (ANTUNES, 2012, p.133).

Em seguida, frente ao porão, a professora tornará a leitura/escuta instigante: fazer perguntas hipotéticas e motivadoras é crucial nessa atividade, como “*O que será que existe dentro desse porão? O que a capa do cordel pode revelar sobre isso? Será que as cinco primeiras estrofes vão desvendar o mistério?*” O próprio aluno, nessa conjuntura também pode formular perguntas e hipóteses. Além da motivação, Isabel Solé (1998) elucida que atividade que envolve perguntas estratégicas contribui para a compreensão leitora, de primeiramente de forma silenciosa pela classe, precedida de uma breve releitura da capa do cordel.

Para alcançar esse objetivo, assim como qualquer outro relacionado à compreensão daquilo que se lê, os alunos devem escutar e compreender as perguntas formuladas pelos professores e constatar que a leitura permite respondê-las. De forma paulatina, eles poderão formular suas próprias perguntas, o que significa autodirecionar sua leitura de maneira eficaz (SOLÉ, 1998, p.113).

Assim, se faz necessário, no processo de leitura, incentivar as elaborações de previsões do texto. Após essa motivação estratégica, haverá uma breve releitura da capa do folheto. Em seguida, professora orienta a leitura silenciosa. Solé (1998, p. 78) explica que na fase de leitura silenciosa os alunos são convidados a criar objetivos, a prever e formular hipóteses, detectar e sanar falhas de compreensão etc.

Depois desta etapa, pode-se trabalhar com duas estratégias: a de escuta de leitura em voz alta (recitação) e relê de forma expressiva (sendo que das dez primeiras estrofes), esta realizada pela professora. Solé (1998) dá continuidade à sua proposta de ensino de compreensão leitora:

O professor serve de modelo para seus alunos mediante sua própria leitura: lê em voz alta para sistematicamente verbalizar e comentar os processos que lhe permitem compreender o texto – por exemplo, as hipóteses que realiza, os indicadores em que se baseia para verificá-las...; também comenta as dúvidas que encontra (COLLINS E SMITH, 1980 apud SOLÉ, 1998, P. 77).

Ferrarezi JR e Carvalho (2017, p. 36) concordam com essa estratégia de leitura ao declararem que “as atividades de leitura de história pelo (a) professor (a), em voz alta, para a classe constituem um bom momento de treinar a **compreensão**”. Além da recitação, há o

trabalho da leitura expressiva que deve ser manifestada pela professora, que antes caracterizará esse tipo de leitura para seus alunos.

Cabe ao professor de português recuperar um pouco desse desenvolvimento que ficou interrompido. O treinamento da leitura expressiva assim como o exercício de jogos dramáticos, são boas opções de trabalho para retomar o caminho da emoção. Leitura expressiva não é dom, é aprendido. Como tal, também pode ser ensinada (SILVA, 2009, p. 110).

Tais atividades tendem a facilitar a compreensão do texto (dar respostas rápidas e eficazes no que concerne às previsões do texto), trabalhar a compreensão leitora e motivar a continuidade da leitura do mesmo.

Após essa leitura, a professora faz uma breve alusão de como ler de forma expressiva. Pode exemplificar com uma leitura de uma matéria de jornal e de uma estrofe que acabou de ler para fins de verificação de diferenças da entonação, de como as personagens se apresentam com mais vida e sugere efeito de sentidos ao texto, dentre outros.

É verdade que os alunos podem demonstrar desinteresse pela leitura em voz alta, tecer comentários sobre o texto provindo de timidez ou falta de familiaridade com esse tipo de atividade. Ainda assim, Solé, (1998, p. 43) alerta aos docentes:

Não devemos esquecer que o interesse também se cria, se suscita e se educa e que em diversas ocasiões ele depende do entusiasmo e da apresentação que o professor faz de uma determinada leitura e das possibilidades que seja capaz de explorar.

Sob esse prisma, o professor pode dar o pontapé inicial para a efetivação de atividades ainda não experimentadas por seu alunado e poderá vislumbrar um processo de letramento eficaz na sua turma.

Quadro 4 - 3º Módulo da sequência

3º MÓDULO DA SEQUÊNCIA - Primeiras leituras da narrativa do folheto de cordel			
OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ATIVIDADES	TEMPO ESTIMADO
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Expressar motivação pela leitura do folheto dentro ao gabinete de leitura. ▪ Prever situações de complicação da narrativa. ▪ Diferenciar com atenção leitura de 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Visita ao gabinete de leitura. ▪ Questões estratégicas de previsão de leitura. ▪ Releitura da capa do folheto e leitura silenciosa das dez primeiras estrofes. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ No Gabinete de leitura de Maruim, próximo ao porão misterioso relatado no folheto, alunos estarão de pé em círculo. A professora suscitará perguntas para motivação e previsão da leitura. ▪ Haverá breve releitura individual da capa do cordel, seguida de leitura 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 02 aulas

<p>cordel e leitura de outros gêneros literários.</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Conhecer e apreciar leitura expressiva de cordel. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Leitura expressiva das dez primeiras estrofes. ▪ Elementos de leitura expressiva: ritmo, entonação, intérpretes das “vozes” do narrador e personagens, expressões faciais, simulações de sons contidos no texto etc. ▪ Compreensão do início da narrativa do cordel para instigar o interesse pelo texto integral. 	<p>silenciosa das cinco primeiras estrofes do cordel.</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Leitura em voz alta por parte do professor de uma matéria de jornal e das dez primeiras estrofes do cordel (alunos acompanhando com seus folhetos); a professora faz apontamentos das diferenças. ▪ Leitura expressiva das dez primeiras estrofes por parte da professora ainda na ala próxima ao porão. ▪ No salão de leitura do Gabinete, alunos sentados em grupos ao redor das mesas, a professora entrega texto impresso com perguntas sobre a compreensão do texto e as características de uma leitura expressiva. Pedem que eles identifiquem em que momento a professora utilizou os elementos de expressão facial, deu voz interpretativa ao narrador, aos outros personagens. ▪ Serão levantadas perguntas sobre as estrofes lidas: por que a leitura do cordel é diferente e o que eles acharam de estar no espaço que tem o porão misterioso contido na narrativa; o que eles acham que existe no porão, etc. o prédio é antigo, é assustador. ▪ A professora pedirá que os alunos recitem o texto integralmente e dirá que na próxima aula a leitura na sala ou no pátio aberto será expressiva, para outras turmas apreciarem seus trabalhos. Solicitar um relato por escrito da aula extraclasse. 	
---	--	--	--

AVALIAÇÃO:

- Dar-se-á continuidade à avaliação formativa através da ampla observação do comportamento dos alunos nas atividades apresentadas neste quadro, ressaltando os novos conhecimentos adquiridos e regulados pelos alunos.

Fonte: Autoria própria (2020).

Para Perrenoud (1999), a autorregulação da aprendizagem consiste nas “[...] capacidades do sujeito para gerir ele próprio seus projetos, seus progressos, suas estratégias diante das tarefas e dos obstáculos” (PERRENOUD, 1999, p.97). Dessa forma, a avaliação formativa permite ao professor levar o aluno a se conscientizar de que ele faz parte do processo de ensino, não de maneira passiva. Ele passa a ser agente construtor e regulador dos seus conhecimentos.

Tabela 6 - Mapa avaliativo 3

Alunos / Desempenho	▪ Mostrou-se motivado pela leitura do folheto dentro ao gabinete de leitura.	▪ Conseguiu prever complicação da narrativa, por meio da leitura silenciosa e em voz alta pela professora.	▪ Diferenciou a leitura de cordel de outros gêneros literários.	▪ Demonstrou atenção e interesse leitura expressiva de cordel.
A1				
A2				
<u>A3</u> ...				

Fonte: Autoria própria (2020).

Legenda:

E	EXCELENTE
S	SATISFATÓRIO
I	INSATISFATÓRIO

Leitura integral e expressiva na narrativa do folheto de cordel

O professor, com respeito às estratégias de leitura, pode se valer de diversas atividades para estimular a leitura e a compreensão do texto. Trata-se de facilitar o letramento da maneira mais dinâmica possível. O próximo módulo apresentará algumas estratégias de leitura e compreensão de texto: a leitura expressiva do folheto, a interpretação compartilhada do texto durante a leitura expressiva, realizada em momentos estratégicos mediados pela professora.

Imprescindível na leitura expressiva é dar atenção ao ritmo, um dos traços estilísticos mais nítidos dos poemas. Às vezes, ele se atenua, aproximando o poema da prosa; em outras, parece bem acentuado, lembrando o parentesco da literatura com a música.

Nesse sentido, o trabalho com a escuta, a apreciação da leitura oral, o compartilhamento da leitura expressiva relaciona-se com a maneira de se trabalhar com um gênero verbo-visual constituinte de marcas de oralidade tão acentuada como é o cordel.

Para Bakhtin (1992), os gêneros discursivos abarcam esferas tanto das atividades orais quanto escritas. De igual concepção, as OCN atuais propõem um trabalho didático com o texto que envolva essas duas manifestações de linguagem. (BAKHTIN, 1992 apud WACHOWICZ, 2012, p. 27).

A proposta de trabalho pedagógico apresentada pela autora que dialoga com Bakhtin (1992) e a Organização Curricular Nacional (OCN) é de que haja ações pedagógicas voltadas para um gênero que pode ser trabalhado tanto a oralidade quanto a escrita. No que diz respeito ao cordel, trata-se de um gênero que caminha por essas duas manifestações de linguagem, pois embora seja um texto literário, há muito de oralidade no cordel.

Ao promover momentos de leitura coletiva de obras, nos quais os alunos são convidados a expressar suas ideias ou a fazê-lo de maneira espontânea, o professor se afasta da personificação de detentor único do saber para adotar uma postura de mediador de saberes.

A troca de informações entre os alunos permite socializar não somente conteúdos aprendidos, mas compartilhar experiências individuais. Ao ouvir o comentário de um colega sobre determinado assunto, o estudante tem a oportunidade de regular suas informações e apresentar uma colocação oral apropriada, seja ela um contra-argumento, uma reafirmação do conceito exposto ou mesmo um complemento a ele. (AROUCA, 2012, p.17).

É dessa forma que os alunos aprenderão a ler e a compreender de forma interativa, utilizando o seu protagonismo em sala de aula. Ainda retendo ao protagonismo, a classe se organizará no que diz respeito aos preparativos do teatro de bonecos, atividade em que o *folheto As aventuras de Otto Schramm- as cobras do porão gabinete de leitura de Maroim*. A turma organizará, com a mediação da professora, os grupos que serão incumbidos de preparar cenário, bonecos, adaptação do folheto para o teatro, confecção do convite, sonorização, entre outros recursos logísticos. Haverá um tempo estimado para realização dessa tarefa extraclasse e uma data para a apresentação do teatro na escola.

Quadro 5 - 4º Módulo da sequência.

4º MÓDULO DA SEQUÊNCIA - Leitura integral e expressiva do folheto de cordel
--

OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ATIVIDADES	TEMPO ESTIMADO
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Ler o poema de forma expressiva e interativa. ▪ Compreender o texto do folheto de cordel. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Leitura expressiva e compartilhada do folheto. ▪ Compreensão gradual do texto. ▪ Autoanálise do texto. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Em semicírculo, na sala de aula, os alunos, após rever os elementos de leitura expressiva, farão leitura compartilhada e de livre-arbítrio de forma expressiva. A professora tentará envolver os mais tímidos nesta atividade. ▪ Em alguns momentos, a professora sinalizará pausas estratégicas para pôr em relevo o contexto da leitura, elucidar pontos cruciais e perguntas que facilitem a compreensão. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 02 aulas
AValiação <ul style="list-style-type: none"> ▪ Neste quadro trabalhar-se-á com atividades que permitem avaliação do processo de ensino e a autoavaliação do aluno de formas envolventes, com o intuito de se construir a compreensão gradual do folheto. 			

Fonte: Autoria própria (2020).

Os supostos erros serão entendidos como possibilidades de promoção de novas intervenções. Perrenoud (1993, p.173) define a avaliação como o processo que ajuda o aluno aprender e o professor a ensinar. A ideia base é bastante simples: a aprendizagem nunca é linear, procedem por ensaios, por tentativas e erros, hipóteses, recuos e avanços: um indivíduo aprenderá melhor se o seu meio envolvente for capaz de lhe dar respostas e regulações sob diversas formas. O professor deve ser sabedor de que os erros fazem parte da construção do conhecimento. Algumas atividades podem exigir novas estratégias de ensino que os erros apontaram para o professor observador da dinâmica de suas aulas.

Tabela 7 - Mapa avaliativo 4

Alunos / Desempenho	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Mostrou-se motivado pela leitura do folheto dentro ao gabinete de leitura. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Conseguiu prever complicação da narrativa por meio da leitura silenciosa e em voz alta pela professora. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Diferenciou a leitura de cordel de outros gêneros literários. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Demonstrou atenção e interesse leitura expressiva de cordel.
<u>A1</u>				

<u>A2</u>				
<u>A3</u>				

Fonte: Autoria própria (2020).

Legenda:

E	EXCELENTE
S	SATISFATÓRIO
I	INSATISFATÓRIO

Compreensão leitora do folheto de cordel: estrutura, contexto histórico e linguístico-social

Nesta etapa, os alunos terão oportunidade de compreender a estrutura do gênero folheto de cordel, o contexto histórico, que é marca relevante na compreensão da trama. Além disso, a atividade de compreensão do texto vai trabalhar as questões culturais e sociais de Maruim, que o texto traz nos seus versos. Sob esse olhar, é evidente que, à medida que acontece as fases do letramento, paralelamente o aluno (re)conhece sua cultura sob vários vieses: seu linguajar, sua história, sua arte, seu meio.

Em primeiro lugar, podemos afirmar que, quando um leitor compreende o que lê, está aprendendo; à medida que sua leitura o informa, permite que se aproxime do mundo de significados de um autor e lhe oferece novas perspectivas ou opiniões sobre determinadas aspectos..., etc. A leitura nos aproxima da cultura, ou melhor, de múltiplas culturas, neste sentido, sempre é uma contribuição essencial para a cultura própria do leitor. Talvez pudéssemos dizer que na leitura ocorre um processo de aprendizagem não intencional, mesmo quando os objetivos do leitor possuem outras características, como no caso de ler por prazer (SOLÉ, 1998, p.46).

O gênero cordel pode ser lido facilmente por mero prazer. A linguagem é simples, as temáticas são atraentes, tem caráter dinâmico pela marca de musicalidade, dentre outros fatores. Por isso e por outras razões, o cordel deve ser valorizado e ter seu merecido lugar na Literatura. A poesia popular que o gênero enaltece não deve ser confundido como manifestação inferior de cultura, de arte com alegação preconceituosa de que poesia popular carrega consigo as marcas dos falares da massa, daqueles menos favorecidos.

Deve-se levar em conta que a variante linguística popular, geralmente contemplada nos cordéis também faz parte da cultura de determinado lugar. É esta manifestação literária que vai difundir da maneira mais deleitosa os valores, os costumes e tradição de uma região brasileira. Ou seja, o cordel apresenta a identidade cultural de um povo.

Essas crenças sobre a superioridade de uma variedade ou falar os demais é um dos mitos que se arraigaram na cultura brasileira. Toda variedade regional ou falar é, antes de tudo, um instrumento identitário, isto é, um recurso que confere identidade a um grupo social. Ser nordestino, ser mineiro, ser carioca etc. é um motivo de orgulho para quem o é, e a forma de alimentar esse orgulho é usar o linguajar de sua região e praticar seus hábitos culturais. (BORTONI-RICARDO, 2004, p.33).

Sendo assim, a literatura de cordel revela-se como instrumento de práticas culturais e até de combate ao preconceito social e linguístico. Ainda a autora adverte os profissionais da educação:

Precisamos tomar conhecimento da magnitude e dos efeitos nefastos de preconceito linguístico para podermos nos municiar de informação e combatê-lo. Lembre-se de que a pluralidade cultural e a rejeição aos preconceitos linguísticos são valores que precisam ser cultivados a partir da educação infantil e do ensino fundamental. (IDEM, p. 35).

Esta sequência também oportunizará o educando a valorizar a arte literária em relevo na sua cidade, isto é, o folheto de cordel, e levar o aluno a ponderar sobre seu falar, seu lugar, seus costumes como fenômenos de pertencimento. Vê numa obra literária seu ambiente, seu linguajar, sua história dentre outros fatores. Os educandos terão mais possibilidades de orgulharem-se de si e de sua cultura.

Quadro 6 - 5º Módulo da sequência.

5º MÓDULO DA SEQUÊNCIA - Compreensão leitora do folheto de cordel: estrutura, contexto histórico, linguístico-social.			
OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ATIVIDADES	TEMPO ESTIMADO
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Identificar os elementos estruturais do cordel estudado. ▪ Entender o contexto histórico, social e cultural do folheto lido. ▪ Demonstrar atitude de respeito diante do preconceito linguístico e social. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Compreensão leitora do folheto. ▪ Elementos do gênero cordel. ▪ Variação linguística local. ▪ Contexto sociocultural do folheto. ▪ Preconceito linguístico e social. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Haverá uma atividade em dupla ou trio para diagnosticar a compreensão leitora do folheto de cordel (temática, estrutura, enredo, mensagem, crítica, humor, figura de linguagem, valorização da cultura maruinense, etc.). ▪ Em dupla, os alunos providos de apostila sobre estrutura de folheto de cordel. Os exemplos contemplarão outro cordel “<i>As proezas de Zé Caititu</i>”, do cordelista Eduardo Bittencourt e outros cordéis clássicos para estudo de rima, ritmo, estrofação e métrica. ▪ Debate sobre desvalorização da nossa cultura local: o cordel, preconceito linguístico e do lugar 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 02 aulas.

		onde vivemos que constituem nossa identidade cultural.	
AVALIAÇÃO			
<ul style="list-style-type: none"> ▪ A avaliação formativa terá continuidade através da observação e interação entre professor e alunos no andamento das atividades e pós atividades. 			

Fonte: Autoria própria (2020).

A avaliação formativa objetivará “valorizar a diversidade de interesses e possibilidades de exploração do mundo (**da literatura de cordel**), respeitando sua identidade socio-cultural” (HOFFMANN, 2015, p. 31, grifo nosso). As atividades de debate sobre preconceito linguístico, atividade escrita interativa sobre estrutura do cordel são possibilidades de a professora compreender se as suas ações estão sendo eficazes ou não. Em caso negativo, a professora replanejará sua próxima aula para alcançar o sucesso dos alunos.

Tabela 8 - Mapa avaliativo 5

Alunos / Desempenho	▪ Identificou os elementos estruturais do cordel estudado.	▪ Demonstrou compreensão do contexto histórico, social e cultural do folheto lido.	▪ Demonstrou atitude de respeito diante do preconceito linguístico e social durante o debate.
<u>A1</u>			
<u>A2</u>			
<u>A3</u>			

Fonte: Autoria própria (2020).

Legenda:

E	EXCELENTE
S	SATISFATÓRIO
I	INSATISFATÓRIO

Trabalhando com o léxico e cultura local.

Nesta fase, os alunos serão incentivados a trabalhar com o léxico e o espaço do seu meio, tendo em vista uma das justificativas desta pesquisa tratar da problemática de autoestima baixa no que concerne ao lugar onde residem, ou por morarem na zona rural ou em locais da sede do município rotuladas como perigosas ou como ‘mais pobre’. Nas atividades que compõem o

próximo módulo, associado às atividades anteriores, os alunos poderão protagonizar atividades que tragam sentimento de orgulho do lugar onde moram dos falares da região nordeste. Essas atividades serão cruciais para o desdobramento da SD.

Antes dessa atividade, os alunos trabalharão com a variação linguística regional presente no módulo. Serão atividades dinâmicas, pelo fato de os alunos irem às ruas, às praças, à própria casa traçar um retrato do léxico local, através da observação mais apurada, para captar e registrar os seus familiares, seus vizinhos, seus colegas de escolas, esses falares típicos de Maruim e região. Eles irão ouvi-los e, sem nenhum controle, deixarão seus falantes a vontade para conversa informal e retirar dela o que foi solicitado de forma mais natural possível. Sobre esse trabalho com o léxico, Antunes (2012, p.155) pontua:

1.4. Na perspectiva da permanente renovação e expansão do léxico – sua dinamicidade e instabilidade, se poderia explorar:

A variação lexical que acompanha as manifestações da diversidade cultural, incluindo aí o estudo da fraseologia (das expressões feitas, sedimentadas, cristalizadas, das expressões idiomáticas) e dos provérbios (na sua imensa abrangência temática e formal);

As especificidades lexicais do texto oral e do texto escrito, que apresentam uma seleção vocabular bem distinta;

Os regionalismos, o que poderia contribuir para anular as avaliações preconceituosas feitas a respeito do modo de falar desse ou daquele lugar.

A pesquisadora Antunes (2012) deixa claro que o trabalho em sala com o léxico tende a diminuir ou erradicar preconceitos linguísticos; os alunos podem investigar a variação lexical na oralidade de sua comunidade e nos escritos de texto – no caso, o folheto de cordel. “O que se pretende com essas observações é sublinhar a veiculação do léxico da língua às experiências socioculturais que caracterizam cada um dos grupos humanos” (ANTUNES, 2012, p. 47).

Quadro 7 - 6º Módulo da sequência didática

6º MÓDULO DA SEQUÊNCIA - Trabalhando com o léxico e cultura local			
OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ATIVIDADES	TEMPO ESTIMADO
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Explorar o léxico do cordel em estudo. ▪ Coletar palavras e expressões populares peculiares da região nos diversos espaços de Maruim. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Estudo do léxico. ▪ Repertório linguístico regional; ▪ O lugar onde vivemos; ▪ Valorização do cordel. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Pedir que os alunos explorem o léxico (palavras desconhecidas e pertencente à linguagem popular no cordel, o que é mais de fácil compreensão e por quê. ▪ Solicitar que metade da turma, disposta em dupla ou trio, traga uma coleta de palavras ou expressões culturais advindas de 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 01 aula

<ul style="list-style-type: none"> ▪ Registrar em fotografia os bairros e povoados de Maruim-SE. ▪ Apreciar e associar cantoria de repentista no vídeo que reporta aos elementos do folheto de cordel. 		<p>falares de seus familiares, por eles mesmos, colegas de outras classes, vizinhos, etc. que se enquadrem na variante linguística popular e dialetos da nossa região. Após três dias de coleta, os grupos entregarão à professora que, junto com os alunos, elegerão as palavras e expressões que serão impressas em papel fotográfico para expor na próxima aula.</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Solicitar também que a outra metade da turma e, dupla ou trio, tirem diversas fotos dos locais onde a classe reside: bairros, centro, povoados e sítios, etc. Para isso a professora sorteará envelopes, o nome de cada localidade aos grupos para fazer os registros. Orientar os alunos que tragam na próxima aula as fotos coloridas em papel fotográfico A4 ou papel A2 para exposição. ▪ Após essas orientações, apresentar vídeo da chamada da novela <i>cordel encantado</i> com fundo musical de repentista para revisar a valorização da cultura local, das origens do cordel. 	
<p>AVALIAÇÃO:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ As atividades deste módulo serão mais dinâmicas e a maioria serão efetivadas em forma de pesquisa extraclasse, onde abordarão caracteres da cultura local, além da apresentação do vídeo que prega contextos do cordel. 			

Fonte: Autoria própria (2020).

Dadas as atividades, a professora continuará com a proposta da observação formativa representada sempre em mapas. Hoffmann (2015, p.119) vê a observação avaliativa como “uma ação estudiosa da realidade. Estudo. Eu direciono o meu olhar. Quando observo, eu ordeno, seleciono, diagnostico significados. É uma ação altamente reflexiva. É diferente do que registrar mecanicamente tudo o que se vê”. Esse estudo da realidade nada mais é do que a ter um olhar avaliativo-reflexivo durante toda as etapas da execução da aula. O professor observará em cada passo da atividade o que poderia ter melhorado, quem está tendo mais dificuldades, supor hipóteses, notar situações que merecem mais a sua atenção e novas práticas de ensino.

Tabela 9 - Mapa avaliativo 6

Alunos / Desempenho	▪ Conseguiu explorar o léxico do cordel em estudo.	▪ Coletou palavras e expressões populares peculiares da região nos diversos espaços de Maruim.	▪ Fez os registros fotográficos dos bairros e povoados de Maruim.	▪ Apreciou e relacionou a cantoria de repentista e imagens contidas no vídeo aos elementos do folheto de cordel.
<u>A1</u>				
<u>A2</u>				
<u>A3...</u>				

Fonte: Autoria própria (2020).

Legenda:

E	EXCELENTE
S	SATISFATÓRIO
I	INSATISFATÓRIO

Atividades finais para a exposição de trabalhos e planejamento da escrita dos folhetos

Esse momento é destinado aos preparativos finais para realização da exposição de trabalhos já realizados ou término como: cartaz sugestivos com fins de enaltecer os falares comuns da região – palavras e fraseologias populares. O cartaz terá aspecto sugestivo: a disposição da grafia, imagens (desenhos, memes, arte plásticas, etc.) que dialoguem com o a palavras ou expressão.

Bortoni-Ricardo (2004, p.15) aponta que esse tipo de atividade ilustra a riqueza da cultura e da linguagem e nos conduz a uma reflexão sobre a língua portuguesa no Brasil com suas variações e características peculiares. Por isso um dos objetivos de se estudar com repertório linguístico é o de “criar uma atmosfera de maior envolvimento e afetividade” (Ibid, p.26).

É com esse envolvimento que os alunos aproveitarão a pesquisa onde se montou uma coleta de objetos (palavras e expressões) oriundas dos falantes da comunidade maruinense para criar uma legenda especial para as fotografias dos lugares onde os alunos residem. Isso significa que a legenda a ser criada enaltecerá o meio onde eles vivem. Assim, os alunos, já dominando a estrutura rimas, metrificação, estrofação e as temáticas que podem conter num cordel, eles

serão convidados a compor de uma a três estrofes que identifiquem e valorizem seu lugar e seus falares. Em outras palavras, os alunos farão uso do gênero para apresentar sua identidade cultural na prática.

Ferrarezi Jr e Carvalho (2017, p. 46) concordam com a ideia de que, após o texto ser lido e compreendido, isso permite aos alunos

Fazer coisas mais maduras, responsáveis e produtivas com o que lemos como produção de material de conscientização/educação coletiva de diversos formatos e natureza; exposição mais sistemáticas das produções dos alunos com base nas leituras feitas por eles.

Além dos preparativos para a exposição, outra atividade de apoio será sugerida para os alunos darem continuidade e interatividade com estudo de cordel. Serão apresentados canais de cordelista sergipanos, inclusive de maruinense para que os alunos não só apreciem os cordéis de sua região, mas que possam estabelecer uma interação com os autores, quer lendo, que ouvindo, quer postando comentários nessas redes digitais. A BNCC sugere esse tipo de atividade com as novas tecnologias. “Depois de ler um livro de literatura ou assistir a um filme, pode-se postar comentários em redes sociais específicas, seguir diretores, autores, escritores, acompanhar de perto seu trabalho” (BRASIL, p 64).

Quadro 8 - 6º Módulo da sequência

7º MÓDULO DA SEQUÊNCIA - Atividades finais para a exposição de trabalhos e planejamento da escrita dos folhetos			
OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ATIVIDADES	TEMPO ESTIMADO
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Escrever poema popular curta. ▪ Confeccionar cartazes sugestivos sobre repertório lexical local. ▪ Planejamento da escrita do cordel. ▪ Interagir de forma digital com cordelistas e seus cordéis. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Escrita da legenda do espaço fotografado com poesia popular. ▪ Planejamento do processo de escrita do folheto de cordel. ▪ Cordel e interação: do impresso ao digital. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Com as fotografias e a coleta de palavras de falares populares de Maruim, os alunos, em grupo, farão a legenda de cada lugar em forma de poesia popular (de duas a três estrofes de quadra ou septilha) e ainda elaborarão os cartazes sugestivos com as expressões e palavras coletadas na comunidade. ▪ Em seguida, a mesma dupla (se os alunos preferirem) vão pensar e escolher para escrever seu folheto de cordel: tema, métrica, rima, estrofe, um (uns) espaço (s) de Maruim, personagens, lista de vocabulário típico da região, ilustração da capa etc. ▪ A professora indicará links de canais de cordéis de cordelista 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 02 aulas

		maruinense e de outras localidades para interação com cordel e seus autores.	
AVALIAÇÃO:			
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Nessas aulas, os alunos estarão interativamente construindo as atividades para a Exposição. Também estarão em processo de produção escrita, a última etapa do letramento. Eles terão que ativar, para tanto, sua capacidade de escrita, reescrita, autocorreção e esperar pela devolutiva da professora. 			

Fonte: Autoria própria (2020).

Percebe-se que avaliação formativa percorre vários meios para se chegar ao sucesso da aprendizagem. Perrenoud (1993, p.173) considera que a avaliação formativa tem como um de seus objetivos observar e conduzir os processos de aprendizagem. Com vista de que a avaliação decorre dos objetivos do planejamento da aula, a avaliação formativa tem papel crucial na construção de habilidades e competências previstas na prática pedagógica.

Tabela 10 - Mapa avaliativo 7

Alunos / Desempenho	▪ Conseguiu escrever poema popular curta.	▪ Confeccionou cartazes sugestivos sobre repertório lexical local.	▪ Planejou a escrita do cordel.	▪ Interagiu Com cordelistas e seus cordéis em redes sociais.
<u>A1</u>				
<u>A2</u>				
<u>A3 ...</u>				

Fonte: Autoria própria (2020).

Legenda:

E	EXCELENTE
S	SATISFATÓRIO
I	INSATISFATÓRIO

Dia da Exposição

Haverá um dia de programação para tornar as aulas de todas as turmas do turno matutino bem dinâmica: o estudo do folheto de cordel se desdobrará na efetiva apresentação de diversos trabalhos da classe até esta etapa: a apresentação dos cartazes, dos cartões postais com legenda

em poesia popular, o teatro de fantoches com a adaptação do folheto *As aventuras de Otto Schramm – as cobras do porão gabinete de leitura de Maroim*. Será realizado nesse dia festivo jogo com a **Corrida do Dicionário Regional**. Nesta última atração, a professora trabalhará com o léxico regional, a xilogravura e o significado de cada palavra. O trabalho com dicionário pode ser uma atividade significativa, especialmente se for conectado com a dinâmica do jogo e a cultura local. Antunes (2012, p. 139) postula:

Não conquistou, portanto, o dicionário o espaço que merece como recurso didático no âmbito do ensino de línguas, sobretudo quando se trata da língua materna. ‘Raros são os exercícios sobre a língua portuguesa que se valem do dicionário, que exploram seu potencial, de lições sobre língua. Trata-se, portanto, de um espaço vazio cultural.’ (KRIEGR, 211 apud ANTUNES 2012, p. 139).

Pretende-se, com este trabalho, dar os primeiros passos para um estudo de léxico mais expressivo nas aulas de língua portuguesa. Isto é, começar a preencher o espaço da cultura do dicionário. Isso pode levar o aluno a “descobrir nas várias acepções das palavras, vestígios da história da língua e da identidade cultural dos grupos de falantes dessa língua” (ANTUNES 2012, p. 146). Esse tipo de jogo possibilita também o incentivo ao uso do dicionário e sua importância no que diz respeito às informações contidas nele.

A autora completa o pensamento dizendo que “o jogo pode estimular o desenvolvimento dessa habilidade.” (IDEM, p.37).

Quadro 9 - Módulo da sequência

8º MÓDULO DA SEQUÊNCIA - O dia da exposição			
OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ATIVIDADES	TEMPO ESTIMADO
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Fortalecer a identidade cultural. ▪ Reconhecer o léxico regional. ▪ Valorizar a poesia popular, o folheto de cordel e o lugar onde se vive. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Fortalecimento da identidade cultural. ▪ Valorização da variante linguística, do espaço, e da poesia popular local; ▪ Jogo Corrida do dicionário regional. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ No pátio coberto da escola, os alunos, munidos das fotografias emolduradas e com legenda de poesia popular, e dos cartazes com as palavras e expressões populares montarão a exposição. Toda as turmas serão convidadas anteriormente para a exposição, inclusive os pais. A exposição poderá ser intitulada “<i>Com a palavra, nossa identidade cultural: nosso lugar, nosso falar, nossa poesia.</i>” 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 02 aulas.

		<ul style="list-style-type: none"> ▪ Ficará pelo menos um aluno próximo de cada cartaz ou cartão postal para possíveis explicações. ▪ Realização do Jogo Corrida do dicionário regional. 	
AVALIAÇÃO: <ul style="list-style-type: none"> ▪ As atividades propostas na exposição, bem como a avaliação através da observação, levam conta as experiências vividas nas aulas anteriores apresentadas numa exposição. 			

Fonte: Autoria própria (2020).

Esteban (2013, p.39) só vislumbra uma avaliação reflexiva quando há “possibilidade de vivenciar um processo coletivo e cooperativo de construção de conhecimento”. Assim, a observação vai além da “realização ou não da atividade. Busca-se observar se a prática contribuiu para formação de crianças autônomas, críticas e participativas nas brincadeiras, dos conteúdos delineados, dos projetos pedagógicos e outros.” (HOFFMANN, 2015, p.72) Nota-se que a observação do professor é uma ferramenta fundamental para compor a efetivação da avaliação formativa. Tem-se objetivos para cada aula, há as ações minuciosamente observadas para retratar a construção do conhecimento dos alunos.

JOGO – CORRIDA DO DICIONÁRIO REGIONAL

É um jogo que trabalha com léxico regional, xilogravura e informações ou conceito palavras ou expressões populares para compor um dicionário com imagens.

Onde? No pátio coberto (Mas pode ser em sala de aula)

Como? Os alunos serão divididos em 5 grupos. Cada grupo receberá uma caixa fechada de papelão com 9 placas (de papelão, cartolina tipo *colorset* ou papel catão etc.) assim disposta:

- Três placas serão gravadas com uma palavra ou expressão popular da região em cada um;
- Mais três placas com três imagens de xilogravura que retratam as palavras ou expressão;
- Mais três plaquetas com o significado ou conceito da palavra ou expressão popular.

Assim, haverá 5 caixas com 9 placas dentro de cada uma, conforme as instruções mencionadas. Essas placas estarão na caixa embaralhadas e algumas delas contemplarão palavras do cordel estudado e da coleta dos alunos.

Cada grupo, em fileira, terá na sua frente (cerca de 4 a 6 metros) 1 placa de isopor identificando cada grupo e marcadas (desenhada ou pintada) com retângulos do mesmo tamanho das placas da caixa, ou seja, 3 retângulos em cada ‘linha’, totalizando 9 espaços para serem preenchidos pelos alunos.

O primeiro espaço sempre corresponde à palavra, o segundo à imagem e o terceiro ao significado. A professora explicará que, ao seu sinal, apenas um aluno da frente de cada grupo poderá pegar uma placa (sem escolha), e colar no devido espaço (o da palavra, da imagem (no meio e de significado). Ele deve voltar à fileira e tocar a mão do segundo aluno e vai para o final da fila. O segundo aluno, após o toque, é liberado para pegar outra placa. Caso não combine com a primeira placa, ele vai colar na linha seguinte. Esse processo será feito até que as placas estejam todas alinhadas. Será o grupo vencedor aquele que completar os espaços primeiro e de forma correta.

Jogo Dicionário Regional

Palavra ou expressão	Xilogravura	Significado
Bate-coxa		Dança popular, geralmente forró.
Encangadas		Andam juntas; vivem acompanhadas uma da outra.
Labafero		Confusão, briga, desordem.

EXEMPLO DE JOGO CONCLUÍDO

Fonte: Autoria própria (2020).

Tabela 11 - Mapa avaliativo 8

Alunos / Desempenho	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Reconheceu a importância de valorizar sua identidade cultural. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Apreciou as manifestações artísticas típicas do Nordeste, poesia popular, o folheto de cordel. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Demonstrou aquisição de conhecimentos no Jogo Corrida do Dicionário Regional.
<u>A1</u>			
<u>A2</u>			
<u>A3 ...</u>			

Fonte: Autoria própria (2020).

Legenda:

E	EXCELENTE
S	SATISFATÓRIO
I	INSATISFATÓRIO

Entrega da primeira versão da produção do folheto do cordel e da ilustração da capa; procedimentos para publicação dos cordéis

Na última etapa da sequência, os alunos, em dupla terão oportunidade de entregar à professora a primeira versão dos folhetos criados em dupla. O processo de letramento, nesse patamar, está na sua última fase, ou seja, o trabalho com a escrita que a leitura e a compreensão dos textos proporcionaram. É nesta fase que Ferrarezi Jr e Carvalho (2017, p. 46) orienta que “há uma infinidade de ações nessa linha a serem desenvolvidas [...] como a criação de livros escritos pelos alunos para a biblioteca da escola, varais de redações ou mesmo saraus literários.”

É justamente o que culminará o processo de letramento com o cordel externado nesta pesquisa. Os alunos criarão sua própria obra de poesia popular – seu folheto de cordel. Este será criado em dupla para não se perder de vista a aprendizagem pautada na interação.

Os alunos serão informados que suas criações, além de fazerem parte do acervo da biblioteca, terão um momento ímpar, pois eles serão oportunizados a ter, no dia do evento Café Literário da escola, os quais também estarão envolvidos na realização do mesmo, uma manhã de autógrafos, de publicação dos seus folhetos diante da comunidade escolar e de seus familiares.

Do mesmo modo, Ferrarezi Jr. e Carvalho (2017, p. 77-78) continuam revelando a importância da última instância do letramento, da textualização dos alunos.

Em atividades de produção de suas próprias narrativas (**folheto de cordel**) na forma de livros para a biblioteca, os alunos estarão se dando conta de que são capazes de criar, de produzir, de serem úteis e respeitados pelo que fazem, que poderão ser escritores profissionais um dia, produzir saberes, interferir no mundo. Isso é uma lição extremamente relevante que a escola poderá ensinar, se tiver disposição para tanto.

Quando os alunos leem as histórias dos colegas, ou quando os autores dessas histórias veem seus “livros” sendo lidos por seus colegas, desenvolve-se neles um senso de valor pessoal que não se desenvolve pela leitura de livros comerciais. Permitti-lhes fazer parte, mesmo que de forma tão simples desse acervo, é melhor ainda! Isso valoriza o esforço dos alunos e não se constitui em uma leitura menos prazerosa para os demais. Muitas vezes, pelo contrário! (FERRAREZI JR.; CARVALHO 2017, p. 77-78).

Nesse sentido, acredita-se que a efetivação desta sequência didática, pautada no gênero folheto de cordel, poderá contribuir não só para desenvolver práticas de letramento, pois ela tem o papel também de mostrar ao aluno que ele pode construir inúmeros conhecimentos. Que ele é capaz, através desses conhecimentos preparar seu caminho para um futuro bem-sucedido,

sem amarras de preconceito, de sentimento de inferioridade, sem perder de vista o valor que tem sua identidade cultural.

Quadro 10 - 9º Módulo da sequência didática

9º MÓDULO DA SEQUÊNCIA - Entrega da primeira versão da produção do folheto do cordel e da ilustração da capa; procedimentos para publicação dos cordéis.			
OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ATIVIDADES	TEMPO STIMADO
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Entregar a primeira versão do folheto de cordel. ▪ Ilustrar a capa do folheto de cordel. ▪ Entender como será a editoração e publicação dos folhetos produzidos. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Primeira versão escrita do cordel. ▪ Acabamento da ilustração da capa. ▪ Orientações sobre a editoração e publicação dos folhetos. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ As duplas entregarão a primeira versão dos seus folhetos já autocorrigidos à professora; ▪ As duplas também apresentarão as primeiras versões (ou já concluída) da ilustração dos seus respectivos cordéis. ▪ Os alunos serão avisados que a professora será responsável pelo trabalho gráfico e que acontecerá, no dia do evento escolar IV Café Literário, exposição dos seus folhetos; as duplas terão uma manhã de autógrafos, recitação dos seus cordéis. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 01 aula
<p>AVALIAÇÃO:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ A avaliação será efetivada pela autocorreção das atividades escritas (o cordel) dos alunos. Outra forma avaliativa será a de reflexão das aulas trabalhadas na SD e como professor e aluno avaliam as propostas de editoração e publicação dos folhetos. 			

Fonte: Autoria própria (2020).

Pode-se dizer que a produção do folheto de cordel seja a atividade mais desafiadora para os alunos. Mas vale refletir a fala de Luckesi (2011, p. 416). Para ele, a avaliação, além de servir para “diagnosticar e tomar decisões em vista da melhoria do educando, importa explicar e compreender o que ocorre com a aprendizagem”. Isso deve ser explanado para o aluno com a finalidade de lhe proporcionar mais liberdade, disseminar tensões que venham prejudicar a criatividade, a competência leitora e escritora.

Como aqui, professor e alunos avaliam a aprendizagem e seus passos, em todas as etapas de construção de conhecimento. Perrenoud (1999) já dizia que é através da interação contínua que se faz avaliação formativa. Pretende-se com esse método avaliativo embasar os atores da sala de aula para as inovações pedagógicas que a escola precisa.

Tabela 12 - Mapa avaliativo 9

Alunos / Desempenho	▪ Escreveu a primeira versão do folheto de cordel.	▪ Ilustrou a capa do folheto de cordel.	▪ Entendeu e sugeriu como será a editoração e publicação dos folhetos produzidos.
<u>A1</u>			
<u>A2</u>			
<u>A3 ...</u>			

Fonte: Autoria própria (2020).

Legenda:

E	EXCELENTE
S	SATISFATÓRIO
I	INSATISFATÓRIO

Na sequência didática, apresentada neste trabalho, estão articuladas atividades para aquisição de aprendizagens de letramento com literatura de cordel. O conhecimento é construído de modo progressivo, graças ao encadeamento e o diálogo existente nos módulos. Ou seja, a sequência didática exposta propõe atividades que consideram desde o processo de escuta de texto até o processo de escrita, que demanda conhecimento mais condensado da língua, sempre alicerçadas na estratégia de interação entre os atores envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os diversos problemas de letramento que permeiam as escolas brasileiras e, contraditoriamente, que a sociedade exige do indivíduo a competência leitora e escritora dentro de uma formação integral, fica evidente que a escola tem o papel de tentar contornar os impasses que surgem durante a jornada do trabalho com o ensino da língua portuguesa.

Com foco em tais elucidações, esta pesquisa procura fazer com que a escola se enquadre enquanto meio mais adequado de levar os alunos a ler e escrever de maneira consciente e competente, valendo-se de variados gêneros textuais, das experiências e da cultura dos alunos no processo ensino-aprendizagem para que, agora e mais adiante, possam estar preparados para as demandas que a sociedade estabelece.

É nesse sentido que a BNCC reza que o aluno precisa:

Compreender as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, cultural, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo suas variedades e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza. (BRASIL, 2017, p. 61).

Dessa forma, foi pensado para a organização da sequência didática o texto de cordel. Ele pode ser usado como uma base deste trabalho para que os alunos desenvolvam gradualmente e interativamente o gosto pela leitura, mecanismos de compreensão e de escrita de texto. Pretendeu-se também, com isso, valorizar a cultura da região, pois o folheto de cordel é, além de gênero literário, uma manifestação de identidade cultural.

Pegando emprestada a fala de Ferrarezi Jr. e Carvalho (2017, p. 51) “o mundo da escola precisa ser mais amplo do que o mundo do aluno”, acredita-se, mediante esse pensamento, que esta pesquisa, adotando as práticas linguísticas de oralidade, escuta, leitura e escrita pode contribuir com a ampliação de conhecimentos dos alunos de forma prazerosa e possível de ser efetivada. São essas simples mudanças que se almeja implantar na escola com este trabalho.

No que concerne à avaliação das aprendizagens, esta pesquisa se fundamenta na avaliação formativa e reflexiva com o intuito de propor práticas de acompanhamento de ensino e aprendizagem includente e eficaz, para se poder traçar caminhos mais exitosos no alcance do sucesso escolar do aluno.

Cabe aqui elucidar que esta pesquisa ainda não foi aplicada em nenhuma etapa proposta na turma do 9º ano do Colégio pesquisado, conforme planejado pelo fato de as aulas do ano letivo de 2020 terem sido suspensas em decorrência da pandemia disseminada pela Covid-19

desde o dia 17 de março, tendo continuidade até no presente mês de junho de 2020. Com vistas a essa realidade, o plano de trabalho não pôde ser efetivado. Logo, as reflexões sobre as ações pedagógicas, avaliações, análise de dados, dentre outros fatores geralmente descritos na seção de ‘considerações’ de pesquisas ficaram impossibilitadas de serem documentadas. Vale salientar que, na Banca de Qualificação, este trabalho apresentou-se em caráter de pesquisa-ação no âmbito de sua metodologia. Entretanto, o tipo de pesquisa foi modificado por causa das consequências negativas da Pandemia na escola, tornando impasse para aplicação da proposta. E, em conformidade com a Resolução 003/2020, que prevê normas sobre elaboração de Trabalho de Conclusão de Curso da sexta turma do PROFLETRAS, este projeto apresenta um dos materiais didáticos necessários para conclusão de estudos, isto é, proposta de sequência didática.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. São Paulo: Mercado das Letras; Associação de Leitura do Brasil, 1999.
- AGUIAR, Joel. **Traços da história de Maroim**. 2 ed – Aracaju, 2004.
- ALMEIDA, L. C. B. A. **A avaliação da produção escrita na aprendizagem de Português LE/L2**. Tese (Doutorado) - Instituto de Letras, Universidade federal da Bahia, Salvador, p. 200, 2009.
- ALVES, Roberta Monteiro. **Literatura de cordel**: Por que e para que trabalhar em sala de aula. Revista Fórum Identidades, Aracaju/Sergipe, v. 4, ano 2, p. 103-109, jul-dez de 2008.
- ANTUNES, Irandé. **Território das palavras**: estudo do léxico em sala de aula. 1ª ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- AROUCA, Carlos Augusto Cabral. **Arte na escola**: como estimular um olhar curioso e investigativo nos alunos dos anos finais do ensino fundamental. – 1ª Ed. – São Paulo: Editora Anzol, 2012.
- AULETE, Caldas. **Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa** \ Geiger, Paulo (org.). – Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. **“Os gêneros do discurso”**. In: Estética da criação verbal. 4. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna**: a sociolinguística em sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. [Linguagem;4]
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **Índice de Desenvolvimento da Escola Básica**. - 2019. Disponível em: <http://idebescola.inep.gov.br/ideb/escola/dadosEscola/28029275>. Acesso em 28 jan. 2020.
- _____. **Ministério da Educação**. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) - 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/saeb/resultados>. Acesso em 28 jan. 2020.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica Ensino fundamental. SAEB – Prova Brasil. **Matrizes de Referência**. Língua Portuguesa. Brasília, 2007.
- _____. **Ministério da Educação**. Base Nacional Curricular Comum. Brasília, 2017. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc. Acesso em 28 jan 2020.
- _____. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas educacionais Anísio Teixeira (INEP). **Resultados e metas**. Disponível em: <http://ideb.inep.gov.br/resultado/>. Acesso em: 03 mar. 2020.
- _____. Qedu. **Resultados e metas**. Disponível em: <https://www.qedu.org.br/brasil/ideb>. Acesso em 03 mar. 2020.
- _____. **Resolução nº 003/2020** – Conselho Gestor, de 02 de jun. 2020. Disponível em <http://www.profletras.ufrn.br/>. Acesso em: 09 jan. 2021.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2014.
- ESTEBAN, Maria Teresa. **O que sabe quem erra?** 2ª –ed. – Petrópolis, RJ: De Petrus et Alii, 2013.
- FERRAREZI JR., Celso; CARVALHO, Robson Santos de. **DE alunos a leitores**: o ensino da leitura na educação básica. - 1ª ed – São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50ª ed.- São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- _____. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Editora Autores associados/Cortez, 1982.
- HOFFMANN, Jussara. **Avaliação e educação infantil**: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança. 20ª ed- Porto Alegre: Mediação, 2015.

- ISRAELÍ, Hefraim A. **As aventuras de Otto Schramm** -as cobras do porão do gabinete de leitura de Maroim. 1ª ed. – Aracaju: Datagraph, 2019.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Editora Ática, 1993.
- LUCHESE, Cipriano. **Avaliação da aprendizagem**: componente do ato pedagógico. 1ª ed – São Paulo: Cortez, 2011.
- LÜDKE, Menga. ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas – São Paulo: EPU, 1986.
- KLEIMAN, Ângela B. **Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola**. In: _____ (Org). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. São Paulo: Mercado de Letras, 1995, pp. 15-61.
- KLEIMAN, Angela B.; MORAES, Silvia E. **Leitura e interdisciplinaridade**: tecendo redes nos projetos da escola. - 7ª ed – Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999.
- KOCH, I. G. V. & ELIAS, V. M. (2010). **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. 2ª. Ed., Contexto, São Paulo.
- LEFFA, Vilson J. **Perspectivas no estudo da leitura**: Texto, leitor e interação social. In: _____; PEREIRA, Aracy, E. (Org.). O ensino da leitura e produção textual: Alternativas de renovação. Pelotas: Educat, 1999, p. 13-37.
- MAPA VIRTUAL DE MARUIM. Disponível em: <https://www.google.com/maps/place/Maruim++SE>. Acesso em: 02 de mar. 2020.
- PAIM, Marcela Moura Torres. **Tudo é diverso no universo**. 1ª ed.- Salvador: Quarteto, 2019.
- PERRENOUD, Philippe. **Avaliação**: da excelência à regulação das aprendizagens - entre duas lógicas. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
- RESENDE, Viviane de Melo. **Literatura de cordel no contexto do novo capitalismo**: o discurso sobre a infância nas ruas. Dissertação de Mestrado pela Universidade de Brasília, UNB, 2005.
- ROIPEHE, A. **Folheto de Cordel**: um gênero verbo-visual. In: Roiphe A., FERNANDES, M. A. (Orgs.) Gêneros textuais: teoria e prática nos anos iniciais do ensino fundamental. Rio de Janeiro: Rovel, 2011. P. 113-135.
- ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- ROJO, Roxane; Moura, Eduardo (orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- ROZA, Edileide Santos. **Cordel, letramento literário**: teoria e prática. 2018. 154\227f. Dissertação (Mestrado em Letras) -Universidade de Sergipe, São Cristóvão, 2018.
- SILVA, Lúcia Marques Cruz e. **Inventário Cultural de Maruim**. Aracaju: Secretaria Especial de Cultura, 1994.
- _____. **Revista Litteraria do gabinete de leitura de Maroim** (1890-1891): subsídios para a história dos impressos em Sergipe. 2006. 209f. Dissertação (Mestrado em Educação) –Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2006.
- SILVA, Luiz Eduardo Bittencourt da. **As peripécias de Zé Caititu**. Volume 1. 1ª ed- Aracaju: Datagraph, 2020.
- SILVA, Josivaldo Custódio. **Literatura de cordel**: um fazer popular a caminho da sala de aula. 2007. 132 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.
- SILVA, V, M.T. **Leitura Literária & outras leituras**: impasses e alternativas no trabalho do professor. 1ª ed. – Belo Horizonte: RHJ, 2009.

SIQUEIRA, Maity, Zimmer, Márcia Cristina. **Aspectos linguísticos e cognitivo da leitura**. Revista de letras, Rio Grande do Sul, vol.1\2, nº 28, p. 33-38 – jan\dez. 2006. Disponível em: <http://professor.ufrgs.br/maity/files/2311-3975-1-sm.pdf>. Acesso em: 03 jan. 2020.

SERGIPE. Secretaria de Estado da Educação/SE). **Referencial Curricular: Rede Estadual de Ensino de Sergipe**. Aracaju: SEDUC, 2018.

SOARES, Magda. **Letramento: como definir, como avaliar, como medir**. In: _____. Letramento: Um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998, pp. 61-125.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. Tradução: Claudia Shilling; revisão técnica: Maria da Graça Souza Horn. – 6ª ed- Porto Alegre: Penso, 1998.

TEIXEIRA, Larissa Amaral. **Literatura de cordel no Brasil: os folhetos e sua função circunstancial**. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação social) – Centro Universitário de Brasília. Disponível em: <http://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/12346789/1840/2/20513195.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2020.

APÊNDICE A - CADERNO PEDAGÓGICO

ELAINE CRISTINA DOS SANTOS

LABAFERO: A
DIVERSIDADE CULTURAL
DE MARUIM NO
PROCESSO DE
LEITURAÇÃO E
ESCRITURAÇÃO ATRAVÉS
DO CORDEL.



Ilustrador: Alan Santos de Jesus

ELAINE CRISTINA DOS SANTOS

CADERNO PEDAGÓGICO

**LABAFERO: a diversidade cultural de maruim no processo de leitura e escrita
através do cordel**

**São Cristóvão
2021**

APRESENTAÇÃO

Caro (a) colega,

Este caderno é o produto final apresentado ao Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS/UFS), cursado no biênio de 2019 a 2020, pela Universidade Federal de Sergipe. Com ele, você vai perceber que fazer aulas de Língua Portuguesa, abrangendo o gênero literário folheto de cordel, é propiciar atividades envolventes, dinâmicas e prazerosas.

Este trabalho reforça que a Literatura pode e deve ser trabalhada também no ensino fundamental; que ela, manifestada em forma de folheto de cordel, vem a ser um suporte significativo para efetivação de práticas de leitura, compreensão e escrita de texto. Além disso, você certamente notará que trabalharemos com a diversidade cultural da região na qual os alunos envolvidos neste trabalho estão inseridos.

Através da análise de como o processo de leitura e escrita, atrelados ao folheto de cordel “*As aventuras de Otto Sharamm – as cobras do porão do gabinete de leitura de Maroim*”, de Hefraim A. Israel, e a diversidade cultural regional, organizadas aqui em forma de sequência didática, você notará o quanto essa junção de áreas de conhecimento pode ser útil ao trabalho de professor nas situações de fomento à leitura, à escrita e à reafirmação da identidade cultural dos educandos.

Para ajudar na realização dessa proposta, este caderno lhe oferece um conjunto de atividades que pode servir de base para suas ações pedagógicas, sem perder de vista o processo de acompanhamento das aprendizagens dos alunos em cada etapa, isto é, o trabalho com a avaliação formativa.

Dessa forma, procuramos organizar cada atividade de maneira que você possa desenvolvê-la da melhor forma possível e, gradativamente, transformar as aulas de letramento em várias oportunidades de aprendizagens interativas e significativas – nos trinques e sem brechas para gasturas ou labaferos.

Bom proveito deste caderno e sucesso!

Para começar nossa prosa: o letramento

O ensino de leitura e escrita sempre foi abordado entre pesquisadores e educadores no decorrer de muitos anos, haja vista a falta de domínio por parte dos alunos da educação básica no que tange o ato de ler, escrever, comunicar-se oralmente, ler o mundo, enfim. Os resultados de avaliações internas e externas à escola retratam essa defasagem de aprendizagens e indicam que a educação básica necessita de um olhar mais sensível e ações mais eficazes e urgentes por parte de todos que compõem a educação.

Diante dessas considerações, muitos professores de língua portuguesa têm se preocupado com essa realidade e procuram maneiras de ajudar a formar leitores e escritores nas suas turmas. Sabe-se que ler com propriedade é uma tarefa difícil, mas necessária. Contribuindo com a importância da formação de leitores, Leffa (1996, p. 32) mostra que “[...] a aquisição da leitura é imprescindível para agir com autonomia nas sociedades letradas, e ela provoca uma desvantagem profunda nas pessoas que não conseguem realizar essa aprendizagem”. Fica evidente que as palavras de Leffa (1996) condizem com a preocupação dos professores.

Entretanto a questão da leitura é complexa. Paulo Freire (1989, p. 27-38) nos deixa a seguinte lição:

Ler é uma operação inteligente, difícil, exigente, mas gratificante. Ninguém lê ou estuda autenticamente se não assume, diante do texto ou do objeto da curiosidade a forma crítica de ser ou de estar sendo sujeito da curiosidade, sujeito da leitura, sujeito do processo de conhecer em que se acha. Ler é procurar buscar criar a compreensão do lido; daí, entre outros pontos fundamentais, a importância do ensino correto da leitura e da escrita. É que ensinar a ler é engajar-se numa experiência criativa em torno da compreensão. Da compreensão e da comunicação.

Freire (1989) citado por Silva (2009, p. 31) deixa claro que “Leitura sem compreensão não é leitura”. Por isso este caderno levará em consideração procurar atender à necessidade de atividades que objetivem a compreensão leitora. Vistas dessa forma, as aulas de leitura podem ter como objetivo formar o leitor competente, capaz de realizar, por meio do ato de ler, a leitura de mundo, de si mesmo, do outro da comunidade em que está inserido, da condição do ser humano e de cidadão de uma realidade lida e entendida.

As aulas de leitura são aqui idealizadas, portanto, na perspectiva interativa:

Nesta compreensão intervêm tanto o texto, sua forma e conteúdo, como o leitor, suas expectativas e conhecimento prévio. Precisamos nos envolver em

um processo de previsão e inferência contínua, que se apoia na informação proporcionada pelo texto e na nossa própria bagagem, e em um processo que permita encontrar evidência ou rejeitar as previsões e inferências antes mencionadas (SOLÉ, 1999, p.23).

Tais interações entre os textos e seus elementos e a própria bagagem socioculturais dos alunos podem ser realizadas sob o viés das práticas históricas, sociais e culturais, pois “o homem deixa as marcas do seu agir, dos seus feitos, das suas descobertas, das suas relações sociais, enfim, marcas da sua identidade cultural” (PAIM, 2019, p.40). Essas considerações explicam este trabalho de letramento pautado na diversidade cultural.

O processo de escrita, visto como a última etapa do caminho do letramento, também precisa reconhecer os seus atores e perceber a ligação existente entre a linguagem e o social, o mundo, para que possa ser um reflexo da interação social. Geraldi (2012) salienta que a produção textual precisa ser entendida por seus alunos e professores:

[...] a sua funcionalidade, a subjetividade de seus locutores e interlocutores e seu papel medidor entre a relação homem-mundo [...]. Para mantermos uma coerência entre uma concepção de linguagem como interação, está nos conduz a uma mudança de atitude – enquanto professores – ante o aluno. Dele precisamos nos tornar interlocutores para, respeitando-lhe a palavra, agir como parceiros (GERALDI, 2012 p.128).

Podemos, assim, “devolver o direito à palavra ao aluno”, como enfatiza Geraldi (2012, p. 131), à luz das condições sociais e culturais nas quais estão inseridos. Este é um caminho para que o aluno protagonize, com a ajuda do (a) professor (a), o ato de escrever com propriedade, um direito seu e um dos objetivos das escolas.

Por tudo isso, a leitura e a escrita são, então, elementos essenciais na sequência didática contida neste caderno pedagógico. As atividades que proporcionam o ato de ler e escrever sob os moldes da interação e considerações da diversidade cultural estão também imbricadas nas atividades propostas. Mais especificamente com a da Literatura de cordel ou folheto de cordel. Este é o gênero escolhido para desenvolver este trabalho pedagógico.

Mas, por que folheto de cordel?

Primeiro, porque o (a) professor (a) de língua portuguesa fará justiça à Literatura de cordel quando a apresenta aos seus alunos, quando trabalha um folheto na sua totalidade (desde a capa até o seu último verso); porque a Literatura de Cordel é um gênero literário riquíssimo, ainda que se pronuncie o contrário. Em segundo lugar, um folheto de cordel é carregado de cultura da região Nordeste que traz, tanto na forma verbal quanto visual, leituras diversas (ROIPHE, 2011; 2013) e significativos encontros com a cultura local.

Entretanto, tanto a BNCC (Base Nacional Curricular Comum) quanto o Referencial Curricular de Sergipe não contemplam a literatura de cordel no ensino fundamental maior, mas podemos observar que as atividades com poesia podem ser espelho para trabalharmos o folheto de cordel nos anos finais do ensino fundamental, conforme orienta a habilidade de Língua portuguesa:

(EF89LP36) Parodiar poemas e canções conhecidos da literatura local e mundial e criar textos em versos [...], explorando o uso de recursos sonoros e visuais (como relações entre imagem e texto verbal, de forma a propiciar diferentes efeitos de sentido e publicá-los em coletâneas para compor a biblioteca da escola e/ou para distribuir para amigos e familiares [...], bem como em realizações de concursos, saraus, clubes de leitura etc. (SERGIPE, 2018, p. 350).

Sob essa ótica, trabalharemos o folheto de cordel, conforme atividades descritas na sequência deste caderno, que contempla a habilidade mencionada: práticas pedagógicas interativas pautadas em estratégias de leitura e escrita que têm por objetivo dar voz ao aluno desde os primeiros contatos com o texto até a própria produção da poesia narrativa. Há propostas de editoração e divulgação das produções em eventos escolares. Isso não só justifica, mas também incentiva a inserção do aluno no processo do letramento.

Como estamos abordando a questão do folheto, é de muita valia adentrarmos na sua historicidade. De acordo com Abreu (1999), é no final do século XIX que as cantorias nordestinas começam a ganhar a forma escrita sem, no entanto, perder os traços marcantes da oralidade. Segundo a autora, não há uma definição categórica acerca de quem foi o primeiro autor a imprimir seus poemas, mas, seguramente, Leandro Gomes de Barros foi o responsável pelo início da publicação sistemática em 1893.

No começo, os textos escritos eram chamados apenas de folhetos ou literatura de folhetos. A expressão literatura de cordel nordestina passou a ser empregada pelos estudiosos a partir de 1970, partindo daí a ser utilizada também pelos poetas. Todavia, “Os autores e consumidores nordestinos nem sempre reconhecem tal nomenclatura. Desde o início desta produção, referiam-se a ela como ‘literatura de folhetos’ ou, simplesmente ‘folhetos’” (ABREU, 1999, p.17). Essa é, pois, a denominação também adotada nesta pesquisa ao abordar a produção feita no Nordeste brasileiro: “folheto”, seguida pela expressão “de cordel”, adotada pelos estudiosos a posteriori.

O folheto de cordel se apresenta com sua forte marca da oralidade, numa sequência de rima, ritmo, repetições, musicalidade oriunda do seu nascedouro, onde sua matriz e motivação transitam pelo espaço da letra para eclodir na voz. Uma voz que se agiganta nas peripécias dos

personagens das histórias narradas, que se avoluma no imaginário de quem lê, e de quem ouve e se torna puro ressoar, sem marcas temporais, sem mordanças, leve, solta, livre, numa contrariedade à escrita que é fixa, engessada e finita. Além do caráter de oralidade, a Literatura de cordel traz as mais diversas nuances históricas e diferentes possibilidades de leitura. O cordel tem a vantagem de ser uma leitura de linguagem simples, escrita breve com narrativas de fatos reais e/ou imaginários. Atributos estes que envolvem, despertam, e fascinam o leitor para novas descobertas no mundo da leitura.

Escolhemos o folheto *As Aventuras de Otto Schramm- as cobras do porão do gabinete de leitura de Maroim*, Hefraim A. Israelí, pois além das simbologias, peripécias do herói, fantasia, narra ficção com personagens históricos de Maroim-SE, contempla locais, monumentos, falares peculiares do povo maruinense. É autor habitante do mesmo município em referência.

A diversidade cultural

Muito difícil é tecer abordagem sobre folheto de cordel sem envolver as questões de tradições regionais, diversidade cultural. A literatura de cordel é repleta das memórias, linguagem, costumes, crenças e outros caracteres que formulam a identidade cultural de um povo. Separemos por enquanto a linguagem. Esta comumente se apresenta em um folheto de forma simples e/ou marcada pela variante linguística popular.

Apartados de preconceitos linguísticos, podemos observar que “as línguas fornecem também meios de constituição de identidade cultural” (GERALDI, 2012, p.35). Trabalhar com o folheto nos conduz a estudar as variantes. Especialmente as regionais e populares:

Além disso, operar com a variação linguística exige do leitor perceber as marcas linguísticas reveladoras da identidade tanto do locutor quanto do interlocutor de um texto. Ou seja, entram em foco as situações de interlocução e as possíveis variações de fala/escrita (FERRAREZZI JR.; CARVALHO, 2017, p.164).

O trabalho com diversidade linguística revelará a riqueza da cultura de um povo. Tomemos aqui alguns exemplos de falares populares de uma região sergipana:

- Tucudo (malvado, cruel);
- Maria fuá (mulher briguenta);
- Pau de virar tripa (pessoa muito magra);
- Tolebada (fatia generosa);

- Desmarzelado (desarrumado, desleixado);
- Se enrolar (cobrir-se com lençol ou colcha);
- Agarrar no sono (adormecer);
- A pulso (à força, contra sua vontade);
- Azuado (nervoso, confuso);
- Carão (bronca, repreensão);
- Cobra criada (astuto, malandro);
- Vote [ô] (interjeição para expressar repulsa, susto, indignação, etc);
- Malino (que mexe em algo com teimosia);
- Gastura (mal estar físico, aflição).

Os exemplos citados mostram como o léxico da língua portuguesa falada no Brasil é diverso, rico, nunca errado. Considerando o exposto, fica evidente que se precisa ter uma consciência dos usos da língua. Paim (2019, p. 29) elucida que “o conhecimento consciente de uma língua [...] implica o reconhecimento dessa dinâmica evolutiva e diversificante que torna qualquer língua resistente à normatização”. É refletindo sobre essa diversidade e outras que o trabalho com folheto de cordel poderá galgar bons resultados nas atividades de leitura e escrita.

Dialogando com o cordel *as aventuras de otto schramm- as cobras do porão do gabinete de leitura de Maroim*

O folheto de cordel *As Aventuras de Otto Schramm- as cobras do porão do gabinete de leitura de Maroim*, produzido em 2019, é o texto escolhido deste caderno. Trabalharemos a leitura verbo-visual simplesmente, porque se trata “da linguagem verbal e da linguagem visual, simultaneamente, em sua composição, tratando-se, portanto, de um gênero verbo-visual” (ROIPHE, 2011, p. 118). Vale reforçar que a obra vislumbra uma riqueza enquanto diversidade cultural do município de Maruim-SE, representada tanto no caráter visual quanto textual. Esses caracteres foram fundamentais para a escolha do texto.

Importa salientar que o autor, além de ser munícipe de Maruim, também foi meu aluno da escola pesquisada. O escritor Hefraim A. Israelí estudou nesta unidade de ensino, desde o 5º ano (antiga 4ª série), até a conclusão do ensino médio. Foi meu aluno durante a 1ª série do ensino médio. Ali, na adolescência, tornou-se notório na arte da poesia, ganhando diversos prêmios em concursos de poesia, feiras literárias, dentre outros. Hoje, Hefraim A. Israelí é acadêmico em museologia na Universidade Federal de Sergipe (UFS); é estudante de línguas

judaicas, é memorialista, pesquisador da Academia Maruinense de Letras e Artes, colunista do *blog Maruim em Pauta*, ativista dos Direitos Humanos, autor de várias obras publicadas.

Voltando para o folheto, podemos notar que a capa é dotada de uma vasta quantidade de símbolos, figuras, disposição das personagens etc. Ao percorrer pela linguagem visual nela contida, podemos perceber os principais personagens: o homem de cartola (Otto Schramm) e uma cobra rainha. Percebemos a majestade da cobra pelas figuras do trono, cetro e coroa, bem como seus súditos: as cobras “menores”. Pelo título, somos informados que na história teriam cobras num porão de um gabinete de leitura. Também ficamos a par do local onde se passa a história – Maroim - como era pronunciado e escrito o nome município sergipano, até poucas décadas atrás.

Figura 7 - Capa do folheto



Fonte: ISRAELI, H. A. (2019).

Quanto ao tempo, a forma como está grafado o nome da cidade “Maroim”, os trajés e acessórios do personagem principal, as palavras em latim, parece-nos remeter à história que se dá no passado, séculos atrás. Outros pontos a considerar: as expressões das cobras são realmente de ironia? As demais grafias e símbolos estão fáceis de decifrar? Resta-nos ler todo o texto e seu contexto para compreendermos sua narrativa.

Trata-se de uma narrativa em verso, composta de 20 páginas, 53 estrofes que estão apresentadas em quadras. Os versos não estão dispostos com metrificacão única (há setilha, oitava e de oito versos) com rima ABCB. Este folheto conta a heroica história do alemão Otto Scharamm, então cônsul em Maruim-SE no século XIX. Este é o personagem principal da trama, tendo como antagonistas as cobras que sitiaram a cidade de Maruim. É nesse cenário que o empresário alemão inicia sua luta pela libertação da cidade onde vive:

Todavia a Otto Scharamm
 As áspides encurralaram.
 Tomaram o cônsul consigo
 E para a praça os arrastaram.
 [...]
 E, diante de seus olhos,
 Contemplou, lá parada:
 A Grã Corte das serpentes
 E sua rainha coroada.

Curva-te! – Exclamou.
 E respondeu: - Isso é piada!
 Para onde já vai isso?!
 Uma cobra coroada?

É nesse ‘labafero’ que o herói alemão vai em busca de liberdade para o povo maruinense acabar com regnum tenebris – reino tenebroso das cobras. Nisso, sua tia Adolphine lhe dá uma flauta mágica com poderes de encantar até serpentes e mandá-las de volta para o porão misterioso do gabinete de leitura de Maruim, de onde haviam fugido. A última estrofe deixa claro que as cobras foram dominadas e presas no porão.

Desde o acontecimento
 O porão vive trancado
 Pois de lá saiu um mal
 Mui feroz e condenado.

O folheto conta com uma dose de lenda que permeia o porão do gabinete. Há quem diga que há grande mistério, algo de muito assombroso no porão do prédio da atual biblioteca pública da referida cidade que ainda leva o nome tradicional de Gabinete de Leitura de Maruim.

Com respeito à linguagem, o texto traz a linguagem portuguesa simples e coloquial, com pinceladas da linguagem erudita (a gosto do próprio autor). Há algumas expressões regionais, como: labafero (confusão), escarcéu (desordem), ‘se há um homem, é esse’ (corajoso); ‘uai, senhor dos passos’ (socorro, senhor dos passos); ‘para onde já vai isso?’ (Que absurdo!); presepada (loucura, absurdo, desordem); ‘isso é piada (inacreditável). Tais expressões são comumente faladas no dia a dia dos maruinenses. Há também expressões de origem alemã: guten morgen = bom dia; Mein Gott = Meu Deus.

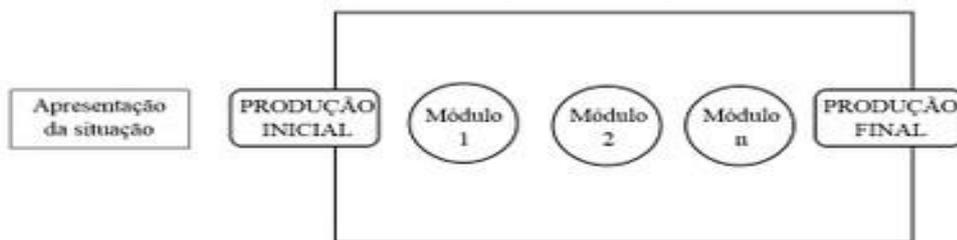
Certamente a prática de leitura e escrita com este folheto, além de contribuir para realização do letramento da turma do 9º ano do ensino fundamental de uma escola de Maruim-SE, servirá como suporte de (re) conhecimento da cultura local, seus ambientes, sua história e, por tudo isso, sua identidade cultural. A autoestima dos alunos tenderia a aumentar, por se

darem conta de que sua cidade produz vários cordelistas atuantes, que contam quem foi e quem é Maruim, quem foram seus antepassados e quem são eles.

Como será mesmo a sequência didática com folheto de cordel?

Como sugestão de prática pedagógica, apresentarei a sequência didática. Nela estão reunidas todas as atividades elaboradas para fins de letramento com o folheto de cordel e diversidade cultural. Segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2011), um trabalho pedagógico fundamentado em sequência didática engloba componentes cruciais para obtenção de aulas eficazes.

Figura 8 - Esquema da sequência didática



Fonte: (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2011, p 83).

Qualquer ação pedagógica deve ser uma prática que vislumbre objetivos de um planejamento. Nesse sentido, as aulas planejadas têm caráter sistemático e organizado. No que diz respeito à sequência didática, existe nesse plano de ensino e aprendizagem um ponto de partida, um caminho a ser trilhado (módulos) conectado com a avaliação formativa. Para elaboração de um planejamento dessa categoria, o (a) professor (a) precisa levar em conta não só esses aspectos, mas também deve estar cômico das concepções sociais e conhecimento de mundo alunos. A sequência didática engloba todos esses caracteres.

Recorrer ao folheto de cordel para efetivação do processo de letramento é tentar estimular o alunado a participar efetivamente nas atividades de escuta, de oralidade, de leitura e compreensão e escrita de texto. O folheto, produzido na cidade dos alunos pesquisados, de autoria de conterrâneo, e a própria carga de cultura local contida no folheto tendem a aproximar o texto dos leitores e fazer com que as atividades embasadas no texto tendem a serem mais exitosas.

Neste caderno, organizei o trabalho proposto do seguinte modo:

Ordem das etapas	Módulo	Atividades	Tempo estimado
1ª etapa	Apresentação da situação	O (A) professor (a) apresenta a sequência	01 aula

		didática e os seus objetivos.	
2ª etapa	Antecipação da leitura	Apresentação do cordel a ser trabalhado; leitura compartilhada da capa do folheto. Jogo caça-palavras.	02 aulas
3ª etapa	Leitura e compreensão do texto	O (A) professor (a) faz leitura expressiva das dez primeiras estrofes e levanta questões para suscitar a compreensão do texto.	01 aula
		Leitura integral de forma silenciosa, depois expressiva e compartilhada do texto.	01 aula
		Atividade em dupla com apostila para compreensão da leitura, da estrutura. E contexto sociocultural do folheto de cordel.	02 aulas
4ª etapa	Processo de escrita de folheto de cordel em dupla	Pesquisa para coleta de palavras ou expressões culturais da localidade; Registro com fotos de pontos históricos maruinenses.	01aula
		Organização da exposição da coleta de palavras populares da região e planejamento da escrita dos folhetos em dupla e ilustração da capa.	01 aula
		Exposição da pesquisa e Jogo Corrida do Dicionário Regional e mostra de cartazes com expressões populares.	01 aula
		As duplas entregarão a primeira versão dos seus folhetos, já autocorrigidos, à professora.	01 aula
Avaliação: No decorrer de cada atividade, os alunos serão avaliados através de um mapa avaliativo (ver apêndice B) que tem como finalidade observar os avanços e dificuldades dos alunos principalmente por meio da observação dos resultados adquiridos frente aos objetivos de cada módulo. Em outras palavras, será considerada a avaliação formativa defendida por Perrenoud, (1999). Dependendo das implicações, o (a) professor (a) reorganiza sua			

sequência, caso seja necessário. Ou seja, a avaliação será efetivada em todas as etapas desta sequência didática.

1ª etapa- Apresentação da situação - 01 aula

- Roda de conversa com os alunos sobre a sequência a ser trabalhada: os objetivos, organização e utilidade da sequência. Os alunos serão informados que o gênero literário do projeto é o folheto do seu conterrâneo Hefraim Andrade Israelí; também serão informados que a sequência contemplará as etapas de letramento (leitura, compreensão e produção de texto) vinculados ao contexto sociocultural maruinense e como este trabalho pode fortalecer a cultura local.

Um tiquinho de teoria

[...] O leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc. (...) não se trata simplesmente de extrair informações da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente compreensão na qual os sentidos começam a ser construídos antes da leitura propriamente dita. (PCN – 2001 p. 125)

IMPORTANTE!!!

A avaliação formativa irá conduzir tanto o trabalho docente, como o discente também. Significa que, para cada atividade, o professor e seus alunos vão refletir sobre as experiências em vivência e aquelas já vivenciadas para tomar decisões que intencione o bom andamento da aprendizagem. Para Perrenoud (1999), essa avaliação se dá na comunicação existente nas aulas professor-aluno, aluno-aluno, aluno-professor (PERRENOUD, 1999, p. 116). Assim, a conversa informal na apresentação da situação será de grande valia para dar o pontapé inicial no processo de avaliação.

2ª etapa- Antecipação da leitura - 02 aula

- A professora vai montar numa mesa com vários tipos de gêneros literários, incluindo vários folhetos de cordéis de diversas autorias, e pedirá que os alunos escolham uma obra e, na roda de conversa, identifiquem os cordéis e expressem oralmente porque acreditam que aquelas obras são desse gênero, explorando todas as características possíveis (verbal e visual);
- Em seguida, o (a) professor (a) efetivará a palestra interativa com o autor da obra *As aventuras de Otto Schramm...* sobre breve histórico do cordel (criação, circulação, leitura etc.) e contexto da criação do folheto em questão (motivações); conversa sobre curiosidades dos alunos referentes à obra;

- Leitura verbo-visual compartilhada da capa do cordel;
- Em grupos pequenos, utilizar um caça-palavra elaborado pela professora para encontrar elementos contidos na capa do cordel;
- Roda de conversa, pós leituras e palestra, para dedução da narrativa contida no cordel.



ENCONTRE NO CAÇA-PALAVRAS OS ELEMENTOS VERBO-VISUAIS QUE
CONSTAM NA CAPA DO FOLHETO DE CORDEL AS AVENTURAS DE OTTO
SCHARAMM – AS COBRAS DO PORÃO DO GABINETE DE LEITURA DE MAROIM

Y	M	T	R	H	Y	E	I	D	L	G	T	S	E	E	L	H	A	G	I	I	G
M	T	U	H	I	H	G	M	L	H	A	L	A	E	S	P	W	A	R	S	F	V
T	T	O	N	I	N	A	T	C	A	B	R	R	Y	F	A	S	I	H	E	O	M
S	V	P	R	G	R	S	H	U	N	I	I	V	T	L	N	N	H	G	H	L	E
T	T	I	F	U	E	A	E	L	N	N	H	A	U	Â	N	I	L	E	M	H	E
E	R	N	I	O	E	R	G	T	E	E	E	L	C	M	R	O	E	O	E	E	N
C	O	M	T	A	R	U	O	U	N	T	C	A	R	U	T	I	E	L	A	T	E
T	M	I	S	H	W	T	C	R	A	E	R	P	J	L	T	V	O	R	S	O	D
H	T	N	O	U	S	N	F	A	N	T	L	H	O	A	R	H	S	L	E	D	T
C	H	F	I	E	L	E	O	A	O	E	D	A	R	D	N	A	S	I	R	E	E
E	T	D	G	O	N	V	E	L	T	G	A	R	V	T	R	W	S	D	E	C	H
I	W	N	I	K	D	A	A	S	R	E	N	E	C	S	L	I	O	H	O	O	R
E	A	R	U	V	A	R	G	O	L	I	X	H	D	I	H	O	Y	T	T	R	P
G	N	Y	L	H	I	B	H	I	E	E	A	I	I	O	G	N	N	S	H	D	F
D	E	I	U	S	S	O	I	M	M	A	R	H	C	S	O	T	T	O	I	E	T
T	D	N	R	P	S	C	O	R	O	A	A	T	N	T	P	O	R	Ã	O	L	H

**AVENTURAS - CARTOLA - COBRA - COROA - CULTURA - FLÂMULA -
FOLHETO DE CORDEL - GABINETE - LEITURA - MARUIM - NAJA - OTTO
SCHRAMM - PALAVRAS - PORÃO - REGNUM - VALENTE -
XILOGRAVURA**

Fonte: Autoria própria (2020).

Um tiquinho de teoria

Segundo Roza (2018), a prática de jogar em sala de aula, “o próprio ato de brincar precisa ser visto como produtividade e que jogar é um processo intrinsecamente educativo, “essencial enquanto forma de humanização”. (PERROTTI, 1995, p. 26-27 apud ROZA, 2018, p. 176) A ludicidade com a capa do cordel é conveniente, pois, conforme Loureiro (2010, p. 261) a capa “dialoga com várias linguagens, tornando-se um artifício estético e semiótico do folheto que colabora para a revelação de significados implícitos e explícitos ao texto”. A autora acrescenta que a capa “acompanha as diversas relações do autor com variados contextos sociais e com as linguagens que os representam”, conclui.

Oxe, tem uma dica sim Sinhô!

Caso o (a) professor (a) não tenha possibilidade de efetivar uma palestra com o autor de cordel, pode montar slides ou cartazes com os alunos que apresentem a biografia e, se possível, o contexto histórico e social da obra escolhida.

IMPORTANTE!!!

Todas as atividades interativas deste módulo servirão de base para que os alunos consigam desenvolver os conhecimentos prévios da leitura. Esta etapa de leitura é de suma importância para a construção da compreensão do texto e para estimular a leitura integral.

Demonstração de Mapa Avaliativo da Antecipação de Leitura

Alunos / Desempenho	▪ Conseguiu identificar o gênero folheto de cordel.	▪ Atentou e participou ativamente da palestra sobre cordel.	▪ Participou da leitura da capa do cordel e do jogo caça-palavra.	▪ Deduziu herói, vilão, temática etc. e se interessou pela leitura integral do texto.
A1				
A2				
A3 ...				

Fonte: Autoria própria (2020).

Legenda:

E	EXCELENTE
S	SATISFATÓRIO
I	INSATISFATÓRIO

SOBRE O MAPA AVALIATIVO:

Com esse mapa, o (a) professor (a) vai colorir as células de cada aluno de acordo com o desempenho que ele/ela observou durante a aula. Vale ressaltar que os descritores de desempenho do mapa estão de acordo com os objetivos das atividades.

3ª etapa – a) Primeiras leituras da narrativa do folheto de cordel

- No Gabinete de leitura de Maruim, próximo ao porão misterioso relatado no folheto, alunos estarão de pé em círculo. A professora suscitará perguntas para motivação e previsão da leitura. Haverá leitura silenciosa das dez primeiras estrofes por parte dos alunos.
- Leitura expressiva por parte do (a) professor (a) das dez primeiras estrofes do cordel;
- Serão levantadas perguntas por parte do (a) professor (a) e dos alunos sobre a narrativa lida nessa atividade.

Um tiquinho de teoria

Silva (2009, p. 80) afirma que “Interesse e curiosidade são o cerne da motivação para leitura”. Nesse sentido, as atividades com a leitura silenciosa e expressiva no espaço retratado na trama do cordel e as perguntas instigadoras se constituem como ferramentas motivacionais para despertar o interesse do alunado pela leitura integral do texto e sua compreensão (SOLÉ, 1998, p. 91,156).

Oxe, tem duas dicas sim Sinhô!

1. Você, professor (a), pode fazer as primeiras leituras em um espaço igual ou parecido constante no cordel escolhido. Também pode confeccionar cartaz, banner, slide de um cenário do cordel para motivar a leitura inicial e total do texto.
2. Algumas perguntas que podem ser feitas depois da leitura silenciosa e expressiva para as primeiras confirmações das deduções da narrativa: 1) O que existe no porão? Ele parece antigo e assustador? 2) O protagonista ou antagonista já aparecem no texto? 3) Por que os personagens queriam abrir o porão? O que será que tem lá dentro?

Mapa avaliativo das primeiras leituras da narrativa do folheto de cordel

Alunos / Desempenho	▪ Mostrou-se motivado pela leitura do folheto dentro ao gabinete de leitura.	▪ Conseguiu prever complicação da narrativa por meio da leitura silenciosa e em voz alta pela professora.	▪ Demonstrou atenção e interesse pela leitura integral do texto.
A1			
A2			
A3			

Fonte: Autoria Própria (2020).

Legenda:

E	EXCELENTE
S	SATISFATÓRIO
I	INSATISFATÓRIO

3ª ETAPA – b) Leitura integral e expressiva do folheto de cordel *As aventuras de Otto Schramm- as cobras do porão gabinete de leitura de Maroim.*

- Os alunos, após rever os elementos de leitura dramatizada, farão leitura compartilhada de forma expressiva;
- Em alguns momentos, a professora sinalizará pausas estratégicas para pôr em relevo o contexto da leitura, elucidar pontos cruciais e perguntas que facilitem a compreensão;
- Após leitura integral, a professora pedirá que os alunos façam autoanálise do texto, questionando se algumas hipóteses formuladas no decorrer da leitura foram confirmadas.

Um tiquinho de teoria

A leitura compartilhada e expressiva está no rol das estratégias de leitura. Ferrarezzi J. e Carvalho (2017, p.74-75) declaram que uma das atividades que mais intensificam o trabalho com leitura e compreensão do texto é a representação do texto. Silva (2009, p.30) corrobora com os autores citados quando revela que esses tipos de leitura vão “desvendando junto com os leitores as entrelinhas do texto [...]” e ainda “prepara o leitor para uma leitura autônoma”. (IDEM)

Mapa avaliativo da Leitura integral e expressiva do folheto de cordel

Alunos / Desempenho	▪ Participou da leitura compartilhada.	▪ Conseguiu entender o contexto sociocultural da leitura.	▪ Respondeu claramente às perguntas para compreensão da narrativa.	▪ Confirmaram suas hipóteses durante a leitura.
A1				
A2				
<u>A3...</u>				

Fonte: Autoria própria (2020).

Legenda:

E	EXCELENTE
S	SATISFATÓRIO
I	INSATISFATÓRIO

3ª ETAPA – c) Análise para compreensão do folheto de cordel *As aventuras de Otto Schramm- as cobras do porão gabinete de leitura de Maroim.*

- Haverá uma atividade em dupla ou trio para diagnosticar a compreensão leitora do folheto de cordel (temática, enredo, mensagem, crítica, humor, figura de linguagem, valorização da cultura maruinense, etc);
- Em dupla, os alunos providos de apostila sobre estrutura de folheto de cordel. Os exemplos contemplarão outro cordel “*As proezas de Zé Caititu*”, do cordelista e conterrâneo Eduardo Bittencourt e outros cordéis clássicos para estudo de rima, ritmo, estrofação e métrica;

- Debate sobre a desvalorização da cultura local: o cordel, do lugar onde vivem os alunos e variação linguística local.

Um tiquinho de teoria

Ferrarezzi Jr. e Carvalho (2017, p.164-165) mostram a importância de o leitor “identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto”. Daí a consideração de trabalhar a variedade linguística da região Nordeste presente no folheto de cordel nas aulas, pois “contribui, sobretudo para a compreensão do texto como uma construção sócio-histórica e dá a seu conteúdo um valor que ele não terá se isso passar despercebido”(IDEM, p.166). Portanto, apreciar o repertório linguístico regional é também atitude de respeito `Literatura de cordel, a arte popular.

Oxe, tem uma dica sim Sinhô!

Antes de realizar o debate sobre preconceito linguístico (e contra a literatura popular), vale a pena o (a) professor (a) investir um pouco de tempo sobre o assunto variedades linguísticas no Brasil, para que os alunos tenham consciência da existência das variantes e que nenhuma delas incorrem em erro no trato da oralidade.

Mapa avaliativo da análise para compreensão do folheto de cordel

Alunos / Desempenho	▪ Compreendeu a narrativa através da exploração dos elementos linguísticos.	▪ Demonstrou compreensão do contexto histórico, social e cultural do folheto lido.	▪ Adquiriu conhecimento da estrutura textual de folheto de cordel.	▪ Demonstrou atitude de respeito diante do preconceito linguístico, artístico e social durante o debate.
A1				
A2				
A3				

Fonte: Autoria própria (2020).

Legenda:

E	EXCELENTE
S	SATISFATÓRIO
I	INSATISFATÓRIO

4ª ETAPA – a) Trabalhando com o léxico e cultura local

- Pedir que os alunos explorem o léxico (palavras desconhecidas e pertencentes à linguagem popular no cordel;

- Solicitar uma pesquisa, em dupla ou trio, para que os alunos tragam uma coleta de palavras ou expressões culturais advindas de falares de seus familiares, vizinhos, etc. que se enquadrem na variante linguística popular de Maruim. Os alunos também vão fotografar pontos históricos, da zona urbana ou rural. Farão *banners* ao estilo de cartão postal com essas fotografias, cujas legendas informativas do local contemplarão os falares populares oriundos da coleta da pesquisa. Haverá um momento para expor esses trabalhos.
- Execução do jogo “Corrida do dicionário regional”, momento de entretenimento no dia da exposição dos *banners*.

Vejam as regras e um exemplo de jogo concluído:

JOGO – CORRIDA DO DICIONÁRIO REGIONAL

É um jogo que trabalha com léxico regional, xilogravura e informações ou conceito palavras ou expressões populares para compor um dicionário com imagens.

Onde? No pátio coberto (mas pode ser em sala de aula)

Como? Os alunos serão divididos em 5 grupos. Cada grupo receberá uma caixa fechada de papelão com 9 placas (de papelão, cartolina tipo *colorset* ou papel catão etc.) assim disposta:

- Três placas serão gravadas com uma palavra ou expressão popular da região (uma palavra ou expressão para cada placa);
- Mais três placas com três imagens de xilogravura que retratam as palavras ou expressão (uma imagem por placa);
- Mais três placas com o significado ou conceito da palavra ou expressão popular (um conceito ou significado para cada placa).

Assim, haverá 5 caixas com 9 placas, dentro de cada uma, conforme as instruções supracitadas. Essas placas estarão na caixa embaralhadas e algumas delas contemplarão palavras do cordel estudado e da coleta dos alunos.

Cada grupo, em fileira, terá na sua frente (cerca de 4 a 6 metros) 1 placa de isopor identificando cada grupo e marcadas (desenhada ou pintada) com retângulos do mesmo tamanho das placas da caixa, ou seja, 3 retângulos em cada ‘linha’, totalizando 9 espaços para serem preenchidos pelos alunos.

O primeiro espaço sempre corresponde à palavra, o segundo à imagem e o terceiro ao significado. A professora explicará que, ao seu sinal, apenas um aluno da frente de cada grupo poderá pegar uma placa (sem escolha), e colar no devido espaço (o da palavra, da imagem, no meio e de significado). Ele deve voltar à fileira e tocar a mão do segundo aluno e vai para o final da fila. O segundo aluno, após o toque, é liberado para pegar outra placa. Caso não combine com a primeira placa, ele vai colar na linha seguinte. Esse processo será feito até que as placas estejam todas alinhadas. Será o grupo vencedor aquele que completar os espaços primeiro e de forma correta.

Palavra ou expressão	Xilogravura	Significado
Bate-coxa		Dança popular, geralmente forró.
Encangadas		Andam juntas; vivem acompanhadas uma da outra.
Labafero		Confusão, briga, desordem.
EXEMPLO DE JOGO CONCLUÍDO		

Fonte: Autoria própria (2020).

Um tiquinho de teoria

É de suma importância trabalhar o vocabulário de um folheto de cordel. Lá reside uma riqueza de falares populares típicos de uma região. Antunes (2012, p. 46) revela “[...] o repertório lexical que manejamos constituem ‘pistas’ claras de nosso pertencimento aos grupos onde tecemos nossa identidade”. O trabalho com o léxico não só facilita a compreensão leitora, mas se compromete com a valorização das diversidades sociolinguísticas. Paim (2019) é categórica ao dizer que há “diferentes formas de dizer o mesmo com o mesmo valor de verdade num determinado contexto comunicativo” (PAIM, 2019, p.63).

IMPORTANTE!!!

Caso haja dificuldade de encontrar as xilogravuras relacionadas às palavras ou expressões populares de sua região, invista nas figuras de jornais, revistas etc. para reforçar a atividade verbo-visual. Não esqueça de mencionar a autoria das imagens.

Mapa avaliativo - Trabalhando com o léxico e a cultura local

Alunos / Desempenho	▪ Explorar o léxico do cordel em estudo, em especial, palavras populares da região.	▪ Coletou palavras e expressões populares peculiares de Maruim. Fez os registros fotográficos.	▪ Participou do processo de escrita da legenda do <i>banner</i> , da exposição desse e do jogo.	▪ Reconheceu a importância de valorizar sua identidade cultural.
A1				
A2				
A3 ...				

Fonte: Autoria própria (2020).

4ª ETAPA – b) Planejamento da escrita do folheto de cordel e da ilustração da capa

- Em dupla (se os alunos preferirem) os educandos vão pensar e escolher para escrever seu folheto de cordel: tema, métrica, rima, estrofe, um (uns) espaço (s) de Maruim, personagens, lista de vocabulário típico da região, ilustração da capa etc.
- A professora indicará links de canais de cordéis de cordelista maruinense e de outras localidades para interação com cordel e seus autores.

Um tiquinho de teoria

No letramento, o último passo é atividade com a escrita. Esta é precedida da leitura e da compreensão do texto, aqui, o folheto de cordel. Os alunos precisam dominar o ato de escrever também, pois “a palavra escrita tem poder de emancipar o aluno” de uma sociedade tão injusta com os menos favorecidos (KLEIMAN e MORAIS, 2007, p.55). As autoras ainda salientam que trabalhar com leitura que visa o ensino da escrita é inserir o aluno no mundo do livro, na ciência, na sua herança cultural e literária. (IDEM, p. 56). A proposta deste caderno favorece essas práticas de leitura e escrita.

Oxe, tem uma dica sim Sinhô!

Professor (a), vale a pena mediar o planejamento da escrita do folheto de cordel com ajuda do material sobre estrutura do folheto de cordel, disponível no Apêndice C deste trabalho.

Mapa avaliativo – planejamento do folheto de cordel e da ilustração da capa

Alunos / Desempenho	▪ Formaram as duplas para escrita do cordel.	▪ Escolheram temática e estrutura e vocabulário regional.	▪ Planejou a narrativa do cordel (apresentação, enredo e desfecho).	▪ Interagiu com cordelistas e seus cordéis em redes sociais.
A1				
A2				
A3 ...				

Fonte: Autoria própria (2020).

▪ 4ª ETAPA – c) Entrega da primeira versão da produção do folheto do cordel e da ilustração da capa; procedimentos para publicação dos cordéis.

- As duplas entregarão a primeira versão dos seus folhetos, já autocorrigidos, à professora;
- As duplas também apresentarão a primeira versão (ou já concluída) da ilustração dos seus respectivos cordéis.
- O (A) professor (a) será responsável pelo trabalho gráfico; Acontecerá, no dia do evento escolar ‘Café Literário’, a exposição dos seus folhetos; as duplas terão uma manhã de autógrafos, recitação dos seus cordéis;

Um tiquinho de teoria

A autocorreção do texto é fundamental no processo de finalização de uma produção textual. Nesse procedimento, o aluno, “de escritor, passa a ser leitor de si mesmo”, explica Passarelli (2012, p. 160, 161). Para a autora, a revisão do texto “denota preocupação do redator em adequar seu texto ao destinatário, sem perder de vista a finalidade do texto.” (IDEM). É importante a interação do (a) professor nesse processo: “concordando, discordando, acrescentando, perguntando etc.” (GERALDI, 2012, p. 128), enfim, ajudando o aluno a aprender.

IMPORTANTE!!!

O processo de editoração fica a critério das condições de cada escola – e de cada professor (a). Há custos para impressão dos folhetos fora da escola, e isso deve ser pensado pelos professores, alunos e gestores. Entretanto, é a criatividade que trilhará os rumos da editoração dos folhetos de cordel na impossibilidade de impressão formal.

Oxe, tem uma dica sim Sinhô!

Professor (a), você pode adaptar o evento literário ‘Café Literário’ para outros, como encontros, saraus, ou uma feira (literalmente) de cordel, composta de barracas de cordéis produzidos pelos alunos. Toda a comunidade escolar e familiares seriam convidados. Um evento com abordagem de folheto de cordel pode ultrapassar os limites de festejos juninos e semana do folclore.

Mapa avaliativo- Entrega da primeira versão do folheto de cordel e da ilustração da capa; procedimentos para publicação dos cordéis

Alunos / Desempenho	▪ Escreveu a primeira versão do folheto de cordel.	▪ Ilustrou a capa do folheto de cordel.	▪ Entendeu e sugeriu como será a editoração e publicação dos folhetos produzidos.
A1			
A2			
A3 ...			

Fonte: Autoria própria (2020).

FIM DE PROSA!!!

Na sequência exposta neste caderno pedagógico, com vistas às adaptações necessárias para cada turma e/ou professor (a), pode ser trabalhado outro folheto de cordel que mais se encaixe na realidade sociocultural dos alunos. Dessa forma, a imersão de professores e alunos no universo da literatura popular será mais proveitosa.

Esperamos que este trabalho lhe seja favorável às suas aulas de prática de letramento. Este é nosso propósito – contribuir para que você, professor (a), possa fazer aulas de leitura e escrita de mãos dadas com a diversidade cultural tão marcada não só nos folhetos de cordéis, mas também no universo dos alunos.

APENDICE B - SUGESTÕES DE PERGUNTAS PARA CAPA E NARRATIVA DO FOLHETO DE CORDEL

Sugestões de perguntas sobre a capa do folheto de cordel

- 1- Analisando a capa do folheto, você acha que a história se passa na atualidade?
- 2- Quais são os elementos da capa que dão pistas para sua resposta acima?
- 3- Pela leitura visual da capa, dá para deduzir quem é o herói ou heroína e o vilão ou vilã da história. Por quê?
- 4- Você acredita a história vai acontecer no porão do gabinete de leitura de Maruim?

Sugestões de perguntas sobre a narrativa “As aventuras de Otto Scharamm: as cobras do porão gabinete de leitura de Maruim”

Da 1ª a 15ª estrofe

- 1- Para que se trabalhou por três dias no gabinete de leitura?
- 2- Qual foi o instrumento utilizado para cavar a terra?
- 3- Após escavação, encontraram uma tampa e um aviso escrito nela: esse aviso era animador? Por quê?
- 4- Quais foram as maneiras de tentar abrir o porão do gabinete?
- 5- Finalmente, como o porão foi aberto?
- 6- O que saiu do porão após ele ser aberto?

Da 16ª a 30ª estrofe

- 1- Qual foi a reação do personagem Thomaz Rodrigues da Cruz diante da situação?
- 2- Muitos maruinenses fugiram para qual município? E os alemães fugiram para onde?
- 3- Otto Scharamm, o cônsul alemão, foi arrastado pelas cobras até a praça. A cascavel o largou na frente de quem?

Da 31ª a 53ª estrofe

- 1- O cônsul Otto se curvou diante da cobra-rei?
- 2- O que as cobras queriam do cônsul?

- 3- Ao escapar das cobras, o cônsul foi a até a tia Adolphine. Ela deu a Otto uma flauta mágica. Que poder esta flauta tinha?
- 4- Como Otto venceu as serpentes?
- 5- Depois de derrotadas, as cobras foram aprisionadas em que lugar?
- 6- A história termina com o porão trancado. Você acredita que ainda existem essas cobras falantes no porão do gabinete de leitura?

Sobre a linguagem e contexto histórico

- 1- Pelo seu repertório linguístico, a palavra labafero que consta na 15ª estrofe quer dizer:
 Lamento Sofrimento
 Confusão Alegria
- 2- Para você, o que significa o termo ‘presepada’, também contido no folheto?
- 3- O folheto de cordel geralmente traz gracejo e humor. Relate um gracejo da página 11.
- 4- Na narrativa, há realidade histórica e fantasiosa. Identifique uma situação real de Maruim e uma de fantasia contidas no folheto.

APÊNDICE C – Material apostilado sobre a estrutura do folheto de cordel

MATERIAL SOBRE A ESTRUTURA DO FOLHETO DE CORDEL

Você sabe por que o nome é cordel?

Porque na sua origem, esse gênero literário era escrito em folhetos e pendurados em cordão (barbante) em bancas de feira livre ou mercados do Nordeste brasileiro. Eis o motivo de chamar cordel.

De onde veio mesmo o cordel?

O folheto de cordel do Brasil teve suas raízes em Portugal. Mas o cordel brasileiro passa a ter características próprias ao ser introduzido no nosso país na região nordestina por volta do século XVIII. Primeiro, o cordel foi cantado ou recitado em feiras ou festas. Depois ganhou a forma impressa acompanhado de xilogravura. Alguns cordelistas que se destacaram como clássicos: **Leandro Gomes de Barros, João Martins de Athayde, Manoel D’Almeida Filho, dentre outros.**

Essas produções de poesia popular conquistaram os nordestinos, pois elas, de maneira simples, concebem a riqueza histórica, religiosa, cultural, social e artística do povo do Nordeste. Hoje existem muitas academias de literatura de cordel em várias regiões do Brasil.

Vamos entender como é um cordel?

Trata-se de uma narrativa em forma de poema rimado que contempla temas oriundas das tradições populares de uma região. Vejamos como pode estar organizado um folheto de cordel:

- 1. Capa** – é um elemento visual muito importante, pois, através da xilogravura, desenhos, título e autoria, a história começa a ser contada ou sintetizada. Observe como um cordelista descreveu os ilustradores decapa de cordel:

“[...]
Muitos são os gravadores,
Fazendo xilogravuras
Que ilustram suas capas
E páginas com figuras,
Trabalhando em madeiras.
Sejam moles ou bem duras”
(Franklin Machado, em O cordel do cordel, 1982).

- 2. Miolo** – depois da capa, encontramos o miolo, que são as páginas da composição textual. Um folheto de cordel pode ser produzido entre 8 até 48 páginas.

a) **Conteúdo** – no folheto de cordel, podemos descobrir várias temáticas não só das tradições populares. Há cordéis que retratam pelezas, proezas de herói, fantasias, historicidade, sofrimentos, paixões, sagas, notícias locais, denúncia social, enaltecimento, biografias, romances, e muitos outros temas geralmente acompanhados com humor. Vamos dar uma olhada na proeza do herói, da linguagem popular e humor do folheto de cordel *As Peripécias de Zé caititu*, de Luiz Eduardo Bittencourt da Silva:

Os ladrões então alegres:
 _Essa é a que vai ser
 Jogue esse cabra da peste
 Na ribeira e vamos ver
 Ele morrendo afogado
 Sem ninguém apiedado
 Nós vamos vê-lo sofrer.

Pegaram Zé caititu
 E jogaram na maré
 Ele começou a afundar
 Ladrões de orelha em pé
 Por baixo ele foi nadando
 Com os peixes foi brincando
 Mangando dos “Zé Mané”.

Quando bem distante estava
 Aos risos e gargalhadas
 Gritou alto pra os ladrões
 Que não entendiam nada
 _ Seus otários, vacilões
 Nado feito os tubarões
 Vou seguir minha jornada.

b) **Estrofação** – segue algumas formas encontradas no folheto de cordel quanto à organização das suas estrofes:

- Quadra (estrofe de quatro versos)
- Sextilha (estrofe de seis versos)
- Setilha (estrofe de sete versos)
- Oito pés de quadrão ou oitava (estrofe de oito versos)
- Décima (estrofe de 10 versos)
- Martelo agalopado (estrofe de 10 versos com tonicidade forte na 3^a, 6^a e 10^a sílaba de cada verso.)

Observe! No cordel *As peripécias de Zé Caititu*, o autor escolheu compor a história com setilha.

c) **Métrica** – os versos que são cada linha do poema, podem estar representado assim no folheto de cordel:

- Parcela ou verso de quatro sílabas;

- Verso de cinco sílabas;
- Versos de sete sílabas;
- Versos de 10 sílabas;
- Versos de 12 sílabas
-

d) **Rimas** – as rimas podem ser elaboradas de várias formas. Podemos encontrar as rimas alternadas, emparelhadas e interpoladas folhetos de cordel. Vamos verificar como elas ficam dispostas em outra estrofe do no cordel *As peripécias de Zé Caititu*:

Personagens das estórias	A
São espertos pra chuchu	B
São alegres e arteiros	C
Vão do norte até o sul	B
Existiu um muito esperto	D
Numa cidade bem perto	D
Chamado Zé Caititu.	B

Essa elaboração de rimas é muito comum em folhetos de cordel. Mas há autores que preferem o uso somente das rimas alternadas, como mostra João Firmino Cabral em *O exemplo da moça que casou com o capeta*, 2011):

Quem acredita em castigo
 Para o desobediente
 Por favor leia esse caso
 Que se deu antigamente
 Mostrando quanto padece
 A pessoa que é descrente.

Agora que você já conhece a estrutura do folheto de cordel, planeje a escrita do seu. Lembre-se: sua história precisa ter um início, uma complicação, o desenrolar dessa complicação e um desfecho.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. São Paulo: Mercado das Letras; Associação de Leitura do Brasil, 1999.
- ANTUNES, Irlandé. **Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula**. 1ª ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- BORJES, J. **Crianças no campo**. Xilogravura. Disponível em: <https://www.pinterest.se/pin/853995148060275110/>. Acesso em: 02 dez. 2020.
- _____. **A chegada da prostituta no céu**. Xilogravura. Disponível em: <http://artepopularbrasil.blogspot.com/search/label/J.%20Borges>. Acesso em: 02 dez. 2020.
- _____. **Forró pé de serra**. Xilogravura. Disponível em: <http://artepopularbrasil.blogspot.com/search/label/J.%20Borges>. Acesso em: 02 dez. 2020.
- CABRAL, João Firmino. **O exemplo da moça que casou com o capeta**. 1ª ed. – Fortaleza: Tupynanquim, 2011.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2014.
- FERRAREZI JR., Celso; CARVALHO, Robson Santos de. **DE alunos a leitores: o ensino da leitura na educação básica**. - 1ª ed – São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Editora Cortez, Autores Associados, 1989.
- GERALDI, J. W. (Org.) **O texto na sala de aula**. – São Paulo: Anglo, 2012.
- ISRAELÍ, Hefraim A. **As aventuras de Otto Schramm -as cobras do porão do gabinete de leitura de Maroim**. 1ª ed. – Aracaju: Datagraph, 2019.
- JESUS, Alan Santos. **Labafiro: a diversidade cultural de Maruim no processo de leitura e escrituração através do cordel**. Desenho digital. 2020. 1 Gravura.
- KLEIMAN, Angela B.; MORAES, Silvia E. **Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola**. - 7ª ed – Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999 – (Coleção Ideias Sobre Linguagem).
- LEFFA, Vilson J. **Perspectivas no estudo da leitura: Texto, leitor e interação social**. In: _____; PEREIRA, Aracy, E. (Org.). **O ensino da leitura e produção textual: Alternativas de renovação**. Pelotas: Educat, 1999, p. 13-37.
- LOUREIRO, Clarissa. **A importância das capas na simbolização da literatura de cordel ao longo de sua história**. Linguagens- Revista das letras, arte e comunicação. Blumenau, v. 4, n.3, p. 260-271, set./dez. 2010. Disponível em: [Luciana Debatin \(furb.br\)](http://luciana.debatin.furb.br). Acesso em: 01 set. 2020.
- MACHADO, F. **O cordel do cordel**. 1982, 8p. Disponível em: <http://cordel.edel.univ-poitiers.fr/viewer/show/148>>. Acesso em: 09 dez. 2020.
- PAIM, Marcela Moura Torres. **Tudo é diverso no universo**. 1ª ed.- Salvador: Quarteto, 2019.
- PASSARELLI, Lílían Ghiuro. **Ensino e correção na produção de textos escolares**. São Paulo: Telos, 2012.
- PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens - entre duas lógicas**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
- PERROTTI, Edmir. **Elementos para o debate: a escola como oficina lúdica**. In: Anais do primeiro seminário sobre o papel da arte no processo de socialização e educação da criança e do jovem, n. 1. São Paulo, Unicsul/SP, 1995, p. 26-30.
- RIGONATTO, Mariana. **Folhetos de cordel**. Disponível em: <https://escolakids.uol.com.br/portugues/folhetos-cordel.htm>. Acesso em 04 nov. 2020.

ROIPHE, Alberto. **Folheto de cordel**: um gênero verbo-visual. In: _____; FERNANDEZ, Marcela Afonso (Org.). *Gêneros textuais: Teoria e prática nos anos iniciais do Ensino Fundamental*. Rio de Janeiro: Rovelte, 2011, p. 113-135.

ROZA, Edileide Santos. **Cordel, letramento literário**: teoria e prática. 2018. 154\227f. Dissertação (Mestrado em Letras) -Universidade de Sergipe, São Cristóvão, 2018.

SERGIPE. **Currículo de Sergipe**: educação infantil e ensino fundamental. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1pfs1jDL9yamHg8Dfsc-j6392_UUVYYH/view. Acesso em 04 abr. 2020.

SILVA, Luiz Eduardo Bittencourt da. **As peripécias de Zé Caititu**. Volume 1.1ª ed- Aracaju: Datagraph, 2020.

SILVA, V. M.T. **Leitura Literária & outras leituras**: impasses e alternativas no trabalho do professor. 1ª ed. – Belo Horizonte: RHJ, 2009.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. Tradução: Claudia Shilling; revisão técnica: Maria da Graça Souza Horn. – 6ª ed- Porto Alegre: Penso, 1998.

ANEXO A – O FOLHETO DE CORDEL



FICHA TÉCNICA

Título

AS AVENTURAS DE OTTO SCHRAMM: AS COBRAS DO PORÃO DO
GABINETE DE LEITURA DE MAROIM

Autor

HEFRAIM ANDRADE

Digitação / Revisão

O AUTOR

Arte da capa

HEFRAIM ANDRADE

Diagramação

RENILSON LIMA

Impressão

DATAGRAPH
(79) 3222-4769

ב"ה

Dedico esta obra literária à memória do ilustre
cônsul alemão F. Otto Schramm, patrono da cadeira
que ocupo na Academia Maruinense de Letras e
Artes. Um homem visionário que contribuiu
significativamente para o desenvolvimento da
Cidade de Maruim, no século 19. Dedico-a também
a todos os seus familiares, cá no Brasil e na
Alemanha.

*Ofreso el livriko es este al onoravle i kerido senyór
Levy i a su famiya. Lo ofreso tambien a toda
komunitá djudia sefardí de Estado de Sergipe, en
Brazil.*

*Ke El Dyó Bindicho, Dyó de nuestros Padres
Abraham, Isaak i Iaakob, mos quadre a mozotros i
mos aga ombres i mujeres prosperos!*

AGRADECIMENTO

Primeiramente, desejo agradecer a *El Dyó*, que a tudo vê e dá aqueles que humildemente o buscam
Conhecimento e Entendimento.

Agradeço a todos os confrades e *consórores* da Augusta e Benemérita Academia Maruinense de Letras e Artes bem como aos confrades e *consórores* vinculados a outras Academias por seu apoio direto e indireto.

Por fim, agradeço aos amigos e colegas envolvidos direta e indiretamente para a publicação deste trabalho.

INTRODUÇÃO

A cidade de Maruim, no Estado de Sergipe, viveu, no século 19, um período áureo na produção açucareira. Para cá, vieram muitos estrangeiros e dentre eles uma ilustre família alemã, os Schramm. Estes, inauguraram em 1840, a Firma A. Schramm & Cia, que tinha filiais em Recife, Salvador, Rio de Janeiro e na cidade alemã de Hamburgo². Em seu ceio, destacou-se F. Otto Schramm, ao vir residir em Maruim (Maroim), em 1866, para administrar a mencionada Firma.

Após o falecimento da esposa de seu tio Ernest, Adolphine Schramm (1826 - 1863), seu sobrinho assumiu os negócios da família, que incluíam, por exemplo, uma usina açucareira, trapiches, propriedades agrícolas e uma descarçadeira de algodão a vapor. Em sua estadia aqui o germânico doou à Igreja Matriz local um órgão de tubos e um relógio que foi colocado no alto de sua torre³. Sabe-se que na vinda do Dr. Francisco Idelfonso Ribeiro de Meneses à cidade, em 1878⁴, já existiam consulados e vice-consulados para tratar dos interesses dos estrangeiros residentes e que Otto ocupou cargo de cônsul. Também é de nosso conhecimento que foi sócio benemérito do Gabinete de Leitura de Maruim⁵; apoiador de sua Revista Literária⁶; e que tentou favorecer o pintor maruinense Oséas Santos (1865 - 1949), pois desejava que este entrasse para uma oficina de litografia alemã, quando encontrou-o na Bahia⁷. - Esta foi uma descoberta fiz enquanto lia um dos livros do IHGS, há mais ou menos um mês, onde li,

5

inclusive, que deu-lhe, por um simples "quadrinho", - na própria linguagem do pintor, - uma alta soma, a saber, 100\$000 rs, o que surpreendeu-lhe à época.

As Aventuras de Otto Schramm - As Cobras do Porão do Gabinete de Leitura de Maroim, nasceu desse contexto e da minha necessidade de dar voz a esse personagem, sobre o qual pouco sabemos ainda. Na trama, o retratei como um homem corajoso, um herói que salva a cidade, a quem esta fica imensamente grata. - Achei que era o mínimo que deveria fazer em troca de toda a sua contribuição passada. Quanto ao cenário caótico, inspirei-me em três situações distintas: A primeira, nos relatos encontrados nas cartas de Adolphine Schramm sobre a existência de répteis que a incomodavam⁸. A segunda, no Gabinete de Leitura de Maruim, uma antiga Sociedade Literária e biblioteca fundada em 19 de agosto de 1877, localizada, hoje, à praça Barão de Maruim, no centro do município, e a terceira, nas histórias populares, quase sempre cômicas, que ouvia sobre seu "misterioso porão" que atualmente está fechado para o público. Por fim, espero que apreciem esse meu terceiro trabalho que compus com muito empenho.

6

Logo após a instalação
Do Gabinete de Leitura,
Seus sócios acordaram
Alterar-lhe a estrutura.

Queriam eles aumentá-lo
E construíram novo salão.
Daí todos os pedreiros
Com força cavaram o chão.

Por três dias trabalharam
Movendo terra co'a mão
Té cavarem o suficiente
Na mais perfeita medição.

Porém, secando o suor,
Após dia duro e cansativo,
Perceberam algo curioso
Feito de ferro fundido.

Aquilo era uma tampa
Que não deveria lá estar
E nela constava escrito:
"Ai do que a destravar!"

7

Mesmo muito temerosos
Pra cumprir sua missão,
Forçaram-lhe a fechadura
Que não sofreu arranhão.

-Será mesmo o caralho!
-Disse um muito irritado.
-Que fechadura é essa?
-Nunca vi tal cadeado!

Em seguida, veio o ferreiro
Que não tinha boa cara
Buscaram até o delegado
Para abri-la com a bala.

Mas nada disso adiantou,
O metal si quer tremeu.
O mestre de obras falou:
-Isso agora resolvo eu!

Mandou logo ir alguém
Correr ao Porto Velho
A trazer desse Armazém,
Boa pólvora do Império.

8

No buraco, pôs canhão,
E armou-o com esmero.
E ao acender seu pavio
Só se ouvia o *labafero*:

Uai! Senhor dos Passos!
-Disse um em desespero.
Outro: -Saíam da frente!
O jovem: -Eu primeiro!

Ao sumir toda fumaça,
Depois desse alvoroço,
Finalmente arrombaram
E parecia ser um fosso.

-O que tem lá dentro?
-Um perguntou intrigado.
Outro disse: -A vergonha!
O moço: -É o diabo!

Entretanto, de repente,
O chão passou a tremer.
Da profunda escuridão
Cobras vieram a aparecer.

9

Os homens saíram de lá
A gritar: - Não pode ser!
Inclusive, as suas sombras
Fugiam pra sobreviver!

Corriam com tanta pressa
"Qual o vampiro da luz"
Que fizeram quase cair
Thomaz Rodrigues da Cruz.

O Doutor nada entendeu
Tomado ele pela tontura
"Mas que escarcéu é esse
No Gabinete de Leitura?!".

Mas agindo por inocência
Pela grande porta entrou.
E, quando viu a presepada,
Seu semblante até mudou.

Partiu Thomaz em disparada
Que até a cartola deixou.
Tão apavorado ele estava,
Que só na S.Vicente parou

10

Naquela altura, a cidade,
Estava em baixo de agitação
Tinham répteis pelas casas,
E a impedir a navegação.

Eram cobras de todo tipo:
Cobras coral, naja e cipó.
À praça, rodava uma jiboia,
-Uma cena de causar dó.

O pároco fechou a Igreja
Pelas muitas surucucus
De medo, os galos da torre,
Voaram como urubus.

O padre saiu escoltado
Com as beatas a rezar
Foram mil Ave-marias
E nada pode remediar

Muitos foram à S. Amaro
De *Maroim* só se fugia.
E das víboras não escapou
Nem a Schramm & Cia.

11

Debandaram todos de lá
 Como em cena de um cine
 Todos da colônia alemã
 Foram ter com Adolphine.

Todavia a Otto Schramm,
 As áspides encurralaram.
 Tomaram o cônsul consigo
 E para a praça o arrastaram.

-Mein Gott! Mein Gott!
 Mas que grande absurdo!
 Exijo que libertem-me
 Sou nascido em Hamburgo!

Nada mesmo adiantava
 Nenhuma cobra lhe soltou.
 No entanto, frente um trono
 Uma cascavel o largou.

E, Diante de seus olhos,
 Contemplou, lá parada:
 A Grã Corte das serpentes
 E sua rainha, coroada.

12

-Curva-te! - Exclamou.
 E respondeu: - Isso é piada!
 Para aonde já vai isso?! -
 Uma cobra coroada?

Saibas, neste momento,
 Que eu não me curvarei.
 Tampouco, em *Maroim*,
 Uma vibora será rei!

Suas palavras irritaram
 A rainha, que as ouviu.
 E tomada pela raiva
 Seu chocalho sacudiu.

-Escuta, agora, boche!
 Isso quero de vós:
 Passaportes assinados
 Pra viajarmos todas nós!

Vamos nós à Alemanha!
 Sairemos deste lugar!
 Eis aqui nossos papéis!
 Dá-te pressa no assinar!

13

Otto ficou apreensivo.
E não sabia o que fazer.
Quando teve uma ideia
Pro problema resolver:

Ele ergueu sua bengala
E atacou-as sem pensar.
E foi até os seus parentes
No chalé pra se abrigar.

-Tio Ernest! Tio Ernest!
Não sei que vou fazer!
Se algo não fizermos
Iremos todos morrer!

Ao ouvi-lo, Adolphine,
Gritou: -Tenho a solução!
Está dentro desta caixa.
Um presente dum sultão.

Era uma pequena flauta
Com formato diferente.
A força de sua melodia
Dominava toda serpente.

14

De pronto tomou-a Otto.
Pondo em si um turbante:
"Sou agora um encantador!
Que doma até um elefante! "

Nosso herói hamburguês
Partiu todo preparado.
A dizer: " Guten Morgen! "
Às escadas do sobrado.

Alguns lhe ouviam cantar
Fitando-o pela janela.
- " Mas quem é esse louco?
Cá na Rua da Cancela? "

E, ao despontar à esquina,
Indo à Igreja Matriz.
As jararacas não entendiam
Porque estava tão feliz.

Com muita pressa ergueu
E soprou o instrumento.
Co'a música, as serpentes,
Caíram num encantamento.

15

A Otto Schramm mostrou,
À rainha, sua autoridade
Falando: -Curva-te a mim,
Cobra cheia de maldade!

Depois deu-lhes ordem:
-Retornem para vosso lar!
Voltem pra aquele porão!
E foram sem questionar.

Uma a uma, em fileira,
Seguiam para o Gabinete.
O povo somente gritava:
-Se há um homem, é esse!

-Um viva ao destemido!
Que salvou à *Maroim*
Do domínio das cobras.
Nunca vimos algo assim!

E entraram essas diabas
No tal buraco misterioso.
E o ferreiro aquilo lacrou
Com um lacre poderoso!

16

João Cruz disse: -enterrem!
-E foi fechado aquele salão.
E ninguém mais quis saber
Desse assombroso porão.

Assim, salvou Otto o dia
Quando tudo foi sitiado,
E recebeu linda comenda
De grande brilho dourado.

Desde o acontecimento
O porão vive trancado
Pois de lá saiu um mal
Mui feroz e condenado.

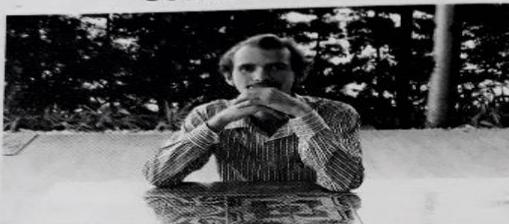
17

FONTES BIBLIOGRÁFICAS CITADAS

- ¹ AGUIAR, Joel. Traços da História de Maroim. 2ª edição. Aracaju. 2004. pg. 27.
- ² SILVA, Maria Lúcia Marques Cruz e. REVISTA LITTERARIA DO GABINETE DE LEITURA DE MAROIM (1890-1891): subsídios para a história dos impressos em Sergipe. 2006. 209 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2006. pg. 53.
- ³ SILVA, Maria Lúcia Marques Cruz e. REVISTA LITTERARIA DO GABINETE DE LEITURA DE MAROIM (1890-1891): subsídios para a história dos impressos em Sergipe. 2006. 209 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2006. pg. 53.
- ⁴ AGUIAR, Joel. Traços da História de Maroim. 2ª edição. Aracaju. 2004. pg. 26
- ⁵ SILVA, Maria Lúcia Marques Cruz e. REVISTA LITTERARIA DO GABINETE DE LEITURA DE MAROIM (1890-1891): subsídios para a história dos impressos em Sergipe. 2006. 209 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2006. pg.104.
- ⁶ SILVA, Maria Lúcia Marques Cruz e. REVISTA LITTERARIA DO GABINETE DE LEITURA DE MAROIM (1890-1891): subsídios para a história dos impressos em Sergipe. 2006. 209 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2006. pg. 106.

- ⁷ REVISTA do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Nº26, 1961 - 1965. Vol. XXII. pg. 141.
- ⁸ Cartas à Maroim. UFS/NUCA - 1991. pg. 20.

SOBRE O AUTOR



Fotógrafo: John Kennedy

Hefraim Andrade é estudante de línguas judaicas. É ativista, escritor, colunista do Blog Maruim em Pauta, é membro fundador da Academia Maruinense de Letras e Artes e do Cumbuka Coletivo Cultural.

Contato

Fone: (79) 9 8110-0090.
E-mail: hefraimandrade@gmail.com
Twitter: @sefarahipster

APOIO



APOIO
PRENSA ESCLARECIDA

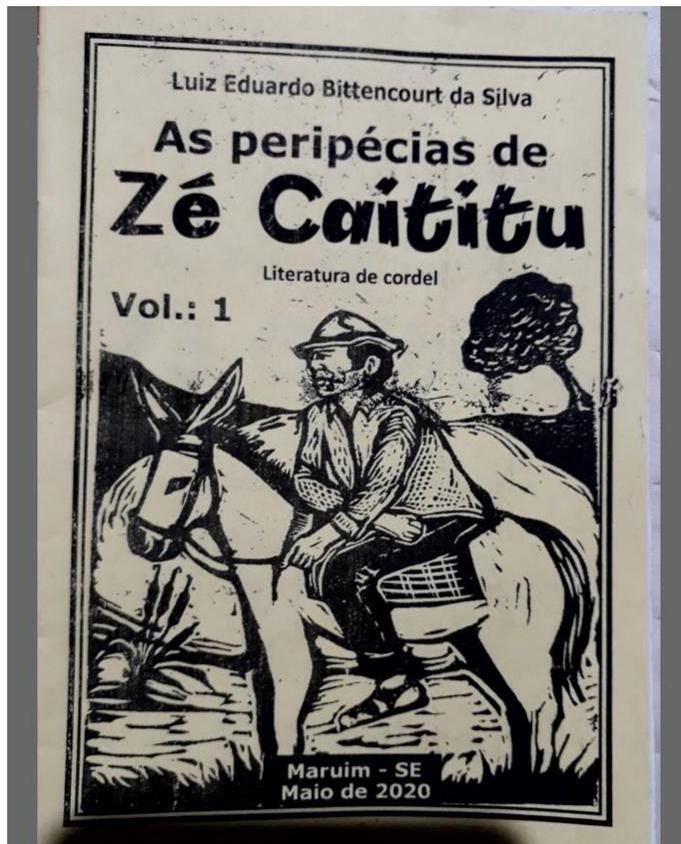


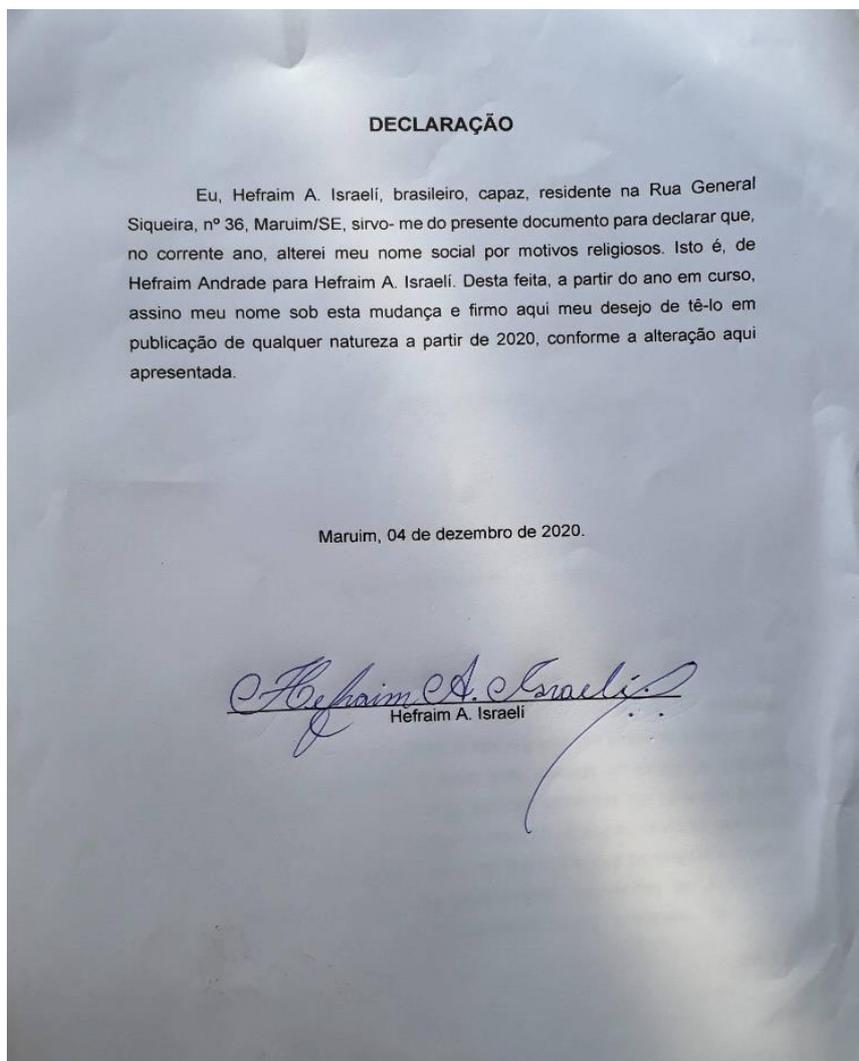
um produto

DATAGRAPH
MEDIUNIDADE SOCIAL

79 3222-4769
datagraph@outlook.com

ANEXO B – CAPA DO FOLHETO “As peripécias de Zé Caititu”.



ANEXO C – Declarações dos autores

DECLARAÇÃO

Eu, Hefraim A. Israeli, brasileiro, capaz, residente na Rua General Siqueira, nº 36, Maruim/SE, declaro para devidos fins de comprovação que autorizo a professora Elaine Cristina dos Santos a divulgar no seu relatório de conclusão do curso do PROFLETRAS – UFS/SE, o folheto de cordel de minha autoria intitulado *As Aventuras de Otto Scharamm – as cobras do porão do gabinete de leitura de Maruim*, bem como a exposição de minha biografia (manuscrita e entregue por mim à citada professora) no trabalho acadêmico em referência.

Maruim, 04 de dezembro de 2020.

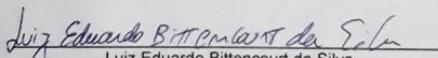

Hefraim A. Israeli



DECLARAÇÃO

Eu, Luiz Eduardo Bittencourt da Silva, brasileiro, capaz, residente na Rua Santo Amaro, s/n, declaro para devidos fins de comprovação que autorizo a professora Elaine Cristina dos Santos a divulgar no seu relatório de conclusão do curso do PROFLETRAS – UFS/SE, o folheto de cordel de minha autoria intitulado *As Peripécias de Zé Caititu*, volume 1, publicado em 2020.

Maruim, 04 de dezembro de 2020.


Luiz Eduardo Bittencourt da Silva
maruimeduardo@bol.com.br